



0006072
0001150

A UTOPIA POSSÍVEL Robinson

Sem *Utopia* não há história. Utopia entendida não como o irrealizável, mas como o *ainda* não realizado.

Construída a cada dia por homens e mulheres ao mesmo tempo idealistas e com os pés no chão.

A base para essa construção é o Evangelho. Não um "evangelho" parcializado, domesticado, instrumentalizado, mas um Evangelho Integral. Daí o subtítulo do livro: *Em Busca de Um Cristianismo Integral*.

É nesse contexto que Robinson Cavalcanti desenvolve quatro blocos temáticos:

- *Questões Teológicas*
- *Questões Eclesiásticas*
- *Questões Sociais*
- *Questões políticas*

Uma leitura desafiadora e edificante. Indispensável a quem quer tornar o Evangelho relevante a esta geração.



004085

A UTOPIA POSSÍVEL

editora
Ultimato

ISBN 85-86539-02-3



9 788586 539022

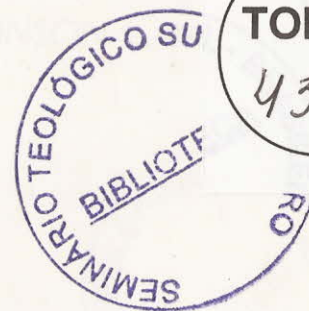
211.5
CAV
uto
e.1

a topia possível

EM BUSCA DE UM
CRISTIANISMO INTEGRAL

ROBINSON CAVALCANTI

editora
Ultimato



TOMBO

4353

A Utopia Possível

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

Cavalcanti, Robinson, 1944 -

C167u A Utopia Possível - em busca de um cristianismo integral /
1997 Robinson Cavalcanti. 2.ed.rev. - Viçosa: Ultimato, 1997.
168p.

ISBN 85-86539-02-3

1. Ética cristã. 2. Teologia. 3. Sociologia cristã. 4. Cristianismo e
política. I. Título.

CDD. 19.ed. 241

CDD. 20.ed. 241

A UTOPIA POSSÍVEL - EM BUSCA DE UM CRISTIANISMO INTEGRAL
Copyright © Robinson Cavalcanti

1ª Edição: Dezembro, 1993

2ª Edição: Agosto, 1997

Revisão: Antônio Carlos W. C. de Azeredo

Capa: Jairo Gonçalves Jr.

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados pela
Editora Ultimato Ltda.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa - MG

Telefone: (031) 891-3149 - Fax: (031) 891-1557

E-mail: ultimato@homenet.com.br

Mais forte do que todos os exércitos é o
poder de uma idéia cujo tempo chegou"

Victor Hugo

A juventude dos questionadores anos 60
- minha geração - que, nos encontros e
desencontros de sonhos e pesadelos,
ousou querer mudar.

Aqueles que, ainda hoje, resistindo às pressões,
tentações e inquisições, continuam ousando.

(Rm 12.2)

DADOS SOBRE O AUTOR:

Robinson Cavalcanti é bispo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, ex-Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, onde é professor de Ciência Política.

É membro da Academia Pernambucana de Educação e Cultura, do Conselho Consultivo da Aliança Bíblica Universitária do Brasil e do London Institute for Contemporary Christianity. É membro fundador da Fraternidade Teológica Latino-americana e representante para a América Latina da Associação dos Evangélicos na Comunhão Anglicana.

Integrou a Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial e a Comissão Teológica da Aliança Evangélica Mundial. É autor dos seguintes livros:

- > Cristo na Universidade Brasileira
- > Uma Bênção Chamada Sexo
- > O Cristão, Esse Chato
- > As Origens do Coronelismo
- > Cristianismo e Política
- > Igreja: Agência de Transformação Histórica
- > Igreja: Comunidade da Liberdade
- > Liberdade e Sexualidade
- > Cristianismo e Pós-Modernidade - a fé em tempos de neo-liberalismo (*no prelo*)

Índice

<i>Prefácio à segunda edição</i>	9
<i>Prefácio à primeira edição</i>	11

UNIDADE I - A QUESTÃO TEOLÓGICA

1. Conservadores-liberais; liberais-conservadores	15
2. Os cristãos e a missão da igreja	19
3. Os cristãos e o conhecimento científico	30
4. Ferramentas para a verdade	33
5. Por uma teologia da vida	36
6. Encarnando o reino de Deus	39
7. A missão integral da igreja	43
8. Sinistrose escatológica	46
9. Enquanto o céu não vem	49
10. Venha o teu reino...	52

UNIDADE II - A QUESTÃO ECLESIAÍSTICA

11. Por um agiornamento evangélico	57
12. Divisionismo evangélico: escândalo e pecado	60
13. Os evangélicos e o ecumenismo	63
14. Unidade na diversidade	66
15. A igreja que perdeu o reino	69
16. <i>Perestroika</i> : só falta a igreja	72
17. Os terreiros de Jesus	75
18. Protestantismo: crescimento ou inchação?	79
19. Evangelização sem fronteiras	82

UNIDADE III - A QUESTÃO SOCIAL

20. Os cristãos e os direitos humanos	89
21. Os evangélicos e a questão agrária	92
22. Os cristãos, a greve e a desobediência civil	95
23. Greves - instrumentos do reino	99
24. Evangélicos em tempo de greves	103
25. Negro, pastor, herói	107
26. A síndrome de Justo Veríssimo	110

UNIDADE IV - A QUESTÃO POLÍTICA

27. A cidadania como exercício da santidade	117
28. Política e espiritualidade	127
29. O dilema do voto evangélico	130
30. Os cristãos e as alternativas ideológicas	133
31. Os partidos políticos no Brasil	136
32. Os evangélicos e a política: frustrações e esperanças	139
33. Palestina - o holocausto dos filhos de Ismael	143
34. Com medo de ser feliz	146
35. O corpo político e a política do corpo	149
36. A utopia possível	152

Apêndice

A peregrinação teológica do autor	157
-----------------------------------	-----

Prefácio à segunda edição

Um escritor tem motivos de alegria quando consegue concluir uma obra e vê-la publicada. Sua satisfação aumenta quando sabe que uma edição foi esgotada, como sinal de valorização do seu trabalho. Uma nova edição é sempre um momento de alento e de encorajamento para prosseguir em novos trabalhos.

É razão para dar graças a Deus saber que a primeira edição de *A Utopia Possível* se esgotou em tempo breve. Melhor ainda é saber que o livro foi considerado por muitos como fonte de informação, inspiração e desafios. Grupos de estudo e classes de Escola Dominical, de diversas denominações, usaram-no como texto para reflexão.

A proposta é colaborar para que cristãos se posicionem diante dos temas e questões do nosso cotidiano. Há pontos de vista cristãos, e estes devem ser expressados. Nesses processos devemos ser afirmativos. Cremos que, com Deus, a vida é, também, uma sucessão de possibilidades. A esperança, histórica e escatológica, nos move. A utopia, o sonho do novo, do diferente, do melhor, motiva a nossa caminhada, mesmo quando a conjuntura parece dizer o contrário.

Ao entregarmos ao público essa segunda edição, renovamos a valorização do evangelicalismo integral, progressista, como leitura adequada da fé que leva à ação.

Os promotores de pesadelos e os ladrões de sonhos não prevalecerão.

Olinda, julho de 1997.

Robinson Cavalcanti

Prefácio à primeira edição

Temos procurado colaborar, com a regularidade possível, com os principais órgãos de imprensa evangélica. Em cada matéria buscamos explicitar pensamentos, responder a inquietações nossas e dos leitores diante dos temas mais pertinentes e de problemas da conjuntura imediata. Desse modo temos podido nos comunicar com uma audiência muito maior do que aquela do contato direto, pessoal. Leitores de todo o país, dos diversos estratos sociais e das mais diversas confissões religiosas.

Nessa tarefa perseguimos sempre a sinceridade na exposição das idéias e a sua relevância para um mundo de rápidas mudanças. Nessa tarefa temos feito muitos amigos e intercambiamos com os que compartilham dos mesmos princípios e posicionamentos. Nessa tarefa, como era de esperar, nos confrontamos com pontos de vista diferentes e granjeamos antipatias. O pluralismo, a arte de se fazer ouvir e de ouvir, de respeitar e aprender com os discordantes, é um processo lento, doloroso até, diante da nossa cultura nacional de raízes autoritárias e diante da rigidez que tem marcado as nossas comunidades de fé.

O editor Marcos Bontempo nos havia sugerido agrupar textos antes dispersos em algumas revistas ao longo dos anos, sistematizando-os em uma coletânea, facilitando o seu uso para consultas e estudos.

São posicionamentos atuais, agrupados em quatro blocos temáticos: Questões Teológicas, Eclesiásticas, Sociais e Políticas.

Um dos artigos empresta seu título ao livro: A Utopia Possível, como crença do autor em uma História que, sob a Providência, é construída cada dia por homens e mulheres ao mesmo tempo idealistas e com os pés no chão. A base para essa construção é o Evangelho. Não um "evangelho" parcializado, domesticado, instrumentalizado, mas um Evangelho Integral. Daí o subtítulo: Em busca de um cristianismo integral.

Nossos agradecimentos aos editores da revista *Ultimato*, *Kerigma*, *Revista Teológica da SETE* e *Boletim Teológico da FTL-B*, nas pessoas muito estimadas de Elben M. Lenz César, Volney Faustini, Zilda de Castro, Rute Araújo, Wilson Costa dos Santos, Reginaldo Paranhos e Emil Sobotka.

Pela graça de Deus, pretendemos continuar a servir à Igreja do nosso Senhor Jesus Cristo com outros escritos.

Soli Deo Gloria.

Recife, 12 de janeiro de 1993.

Robinson Cavalcanti

UNIDADE I

A QUESTÃO TEOLÓGICA

Conservadores-liberais; Liberais-conservadores

DA RELATIVIDADE DOS RÓTULOS

Os liberais

“Fulano é um liberal”, afirma um cristão em relação a outro cristão. Dependendo de quem fala e de quem se fala, isso pode significar um elogio ou uma terrível condenação. Afinal de contas, o que é um liberal? Depende. Mas como “depende”?

Depende do contexto em que o termo é empregado: se entre economistas, *liberal* significa alguém que defende a economia de mercado, a propriedade privada dos meios de produção, a livre iniciativa, a não intervenção estatal; se entre cientistas políticos, *liberal* significa alguém que defende a democracia pluralista, o Estado de Direito, as liberdades públicas, os direitos humanos, contra toda forma de ditadura, tirania, despotismo ou autoritarismo. Daí alguém poderá ser um *liberal* em Economia sem o ser em Política e vice-versa.

Entre teólogos, por sua vez, um liberal é um seguidor da forma de pensar racionalista pós-iluminista ocidental contemporânea (a Igreja Romana os chamava de *modernistas*): a aplicação ilimitada dos métodos científicos no estudo da Bíblia, a crença apenas naquilo que o intelecto entende e aceita, com diversos níveis de negação dos milagres e do sobrenatural. Na soteriologia, uma tendência ao universalismo:

todos estão salvos ou o serão pelo sacrifício cósmico de Cristo, e este poderá ser parcialmente percebido nas religiões não cristãs. Em suas diversas modalidades, esses *liberais* não proclamam a necessidade da conversão pessoal e tendem a uma perspectiva apenas horizontalista (social) da missão da Igreja.

Um último entendimento do termo *liberal* - é preciso ressaltar - diz respeito a atitudes diante de tradições, usos e costumes consagrados, normas costumeiras, instituições, tabus e coisas do gênero. Um cristão é tido como *liberal* porque advoga o uso liberal de bateria no culto, vota em um partido socialista, toma um copo de vinho etc. Daí, semelhantemente, alguém poderá ser um liberal teologicamente e não ser um *liberal* em usos e costumes (nega o nascimento virginal de Jesus, mas exige que sua filha se case virgem, por exemplo) e vice-versa.

Os ministros da ditadura militar brasileira eram *liberais* em economia, mas não em política. Os socialistas democráticos são *liberais* em política, mas não em economia: "Rearmamento Moral" é *liberal* em teologia e em economia, mas não em política ou em costumes. E as combinações se sucedem por aí.

Apenas para se ver como os termos mudam de sentido de lugar para lugar: na política da Europa Ocidental um *liberal* é alguém tido como de centro-direita; nos Estados Unidos, como alguém de centro-esquerda.

Os conservadores

"Fulano é um conservador", afirma um cristão a respeito de outro cristão. Dependendo de quem fala e de quem se fala, isso pode significar um elogio ou uma terrível condenação. Afinal de contas, o que é um *conservador*? Depende. Mas como "depende"?

Depende do contexto em que o termo é empregado: se na União Soviética de hoje, *conservador* é um comunista tradicional opositor da perestroika; nos partidos de esquerda do Ocidente, *conservador* é um defensor da ortodoxia marxista-leninista, adversário de um socialismo renovado (vide recente congresso do PCB); nas democracias formais ocidentais, *conservador* é um defensor *status quo*, da manutenção do sistema social desigual, que se opõe à distribuição da renda, do poder e da propriedade. Isso no aspecto político. Em círculos econômicos, por sua vez, dependendo da escola em voga, alguém poderá ser considerado um *conservador* se defender maior ou menor papel regulador do Estado, protecionismo ou abertura alfandegária.

Bom, e em Teologia? *Conservador* seria alguém que confessa os Credos Históricos da Igreja (Apostólico, Niceno) ou os pontos

consensuais das Confissões de Fé da Reforma Protestante do Século XVI: a Santíssima Trindade, o nascimento virginal, a ressurreição, a ascensão e o retorno de Jesus Cristo, a salvação pela graça mediante a fé, a autoridade das Escrituras em questões de doutrina etc. Ou seja, alguém que quer conservar o entendimento histórico da fé cristã. Se todos os gatos se parecem, mas nem todos são iguais, o mesmo pode-se dizer a respeito dos teologicamente *conservadores*: há moderados e extremados, mentes abertas à contribuição científica e literalistas etc.

Há pessoas que são *conservadoras* em sua atitude diante da vida, suspiram pelo passado, se afeiram às tradições, desconfiam do novo, reagem às inovações. São os tradicionalistas, os saudosistas das polainas, dos chapéus, das galochas, dos vastos bigodes e do moralismo patriarcal. Em geral isso significa uma compensação para uma insegurança emocional básica.

Há os *conservadores* eclesiais: missa em latim, salmos e hinos, órgão de tubos, antigas versões da Bíblia etc. O modo de ser dos antepassados (missionários estrangeiros) é imutável.

Há, por fim, os *conservadores* em usos e costumes religiosos: não cortar os cabelos das mulheres, não usar roupas coloridas, não dançar, não andar de bicicleta e tantos "nãos" quantos se possam achar.

Teólogos *conservadores* não são necessariamente *conservadores* diante da vida eclesial ou no tocante aos costumes. Teólogos *liberais* poderão ser *conservadores* em tudo isso.

Conservador-liberal

Há um sagrado depósito da fé apostólica revelada e aceita ao longo dos séculos pelo consenso dos fiéis. Podemos chamar esse depósito de sã doutrina. Por ela se sacrificaram os primeiros cristãos e os missionários de todas as épocas. Por ela deram a vida os mártires. A defesa dessa fé pessoal, da piedade dela decorrente e do que entendemos dessa revelação é um dever de todo cristão comprometido. O cristianismo propagou certezas, não dúvidas. Nesse aspecto sou um conservador, sempre fui e espero continuar sendo. Outra não pode ser a posição de um convertido.

Um leitor *liberal*, recentemente, me censurou por "questionar tudo, menos os dogmas". Ora, o primeiro dogma é a existência de Deus... Apenas lamento a falta de fé de alguns cristãos, ou a sua tentação de pôr sua frágil mente como paradigma da verdade.

O liberalismo teológico tem concorrido para o esvaziamento das igrejas do Primeiro Mundo. Minhas discordâncias com a Teologia da Libertação não se dão ao nível de sua opção preferencial pelos

pobres, mas por suas pressuposições *liberais*, pelo uso ingênuo da teoria marxista e pelo seu acriticismo em relação ao chamado “socialismo real”, mesmo havendo a academia e os partidos de esquerda, há muito, encetado uma revisão crítica.

Tenho sofrido na pele, ao longo do meu ministério, o preconceito e a discriminação por parte de *liberais*, nada *liberais* em sua arrogância intelectual e em sua intolerância (fundamentalista de esquerda) com os que pensam de outro modo e possuem a graça da fé simples.

Por outro lado, sou politicamente um *liberal*, pois defendo a democracia e não a ditadura, e não sou um *liberal* em economia, pois não advogo o capitalismo, mas sim o socialismo. Teologicamente não sou um *liberal*, mas sou um *liberal* em termos de usos e costumes, pois não confundo antiguidade com eternidade, tradição com revelação.

Defendo a liberdade criativa da mente humana, a contextualização cultural da fé, o respeito à diversidade do não essencial, o papel terapêutico da alegria e da ludicidade, a sanidade corporal e mental e a realização pessoal dos que foram atingidos na totalidade multidimensional do seu ser pelo evangelho abrangente e libertador.

Tenho também sofrido, ao longo do meu ministério, o preconceito e a discriminação dos *conservadores* (fundamentalistas de direita), em sua arrogância de posicionamentos e em sua intolerância para com os que pensam de outro modo e possuem a graça de viver pela Graça (e não pela Lei e *leis*).

Meu compromisso com o evangelho me leva a discordar da subcultura (s) protestante (s), suas ideologias, suas idiossincrasias e seus “acessórios” adicionais ao evangelho, dificultando o acesso dos pecadores à cruz e tornando pesado o fardo de Cristo: os legalismos grosseiros ou “sofisticados”.

Com humilde disposição para escutar os críticos, julgo que conservar a doutrina e renovar os costumes não constitui uma tradição, mas sim uma busca de coerência de uma fé encarnada.

“Se não for persuadido pelas Escrituras e pela razão... não me retratarei” (Martinho Lutero à Dieta Alemã).

Os cristãos e a missão da igreja

NEOFUNDAMENTALISMO,
TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO,
EVANGELICALISMO INTEGRAL

Um conhecido teólogo afirmou que os cristãos iniciaram o século XX lutando por suas diferenças doutrinárias ou denominacionais, chegaram aos meados do século lutando por suas diferenças quanto às correntes teológicas, mas que terminariam o século divididos quanto às ideologias (modelos políticos, econômicos e sociais, filosofia da História etc). Três grandes posturas parecem dividir a atenção dos cristãos quanto à resposta a uma questão central: qual é a missão da Igreja hoje? Para a maioria dos fiéis, não está muito clara a diferença entre as três posturas, inclusive o grau de consciência sobre sua própria posição, elaborada ou implícita.

O neofundamentalismo

Um aspecto central na tradição protestante latino-americana tem sido a sua confessionalidade, sua preocupação com os aspectos proposicionais do conhecimento da Fé. Por um lado, a expansão missionária neste continente tem coincidido com as grandes controvérsias teológicas do hemisfério norte, notadamente no terreno

da crítica bíblica. O ataque cerrado do racionalismo colocaria os conservadores na defensiva, dispostos a evitar no Novo Mundo a repetição do mesmo fenômeno, considerado danoso. O ultramontanismo católico-romano, estimulado pela condenação papal ao modernismo, partiria de similar apologética. Por outro lado, a existência aqui de uma expressão tridentina e contra-reformada do catolicismo ibérico permitiria a reprodução das condições para os embates confessionais havidos na Europa nos séculos XVI e XVII.

Uma preocupação central, portanto, do protestantismo da América Latina, tem sido com a ortodoxia: a crença correta, a crença corretamente formulada, entendida e crida. Dos credos históricos - o apostólico, o niceno e o de Calcedônia - às confissões reformadas - como a de Augsburg e de Westminster - a convicção geral é de que um núcleo de verdade, necessário e suficiente, pode ser corretamente formulado, deve ser mantido e deve ser defendido por todos os meios contra as investidas dos inimigos da verdade em todos os tempos: os hereges. Essa confessionalidade e essa ortodoxia se baseiam no princípio reformado da *Sola Scriptura*: a Bíblia Sagrada como única fonte de revelação, autoritativa e inerrante.

A essa confessionalidade, acrescentem-se duas outras tradições, segundo nos chama a atenção o teólogo peruano Samuel Escobar: o pietismo e o puritanismo. A tradição enfatiza a experiência pessoal do cristão com o seu Deus, a conversão, o novo nascimento, a contemplação, a oração, o cultivo de uma vida devocional, a dimensão mística da vida religiosa, enfim. A tradição puritana tem como foco um certo *ethos*: o andar em novidade de vida, a santificação, a mudança de caráter e de valores. Ser cristão é ser diferente.

Na Teologia Sistemática, o protestantismo latino-americano tem sido forte na Dogmática e fraco na Ética, especialmente Ética Social. O pietismo e o puritanismo histórico tiveram um forte compromisso com o social. O evangelicalismo de nosso continente, por seu turno, sucumbiu a um individualismo, a um intimismo, a uma ética pessoal reduzida a um mero legalismo: fazer ou deixar de fazer umas poucas coisas, destacando-se os seus aspectos exteriores ou a sexualidade.

A controvérsia do século passado do Evangelho Social *versus* Evangelho Individual, do século passado na Europa e na América do Norte, denominada por um sociólogo de "A Grande Reversão", provocou rupturas profundas na compreensão da missão da Igreja. A maioria dos missionários que aqui aportaram era adepta do Evangelho Individual. Isso não quer dizer que não permanecesse, por várias décadas, uma preocupação com o social, com a filantropia, com a criação de escolas e hospitais. Essa preocupação vai sendo paulatinamente reduzida com o avanço das "missões de fé", com a disseminação de

uma escatologia pessimista pré-milenista e pré-tribulacionista, com certas manifestações do pentecostalismo e, principalmente, com a mobilidade social ascendente dos fiéis, seu processo de aburguesamento e sua instalação na ordem social.

Como as pessoas tendem a confundir o antigo com o eterno, o ensino histórico de uma dimensão do Evangelho (a individual) foi identificado com o todo do Evangelho. A recuperação da outra dimensão (a social), ou outras dimensões, passou a ser vista não como uma volta às origens, mas como perigosa inovação. O antiintelectualismo e o anticientificismo que foram se desenvolvendo concorreram para inibir a reflexão teológica, resultando em uma esterilidade, em um mero repetir (coisas importadas de outras terras e de outras épocas), descontextualizadamente, e em uma prática de "caça às bruxas", de desconfiança e repressão, em particular nas instituições de ensino teológico.

No campo político, longe vão os dias em que o avanço do protestantismo era visto como avanços do progresso e da democracia. Os ensinamentos recentes são de que "política não é coisa para crente", ou o de que "o crente deve apoiar o governo" (de direita) - fundamentado em Romanos 13 - mesmo que seja ditatorial. Um anticomunismo irracional e primário privam a Igreja de um exercício profético em relação à sociedade e ao Estado.

Deve-se ressaltar, por fim, que a preocupação teológica tem sido voltada para a arte de bem morrer - o além, o céu, a certeza de salvação - e quase nunca para a arte de bem viver - um projeto existencial cristão historicamente relevante. O que importa parece ser o futuro, e não o presente; a outra vida, não esta.

Poderíamos denominar de neofundamentalismo a esse evangelicalismo conservador e tradicionalista. Sua expressão extrema é o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (ICC) do Dr. Carl McIntire, cuja influência em nosso continente transcende as fronteiras das denominações a ele filiadas, por meio da ALADIC - Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs. Esse neofundamentalismo é um fundamentalismo tardio, posterior, um desvio radicalizante do movimento fundamentalista do começo do século, então mero sinônimo de evangelicalismo e confessionalidade (defesa dos fundamentos da fé histórica).

Fechado em si mesmo, procurando fazer crescer quantitativamente as suas instituições, isolado, alienado, intolerante, farisaico ("Pai, muito obrigado porque não somos como os demais..."), inseguro guardião da ordem, vivendo no mundo das palavras, dos conceitos, das proposições, com a teoria sem conexão com a prática, em seu

medíocre “triângulo da felicidade”: casa-igreja-trabalho, o neofundamentalista faz do Evangelho uma leitura eminentemente platônica, espiritualizada.

Considerando-se apolítico, sua omissão culposa é um apoio implícito ao sistema capitalista e aos detentores do poder. Em seu mundo à parte, em sua subcultura, tende a rotular qualquer preocupação com o social de “teologia da libertação”, embora, em geral, nunca tenha lido um livro sequer dessa ou das outras correntes. Muito do seu imobilismo (medo do novo) é mais de natureza emocional do que racional.

Ao lado de um fenomenal crescimento numérico entre as massas urbanas e em setores da classe média, viu-se no neofundamentalismo latino-americano uma intensificação dessas distorções, ao custo do abandono das ênfases positivas do fundamentalismo histórico (confessionalidade com equilíbrio). Diante de um país como o nosso, em crise e em processo de rápidas mudanças, essa corrente teológica, bem como os quadros e massas a ela vinculados, corre o risco de ser atropelada pela história, ao permanecer congelada em sua ortodoxia fria de sabor estrangeiro, sem ter o que dizer aos homens e mulheres em suas múltiplas carências. Preocupação maior quando as evidências parecem nos dizer que essa é a corrente majoritária no protestantismo brasileiro.

A teologia da libertação

Especialmente a partir dos anos 50, cresceu na América Latina o número dos cristãos preocupados com a marginalização e a miséria das massas, com a dependência de nossos países em relação às grandes potências e com o que as igrejas teriam a dizer diante dessa realidade. Não havia elaboração própria e o material teórico disponível era estrangeiro: o velho Evangelho Social ou a Teologia Política da Europa Continental, mais recente. Nos anos 60 procurou-se, a partir dessa base, uma reflexão continental, destacando-se a experiência do ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina), posteriormente sob repressão dos regimes militares.

Enquanto isso, os católico-romanos iam mudando de postura, ao sabor das mudanças históricas: do patronado e do regalismo para o tradicionalismo fascizante, de direita, daí para a democracia cristã ou para o reformismo das encíclicas sociais. A herança *isalina* é muito mais apropriada por eles do que pelos protestantes. Embora haja uma presença protestante, pode-se dizer que a Teologia da Libertação é uma elaboração principalmente católico-romana. Uma proposta católico-romana que, de certa forma, é uma continuidade histórica do liberalismo protestante.

Os teólogos da libertação pretendem estabelecer uma teologia autenticamente latino-americana, partindo da situação da miséria e opressão de nossas massas e da dependência de nossas nações, descrentes da estratégia desenvolvimentista, optando por uma saída revolucionária. Denunciam aliança das instituições religiosas com os grupos dominantes e propõem o engajamento do cristianismo em uma tarefa histórica, elaborando o seu pensamento com o apoio das ciências sociais e, particularmente, da dialética marxista, a partir da experiência e do sofrimento dos pobres.

Deve-se reconhecer, nessa corrente, o mérito de volta do tema libertação ao pensamento cristão, especialmente suas implicações históricas, sociais e políticas, bem como a sua coragem em denunciar os abusos do poder em nosso continente. Os teólogos da libertação forçaram os evangélicos a considerar seriamente a situação em que vivem e na qual proclamam o Evangelho, assim como o seu papel na transformação deste mundo. Estão forçando os evangélicos a ler a Bíblia seriamente e a rever sua atitude diante da revelação, especialmente os condicionamentos ideológicos de sua leitura. E, também, para a importância de relacionar o todo da mensagem do Evangelho com as realidades concretas, bem como para a relação entre fé e obediência.

Batista Mondin, da Universidade Urbaniana, reconhecendo os méritos dos teólogos da libertação, condena, contudo, o seu reducionismo metodológico, a ausência do apelo à metafísica, o seu antropocentrismo e a superficialidade de suas doutrinas antropológicas, considerando insuficiente a chave hermenêutica da práxis sócio-política. Ele vê o perigo do dogmatismo e da subordinação da ortodoxia à ortopraxia (determinada visão da prática correta da fé). Para aquele pensador italiano “o princípio hermenêutico não pode substituir o elemento revelado, mas deve estar ao seu serviço (....); o princípio hermenêutico deve favorecer a encarnação, a epifania do elemento revelado, não o seu obscurecimento e a sua supressão” (Mondin, 1980, p. 163). Esse crítico concorda com Marcuse, na crença de que os sistemas políticos não garantem a libertação, sendo intrinsecamente opressivos, por buscarem primordialmente sua própria preservação, e afirma: “Para estas doenças íntimas, do espírito, só há curas e remédios internos, espirituais. Tais curas e remédios nos deu Jesus Cristo com sua vida e ensinamentos. Quem crê nele, o ama incondicionalmente e, quem segue seus exemplos, obtém salvação e libertação” (p. 179).

Pedro Arana, da Fraternidade Teológica Latino-Americana, acha que o que está errado com os teólogos da libertação é o seu ponto de partida. O relacionamento básico é Deus-homem e não Deus-pobre.

Assim, ambos, os pobres e os ricos, necessitam ser humanizados quando procuram se relacionar corretamente com o seu Criador. A chave hermenêutica (marxismo, luta de classes) deforma a mensagem do cristianismo e, por sua unilateralidade e dogmatismo, impede a visão da realidade como ela verdadeiramente é. A opressão na América Latina não tem sido nem é somente econômica e política, mas também religiosa, devido à influência histórica, moral e cultural da Igreja Católica, que está, ela também, a carecer de libertação.

É mais certo falar em "teólogos da libertação" do que em uma Teologia da Libertação, em virtude das diferenças entre os seus expoentes, que descem, até mesmo, a aspectos específicos (luta armada *versus* pacífica, p. ex.). Deliberadamente ou não, procura-se fazer de Marx um novo Aristóteles. No caso, o pensamento liberacionista jogaria o papel de um novo "tomismo", no caminho de elaborar uma nova "Summa", a serviço não sabemos de que tipo de "Sacro-Império"...

Alguns autores são mais explícitos sobre a natureza dessa ordem política. Leonardo e Clodovis Boff, por exemplo, fazem uma opção clara pelo socialismo do tipo "democracia popular" pela via pacífica (por não haver no Brasil condições para uma revolução rápida e violenta), em aliança transitória dos trabalhadores com a pequena burguesia (por não haver condições para um partido da classe trabalhadora). "Em termos estratégicos ela se faz contra o partido da oposição" (Boff e Boff, *Comunidades Cristãs e Política Brasileira*, in *Revista Civilização*, nº 3, p. 23).

Porque condenam os partidos católicos (democrata-cristão) como burgueses e não acreditam na social-democracia, sua visão de participação na democracia parlamentar não se diferencia em quase nada daquela dos setores marxistas seculares. Vão mais além, desaprovando, até mesmo, as propostas cristãs na política. O cristão teria sua fé apenas como motivação, seguindo o programa dos partidos, igual aos não cristãos, porque "hoje o espírito que preside a presença dos cristãos na vida política partidária não é mais conduzido em função da Igreja, mas em função do povo e dos pobres" (p.22).

Minimizando o papel da revelação e da transcendência, da dimensão espiritual ou mística da experiência religiosa, os teólogos da libertação, com um implícito universalismo, reduzem igualmente a distinção entre Igreja e mundo, o campo missionário e a agência missionária. Com uma escatologia do tipo pós-milenista, um esvaziamento da identidade cristã, e o privilegiar de certos marcos teóricos e propostas seculares, essa corrente do pensamento mais se aproxima do campo das teorias políticas do que da Teologia como historicamente entendida.

Não se pode reduzir a importância da Teologia da Libertação no catolicismo-romano pós-conciliar em nosso continente, sua marca nos documentos de Puebla e Medellín, o emprego de seus conceitos em documentos e discursos da hierarquia. Por sua vez, a religiosidade popular, o sincretismo, o tradicionalismo e o integrismo, somados, ainda são a maioria do laicato daquela Igreja. A ênfase de João Paulo II na evangelização com responsabilidade social, porém sem opções político-partidárias, parece antes a busca de uma "via média" do que o encorajamento aos postulados liberacionistas.

No protestantismo, o liberalismo tem estado localizado, minoritariamente, entre clérigos de algumas poucas denominações no sul-sudeste, no movimento ecumênico (CMI, CLAI, CONIC) e entre leigos mais intelectualizados, com reduzido apelo ao cristão nas bases, com o risco constante de um reboquismo em relação a propostas similares na Igreja de Roma.

O evangelicalismo integral

A controvérsia Evangelho Social *versus* Evangelho Individual, como todas as suas mazelas, foi um fenômeno mais localizado no protestantismo anglo-saxão. Seus efeitos foram bem menores na Europa Continental. Nesta prevaleceu, em amplos segmentos, a tradição de integralidade da Reforma, com a elaboração de propostas de presença cristã, seja no campo partidário, no campo sindical ou outros em uma variedade de alternativas ideológicas. Enquanto isso, no mundo anglo-saxão, o chamado neo-evangelicalismo foi progressivamente rejeitando a polarização, buscando encetar uma caminhada de atualização, de autocrítica, de diálogo com o mundo, de incorporação da metodologia científica, de não alinhamento com sistemas políticos ou econômicos vigentes.

Algumas revistas e instituições teológicas (revista *Christianity Today*, Seminário Fuller, p. ex.) tiveram um papel de grande importância. Essa corrente foi ganhando espaço na Aliança Evangélica Mundial (WEF), na Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES) e, mais recentemente, no movimento de Lausanne (LCWE). Em nosso continente, ressalta-se a importância da Fraternidade Teológica Latino-Americana. Como movimento de ação integrada, tem crescido a importância da Visão Mundial (World Vision).

O Holismo (Evangelho Integral) vê a si mesmo como parte do evangelicalismo protestante. Afirma-se como descendente histórico da primeira fase do fundamentalismo (defesa dos fundamentos da fé), tendo em comum com o neofundamentalismo a preocupação com a confessionalidade, a ortodoxia e a herança pietista e puritana.

Em sua rejeição à polarização do social *versus* individual no ensino evangélico, procura, contudo, recuperar todo o ensino e toda a prática histórica das Escrituras e da Igreja - especialmente do protestantismo - no tocante ao social, ao econômico, ao político e ao cultural. A sua Teologia Sistemática não pára na dogmática, mas inclui a ética, a ética social. Distancia-se do neofundamentalismo em sua crítica ao individualismo, ao legalismo, à ausência de um projeto existencial cristão, à vinculação necessária ao capitalismo etc.

O lema dessa corrente tem sido: O Evangelho todo para o homem todo e para todos os homens.

Se compartilha com os teólogos da libertação a tarefa cristã histórica da promoção humana, deles se afasta, não só pelos aspectos doutrinários, mas pela maneira de fazer teologia.

Pedro Arana, já citado, entende a Teologia como sendo "...Uma reflexão da fé sobre a revelação especial de Deus para a comunidade missionária no meio das circunstâncias históricas, com o fim de compartilhar o testemunho do reino de Deus". Como herdeiros da Reforma, os teólogos do Evangelicalismo Integral (Holismo) entendem que a teologia começa sempre com a revelação, nunca com o processo histórico ou a situação humana. Começa-se, axiologicamente, a partir da Bíblia e de Jesus Cristo e, cronologicamente, a partir da realidade histórica. A teologia deve estar a serviço da missão da Igreja, que tem a ver com a salvação integral (Holística) de seu povo e, por meio dele, com o bem estar integral do mundo.

É dever da Igreja ensinar todo o conselho de Deus, julgando a leitura e a interpretação da realidade histórica à luz da Palavra de Deus. "Por essa razão, nós não podemos por um selo de infalibilidade científica em nenhum instrumento humano, a despeito de quão científico e completo ele aparente, seja ele um marxismo dogmático, um revisado, ou qualquer outro que possa aparecer", completa Arana.

Para essa corrente teológica, a relação entre o evangelismo e a ação social fica bem explicitada pelo Pacto de Lausanne, do Congresso Internacional para a Evangelização Mundial (1974), quando diz:

"Afirmamos que Deus é ambas as coisas, o Criador e o Juiz de todos os homens. Em decorrência, deveríamos compartilhar seus interesses pela justiça e reconciliação na sociedade humana e para a libertação dos homens de todas as formas de opressão. Porque a humanidade é feita à imagem de Deus, cada pessoa, a despeito de sua raça, religião, cor, cultura, classe, sexo ou idade, tem uma dignidade intrínseca pela qual deve ser respeitada e servida, não explorada. Aqui, também, nos penitenciamos, tanto por nossa negligência, quanto por termos, muitas vezes, considerado

evangelismo e preocupação social como mutuamente excludentes. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem ação social seja evangelismo, nem libertação política seja salvação, afirmamos que evangelismo e envolvimento sócio-político são ambos parte de nosso dever cristão. Ambos são expressões necessárias de nossas doutrinas de Deus e do homem, nosso amor pelo nosso próximo e nossa obediência a Jesus Cristo. A mensagem de salvação implica uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, opressão e discriminação, e não deveríamos ficar temerosos em denunciar o mal e a injustiça, onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, são nascidas de novo no reino dele e devem buscar não somente demonstrar, mas também disseminar sua retidão no meio de um mundo degenerado. A salvação que afirmamos ter deve ser transformada na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obra é morta".

Não está em dúvida, como se percebe, a realidade do pecado, nem a necessidade de conversão, mas o conteúdo da missão dos convertidos neste mundo, a extensão das implicações do pecado além do meramente individual, bem como o alcance e os meios da denúncia profética da Igreja, segundo as Escrituras e sob o discernimento dado pelo Espírito Santo, inclusive os dons e as vocações de cada um.

São centrais os conceitos de encarnação (Cristo nos envia como o Pai o enviou) e da promoção dos valores do reino de Deus (contra os antivalores das trevas) e da relação entre os poderes deste mundo e as potestades celestiais (do bem e do mal), em uma batalha espiritual e, ao mesmo tempo, concretamente histórica em suas manifestações.

A responsabilidade social dos cristãos tem sido dividida, pelos teólogos holísticos, em três expressões: 1. *filantropia*: obras de misericórdia; 2. *projetos de desenvolvimento comunitário*, de promoção de grupos humanos; 3. *ação política*: visando mudanças estruturais, que alterem as causas dos problemas.

O neofundamentalismo enfatiza apenas a modalidade 1 chegando, no máximo, à modalidade 2. Os liberacionistas enfatizam a modalidade 3, se envolvendo na modalidade 2. Os defensores do holismo, embora enfatizando a importância das três modalidades, têm sido, no caso da América Latina, ainda bastante tímidos quanto à modalidade 3.

Junto a essas modalidades, vem a questão do como da ação: a) ação individual ou familiar; b) ação como igreja local, denominação ou missão; c) ação como movimento ou organização cristã especializada. Na América do Norte e, por extensão, na América Latina, o debate ainda está muito polarizado entre as visões "a" e "b", enquanto

na Europa a modalidade "c" tem tradições mais sólidas. A ação individualista é criticada por sua ineficácia institucional e por ser, em muitas situações, não desejável. A ação orgânica dos grupos especializados parece ser o meio mais sensato e eficaz, desde que se consiga transmitir aos cristãos essa visão.

Um documento importante nessa caminhada foi o resultante da Consulta sobre a Relação entre Evangelismo e Responsabilidade Social, realizada em Grand Rapids, Michigan, EUA, em junho de 1982, sob o patrocínio conjunto da Aliança Evangélica Mundial (WEF) e do Comitê de Lausanne para a Evangelização Mundial (LCME). No campo mais específico da responsabilidade política, a Fraternidade Teológica Latino-americana promoveu uma Consulta, em maio de 1983, na República Dominicana, da qual saiu a Declaração de Jarabacoa (publicado pela DC Grafe).

Infelizmente o segundo desses documentos não recebeu o mesmo interesse do primeiro, e pouco se avançou na ênfase na ação política, como se viu no encontro denominado "Wheaton 83". É possível que a década de 80 seja para o político o que a década de 70 foi para o social: definições claras e claros compromissos.

Tem-se, quanto ao escatológico, evitado o pessimismo pré-milenista pré-tribucionista (embora alguns holistas confessem essa posição) e o otimismo evolucionista dos pós-milenistas atribucionistas. A maioria dos holistas tende a uma postura amilenista, conquanto confesse o retorno literal de Jesus Cristo para a consumação do reino.

Se há um consenso entre os defensores do Evangelho Integral quanto à presença cristã no mundo e à manutenção de uma identidade, e se hoje isso se faz na luta por uma democracia política e social, uma grande área de tensão ainda permanece quanto à opção pelo modelo econômico e à relação com as propostas ideológicas alternativas de nosso tempo.

Se a elaboração de uma doutrina social é um ponto polêmico, evitar essa tarefa, ficando na mera "promoção humana", termina por privar os "providos de uma visão própria, tornando-os mais passíveis de cair em um reboquismo" das propostas seculares ou de ser cooptados pelos sistemas.

No atual estágio brasileiro, os defensores do Evangelho Integral (Holismo) ainda estão sujeitos a incompreensões, sendo confundidos (às vezes intencionalmente) pelos conservadores como "liberacionistas", em virtude de suas ênfases quanto ao social. Para os teólogos da libertação os holistas não passam de um "neofundamentalismo esclarecido" e reformista. O Holismo, por sua vez, nunca pretendeu existir como contraste com as outras duas posições ou como "vida média", mas afirmar sua história própria que, para os holistas, se confunde

com a história de uma parcela importante do cristianismo. Eles apenas lamentam o desconhecimento da história da Igreja e dos ensinamentos éticos sociais da Bíblia ou das leituras ideológicas da mesma.

No Brasil, o evangelicalismo integral (Holismo) marcou fortemente a sua presença no Congresso Brasileiro de Evangelização, Belo Horizonte, novembro de 1983, pela voz de militantes da Aliança Bíblica Universitária (ABU), Visão Mundial, "evangelicais" de confissão luterana e outros. Entre seminaristas, pastores jovens e leigos, de várias denominações, nota-se crescente simpatia por essa proposta.

Conclusão

Se, na vida política, o clientelismo e as lideranças carismáticas ainda são mais importantes do que as opções ideologicamente conscientes e conseqüentes, no mundo eclesástico, o tradicionalismo e a rotina da piedade popular ainda são o lugar comum da cena religiosa brasileira. Fatores conjunturais e estruturais, porém, estão a concorrer para uma revalorização da teologia.

Corremos sempre o risco de substituímos teologias estrangeiras de nível inferior por teologias mais sofisticadas, mas de igual modo importadas. A tensão entre o autoctonismo sem xenofobia, da contextualização sem perda da catolicidade, da presença sem perda de identidade, continua a rondar nossos raquíticos bolsões pensantes.

O neofundamentalismo, a teologia da libertação e o evangelicalismo holístico, em sua ampla gama de tendências e manifestações, se constituem em opções de presente. O futuro de nosso continente e o futuro do cristianismo latino-americano (especialmente o protestante) muito dependerá do peso que venham adquirir essas correntes.

3.

Os cristãos e o conhecimento científico

DO FALSO CONFLITO ENTRE FÉ E RAZÃO

Há poucos meses, a capital da República foi palco de um seminário internacional de conhecimento holístico, inspirado na experiência recente de uma universidade francesa, onde se procura integrar o teológico, o filosófico e o científico, onde o intuitivo, o racional e o místico encontram um espaço não discriminatório de expressão. Toda a humanidade saiu perdendo com a polarização e o falso antagonismo vivenciados, desde o Iluminismo, entre a fé, a reflexão e a pesquisa, apresentados como antitéticos, incompatíveis e inconciliáveis. Nada mais falso.

Do ponto de vista da História, é verdade que a Idade Média presenciou um certo teologismo, a Idade Moderna, um certo racionalismo e a Idade Contemporânea um certo cientificismo, ocasiões em que uma abordagem do saber se pretende única e exclusiva, negando a legitimidade das demais, inibindo-as, atrofiando-as. É ainda mais grave quando um método recebe o apoio repressivo da ordem política como a verdade. Da intolerância da Inquisição à intolerância do Gulag, a tragédia é a mesma, seja a pretensa base a "Summa" ou o Materialismo Dialético.

Nada no Cosmos se inventa, mas se descobre do que já existe e não foi ainda apreendido. A Teologia, a Filosofia e o saber científico são abordagens ao conhecimento, com pressuposições, métodos e

objetos diferenciados e adequados. A rigor não existe uma ciência, única, genérica, a não ser na mitologia do Positivismo de Comte. O que temos é uma diversidade de métodos científicos, tão díspares como a distância entre aqueles empregados pela Sociologia e pela Química, por exemplo. Se tomamos a Ética, haverá uma diversidade de tratamento por parte da Teologia, da Filosofia, do Direito e da Antropologia. Já o tema filosófico da Estética, por outro lado, dificilmente receberá um tratamento teológico e científico.

Do ponto de vista secular, três teorias do conhecimento concorreram, no século passado, para a pretensão cientifista: Saint-Simon, Comte e Marx. Parte-se de uma crença na bondade humana e na sua ilimitada capacidade para conhecer e usar positivamente esse conhecimento. O saber teológico e o saber filosófico eram tidos como algo superado, senão obscurantista.

Do ponto de vista religioso essa dicotomia foi aguçada pela atitude de certos círculos fundamentalistas, de mente presa e esquemas rígidos, preconceituosos quanto ao papel do saber dito "secular".

Teologia, Filosofia e Ciência são três ângulos de observação, como a experiência de descrever uma casa estando à sua frente, no quintal ou em um terraço lateral. Não são três casas, mas três percepções parciais do mesmo objeto. O verdadeiro sábio não nega a existência da lateral ou do quintal somente porque conhece a fachada.

Não há sentido, igualmente, em se pretender ligar crença ou descrença com nível intelectual. Conhecemos portadores de títulos de Mestrado ou Doutorado, em várias áreas, que são cristãos militantes (inclusive pastores), e conhecemos ateus e agnósticos que são analfabetos.

As chamadas "crises de fé" têm, em geral, outras motivações: fixação a conceitos infantis da religião, ruptura de condicionamentos exteriores, rompimento com padrões morais. Ou seja, a pessoa recebeu uma formação religiosa na infância e não a fez crescer até a vida adulta, quando se torna inadequada ao seu momento mental. Pensa-se na renúncia ao sagrado, quando apenas se está renunciando àquele nível inadequado do sagrado. Outras vezes, o jovem sai do ambiente familiar, eclesástico e comunitário onde foi criado, de onde nutre a sua experiência religiosa, vai para outra cidade, não levando a "fé" na bagagem ou perdendo-a no caminho. Ou, de repente, vivencia uma experiência de drogas, alcoolismo, sexualidade "heterodoxa" ou contrabando de produtos comerciais, com uma consciência acusadora a incomodar. Se essa consciência foi alimentada pela religião, a solução (racionalização) é eliminar essa causa, "perdendo" a fé.

Nem sempre é fácil ser um intelectual cristão em nossos dias. De fora recebem-se desconfianças, dúvidas lançadas sobre o seu nível,

por parte daqueles que não conseguem “entender” (“não entra minha cabeça”) a síntese epistemológica do pesquisador cristão. Vive-se, ora mais ora menos, a realidade do preconceito. Dentro dos círculos cristãos, o preconceito - por razões diversas - nem sempre é menor. O intelectual é tido como um herege em potencial, um sujeito perigoso, carnal (“é preciso ter cuidado com ele”, “orar por ele” etc.).

Isso porque a fé no Cristo Senhor e Salvador e a fidelidade às Escrituras são artificialmente ligadas, pela instituição e pela comunidade religiosa, a atitudes, crenças e valores culturais, políticos, tradicionais, etc. Não se concebem e não se toleram cristãos que vivem sua fé com cosmovisão diferente porque as pessoas precisam do “reforço” de Deus para suas posições do cotidiano; e se outros têm Deus e pensam diferente de mim, minhas posições perdem o selo do sagrado, do inquestionável. Exemplos hoje: Como alguém pode ser um cristão e ser de esquerda (ou de direita)? Um cristão que bebe cerveja? Uma cristã que usa cosméticos? E assim interminavelmente.

A afirmação bíblica é que “nós temos a mente de Cristo”, a sintonia com a mente do Criador. Somos desafiados a servir a Deus com os nossos cérebros: mordomia do intelecto. Não há conflitos entre o saber científico e a Palavra de Deus. Os conflitos aparentes são decorrentes das limitações do pesquisador e de seu instrumental, em uma outra das áreas, ou de aplicação inadequada a objetos inadequados: querer pesar a alma ou transformar a Bíblia em uma enciclopédia.

O compromisso cristão é com a verdade, o que inclui a liberdade de questionar “o século”, os sistemas, incluindo os inventados e mantidos pela Igreja. Crer é pensar. Pensar é crer.

Ferramentas para a verdade

O CONHECIMENTO CIENTÍFICO, A FÉ MADURA E A TEOLOGIA RELEVANTE

A reflexão teológica não se dá no vazio. Para realizar adequadamente a sua tarefa, o teólogo deverá conhecer, primeiramente, o contexto onde se deu a revelação: contexto geográfico, histórico e cultural, bem como seus aspectos políticos, econômicos e sociais, o idioma usado e o perfil psicológico do escritor e de seus leitores. Conhecer, enfim, o mundo onde e quando a Bíblia foi sendo escrita. O compromisso com a verdade nos leva à busca do real sentido do texto e de sua mensagem, procurando superar as barreiras das traduções e das tradições.

Em segundo lugar, o teólogo deverá conhecer o contexto em que ele mesmo vive, o seu tempo e o seu lugar, em seus variados aspectos. Um conhecimento de observador participante, por sua inserção nesse tempo-lugar, o acompanhamento da conjuntura, com a ajuda das informações veiculadas pelos meios de comunicação social, e um conhecimento mais acurado, analítico. Esse procedimento é imprescindível quando se quer tornar a mensagem atual e relevante, inteligível e aplicável.

Em terceiro lugar, o teólogo deverá conhecer o que aconteceu entre o tempo bíblico e o seu tempo, a marcha do povo de Deus na História em suas duas alianças, a presença do Espírito Santo, as desobediências e as realizações. Trata-se de uma “ponte”, que ajudará o próprio teólogo a ser ele mesmo também uma “ponte” entre o conselho eterno e a demanda temporal.

Quando usamos o termo teólogo, não o fazemos em sentido estrito, do possuidor de um nível acadêmico, mas de todo cristão que lê, interpreta e expõe a Palavra, particularmente os vocacionados para o sagrado ministério.

Para que essa tarefa seja possível, é necessário apelar para certas ferramentas, instrumentos auxiliares de trabalho no plano das disciplinas do conhecimento. Se assim não for, não se poderá fugir do liberalismo rígido e frio e tantas vezes falso, porque um texto aparentemente evidente por si mesmo nada mais é do que a leitura que dele faço com meus condicionamentos, conceitos, preconceitos, limitações e história de vida.

A ausência desse estudo disciplinado nos aprisiona entre o liberalismo e o subjetivismo, os legalismos, caminhos de tantas ortodoxas heresias... Isso não quer dizer que cheguemos - como ensinava o Positivismo - a uma conclusão "neutra", 100% objetiva, pois toda leitura e toda fala são ideológicas, minoradas por nossa consciência de que assim o são.

Preguiça e ignorância não são sinônimos de espiritualidade e dependência de Deus, o Deus que nos criou seres racionais. O Espírito Santo ilumina o estudioso. O antiintelectualismo é uma tragédia e um pecado, mais ainda quando o preguiçoso ou o ignorante detém o poder.

Na história do Cristianismo privilegiamos, por muitos séculos, o auxílio da Filosofia, variando as Escolas: a Patrística, na Antiguidade, a Escolástica, na Idade Média etc. Platão, no primeiro caso, e Aristóteles, no segundo, se faziam presentes na construção do labor teológico. Sofremos depois a influência do nominalismo, do racionalismo pós-iluminista, de Rousseau, de Hegel, de Marx etc.

Temos de ser honestos em reconhecer essas influências (de resto inevitáveis), pois nem os escritores bíblicos nem nós trabalhamos por psicografia (como Chico Xavier), não somos anjos, nem marcianos.

A Idade Contemporânea presenciou um notável desenvolvimento da Lingüística, da Arqueologia, da História, da Geografia e da Psicologia, bem como das Ciências Sociais, como a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política. Esse avanço científico está no coração de Deus, como parte de sua revelação natural, pois nos permite um maior e um melhor conhecimento da própria criação.

Lamentavelmente, os cristãos não têm valorizado essas disciplinas científicas como o fizeram com as ciências ditas exatas, da saúde ou da natureza. Temos poucos cristãos envolvidos como estudiosos e profissionais, os teologandos ficam amedrontados e as lideranças eclesásticas reticentes, porque essas disciplinas geram insegurança, por seu caráter questionador do tradicional, do estabelecido pela força da

repetição e da inércia, do que foi válido para outro momento, mas que hoje é um anacronismo.

Esse embasamento é importante para uma evangelização contextualizada, para o trabalho pastoral, para a tarefa apologética, para a renovação litúrgica, para a reelaboração ética etc.

No Brasil, esse desafio é tanto maior quanto mais acentuada seja a nossa ignorância histórica e a fragilidade intelectual de cada um, devido à sua origem de classe, ao nível das classes que frequentou, ao hábito da leitura e à disponibilidade financeira para adquirir livros e fatores como tais.

Na formação dos pastores, o ideal seria que os seminários exigissem um curso secular prévio, como ocorre na América do Norte e em alguns países da Europa e da Ásia. O aluno entra no seminário após 3 ou 4 anos de Universidade, formado geralmente em alguma das Ciências Humanas. Não é só o aspecto acadêmico formal, mas a convivência com o "mundo" torna o futuro ministro intelectual e emocionalmente mais maduro, além de testar a solidez de sua vocação.

Aqui no Brasil, o menos que se poderia fazer seria introduzir um Departamento de Ciências Humanas nos Seminários, com um bom currículo, um plano de curso adequado e um corpo docente qualificado, com profissionais cristãos dessas ciências e não com pastores improvisados e livros memorizativos ultrapassados, sem aplicação prática.

Sempre que possível, o seminarista deveria fazer um curso secular paralelo ou tomar algumas cadeiras na Universidade ou, então, cursá-las logo após a formatura, antes que esteja preso pela prole e pelos encargos do dia a dia pastoral.

O tamanho, a composição e as possibilidades e necessidades da Igreja Evangélica no Brasil exigem providências urgentes. Caso contrário, veremos tornar-se cada vez mais agudo o abismo de gerações e o abismo entre clérigos e leigos e, pior dos piores, o abismo entre a Igreja e o país a que deveria se dirigir sua missão divina.

Perguntas como: "O capitalismo é o ideal divino?", "O casamento civil é essencial?", "O baião pode ser usado na música sacra?". Terão respostas variadas se o teólogo se expôs ou não ao conhecimento científico.

Não podemos correr o risco de servir à Geração 90 com o sabor dos anos 20. Antiguidade é, no máximo, velhice, nunca eternidade.

Às ciências, irmãos, às ciências.

5.

Por uma teologia da vida

Nas últimas décadas os evangélicos têm-se especializado na “arte de bem morrer”. As mensagens de nossos púlpitos se ocupam maioritariamente do “destino da alma”, para onde vamos após a morte, a necessidade de se estar em paz na hora de morrer, prontos para o grande tribunal. Pregamos sobre o céu e o inferno, sobre a não existência de outros lugares de destino, sobre as diversas teorias sobre o “estado intermediário”.

O que fazer entre a conversão e a morte?

A vida não começaria aqui e agora, vindo a eternidade como decorrência, como “bonificação da casa”? Cristo não veio para nos trazer vida, e vida em abundância? Ao lado de uma arte cristã do “bem morrer”, não haveria uma arte cristã do “bem viver”? A coisa toda não está nos equívocos que cometemos sobre o conceito de “mundo” e “mundanismo”? Não nos falta uma reflexão sobre o plano de Deus para a terra e para a História?

A questão central não está na ausência de uma reflexão sobre o reino de Deus e suas possibilidades históricas, bem como sobre o papel da Igreja nesse testemunho-construção?

Os equívocos teológicos anteriores nos conduzem à apatia, à falta de perspectiva, à falta de respostas às questões temporais, à indiferença, à insensibilidade, à irresponsabilidade, ao individualismo, à rotina, ao embotamento de mentes.

Temo-nos caracterizado pela ausência, pela não influência, pela irrelevância.

Não estaria na hora, em obediência ao Espírito, segundo as Escrituras, de trocarmos a ausência pela presença, mantida a identidade, pela influência, pela relevância?

O mundo pergunta. Nós temos a resposta na Bíblia e na experiência histórica da Igreja. Temos de conhecer as perguntas-problemas e as respostas, divulgando-as, vivenciando-as, implementando-as.

O mundo gostaria de saber para que serve um cristão, além de bancar o “bonzinho” e esperar para morrer.

Muitos cristãos vivem uma dicotomia, uma esquizofrenia existencial: cristão quanto ao “eterno” e ao “espiritual”, e secular quanto às respostas para o cotidiano, segundo o que propõe o século. Temos de denunciar o boicote das editoras evangélicas que não publicam as obras que tratam da vida. Todo acervo histórico da experiência cristã é escondido de nossa geração.

Carecemos de uma teologia do corpo, que recupere a integralidade do ser humano, incluindo sua dimensão material, o valor cristão da saúde, da alimentação, da cultura física, da harmonia, da estética.

Carecemos de uma teologia da sexualidade, de caráter não permissivo, com uma aceitação, um conhecimento, uma vivência isenta de culpas patológicas, quando as tradições são confundidas com os ensinamentos bíblicos. Sexualidade como felicidade.

Carecemos de uma teologia do lazer. O cristão tem de aprender a repousar sem sentimento de culpa, de que está “perdendo tempo”. Como se divertir? Como contemplar a natureza? O que fazer em termos de “higiene mental”?

Carecemos de uma teologia da cultura, para que sejamos cristãos, mantendo a nossa identidade nacional, o nosso caráter peculiar que nos liga à nossa gente, nem sacralizando nem rejeitando a cultura. O que manter do folclore? Como estar presente no campo das artes?

Carecemos de uma teologia política, com o sentido de nossa vida em comunidade, da ocupação de nossos espaços, da nossa resposta frente às questões sociais, econômicas e frente à questão do poder.

Carecemos de uma teologia ecológica, que reflexione sobre uma moral para a criação, a terra que o Senhor nos deu para cuidar.

Carecemos de uma teologia das relações internacionais, que propugne a verdadeira paz entre as gentes, como fruto da justiça.

Carecemos, enfim, de reflexões teológicas que tomem como tema a vida, o ser humano concreto e suas relações, buscando compreender a Deus e compreender a vontade de Deus.

Presença como sal e luz, presença com diferença, presença com influência, presença com os valores do Reino.

As gerações jovens estão ansiosas por uma alternativa cristã de vida, querem viver, querem testemunhar a vida, querem transmitir a vida.

O país está olhando para nós nesta época de transição. Vamos virar-lhe as costas, recolhidos aos nossos "ninhos", ou vamos ser os olhos, os braços, as pernas, o coração de um Deus de amor?

Um rosto alegre pela certeza do perdão de Deus. Um semblante compassivo para o drama humano.

Vivos e canais da vida.

Encarnando o reino de Deus

OS DESAFIOS DA ÉTICA CRISTÃ

O cristianismo é uma religião ética. Isto é, tem implicações práticas, no cotidiano, na vida, na História. O cristianismo não se esgota em sua dimensão mística (conversão, devoção, espiritualidade), em sua dimensão dogmática (credos, confissões de fé, doutrinas) ou em sua dimensão ritual (liturgias, cultos, sacramentos). Ser cristão é buscar a vontade de Deus para o mundo e se comprometer com a implementação dessa vontade. Podemos pensar em algumas pressuposições para essa tarefa.

A ética cristã se constrói a partir de fontes

A primeira delas - e principal - é a Escritura Sagrada. Como fontes subsidiárias, teríamos: a tradição (consenso vivo e dinâmico dos fiéis), que traduz como a Escritura foi entendida e vivida historicamente; a razão (capacidade humana para discernir), alimentada pela Escritura, iluminada pelo conhecimento teológico, filosófico e científico; a experiência (apreensão subjetiva) pessoal e comunitária, com suas dimensões de intuição, mística e emoção. Deus é absoluto e a sua Palavra inspirada, mas os leitores são finitos e de percepção limitada. O que requer humildade para o acercamento às fontes e à apresentação de conclusões ("só minha denominação e só minha corrente teológica têm toda a verdade").

A ética cristã se constrói teologicamente

A ética cristã é resultado de uma revelação, da ação de um Deus que providencia, que intervém na história para fermentá-la. Ela se destina ao bem-estar das criaturas, pois é gerada na absoluta bondade de Deus. A Lei é um momento importante dessa revelação. A Lei mostra a nossa fragilidade. Deus assume em Jesus Cristo a humanidade, cumpre a Lei e abre o caminho da nossa santificação. "A Lei nos conduz a Cristo e Cristo nos conduz à Lei", ensinava Calvino. O discurso teológico (inclusive ético) é um discurso humano e, como tal, provisório. Não há revelação mecânica, leitura neutra ou aplicação automática. Todo fundamentalismo é seletivo e, por conseguinte, falso.

A ética cristã é vivida historicamente

Isso quer dizer que a sua proposta, como ensinada pela Igreja, é vivida no tempo e no espaço, é condicionada pela cultura e por fatores políticos, econômicos e sociais. Basta uma leitura da história moral da Igreja para verificar as diferenças ao longo dos séculos e nas diversas regiões (a História e a Antropologia nos ajudam nessa aprendizagem). Essa constatação reduz a arrogância do que ensinamos hoje. Todo dogmatismo é uma expressão de intolerância, de insegurança e de indigência intelectual.

Nenhuma cultura é totalmente cristã ou anticristã, mas cabe à ética "salgá-las" e "iluminá-las". Suas leis, instituições, usos e costumes - segundo Stephan Neill - se dividem em aberrações (a serem combatidas), imperfeições (a serem melhoradas) e adiáforas (que poderão ser mantidas). História de vida, leituras, fatores regionais e até geográficos (clima, topografia) podem influenciar na construção ética. Todo ser humano, além disso, tende a ser etnocêntrico: julgar tudo a partir de sua cultura atual. A ética cristã nos foi trazida por missionários estrangeiros, sem discernimento (nosso e deles) entre o evangelho e a roupagem cultural (entre conversão e uso de paletó...).

Os diversos itens da ética cristã têm conhecido uma gama de posicionamentos que deverão livremente se expressar para que possamos tirar conclusões e amadurecer. A censura, o boicote e a repressão a posições geram um artificial e falso consenso (pensa-se assim por desconhecimento de outras formas de pensar). Isso acontece no protestantismo brasileiro atual, particularmente no tocante à ética política (conservadorismo-direitismo) e à ética sexual (moralismo medieval-vitoriano).

A ética cristã deve ser abrangente

Toda a criação caiu e toda a criação deve ser restaurada. Não há áreas na vida que estejam fora da vontade de Deus. Quando não temos consciência disso, poderemos incorrer no erro de reducionismo: elaboração ética para algumas áreas e silêncio para outras (ética familiar, sim; ética política, não, p. ex.). Como não há "espaço vazio" em ética, as áreas deixadas fora serão preenchidas pelo "mundo" (ética corrente na cultura do país). O resultado será desastroso, uma espécie de "esquizofrenia ética": a pessoa tem uma vida devocional disciplinada, confessa a sã doutrina, é um vizinho solidário, mas, ao mesmo tempo, é um profissional desonesto e um político mais desonesto ainda. Seu superego (consciência inibidora) não foi alimentado pela igreja nessas áreas, daí ele não se sentir culpado.

A ética cristã deve ser normativamente igualitária

Não há fundamento bíblico para uma hierarquia de pecados: os mais importantes e os menos importantes (pecado "de primeira" e pecado "de segunda"). O pecado é uma condição humana e os pecados, seus sintomas e manifestações. A Igreja Romana oficializou a distinção entre "pecados mortais" e "pecados veniais". As igrejas protestantes formalmente negam tal distinção, mas, na prática, a vivenciam talvez mais do que os próprios católicos (embriaguez é "mortal", glotonaria é "venial", p. ex.), o que pode ser medido pelos critérios de práticas disciplinares. Os distintos "pesos" para os pecados resultam em injustiça, perseguição e condescendência. São os que pecam "venialmente" (egoístas, fofoqueiros, mentirosos) que disciplinam os que pecam "mortalmente" (alcoólatras, divorciados, tabagistas). Os que pecam por pensamento e omissão disciplinam os que pecam por palavra e ação (quem poderá atirar a primeira pedra?).

A ética cristã deve ser positiva

O compromisso da ética cristã é com o reino de Deus. Reino vivido plenamente no céu, no Éden e na Nova Jerusalém (na consumação). Reino presente entre nós pelo senhorio cósmico, pelas manifestações da graça comum e pela presença de Deus no coração dos fiéis comunitariamente reunidos na sua Igreja. Ao convertido se abre a possibilidade e o imperioso dever de mudar o mundo, de promover os valores do reino de Deus (justiça, liberdade, paz, verdade, honestidade etc.), em suas manifestações possíveis aqui e agora, na diversidade de oportunidades, dons e vocações. A ordem internacional, as relações com o ecossistema, os regimes políticos, os sistemas

econômicos, as artes, os esportes e as profissões devem ser atingidos pelos cristãos com os valores do reino. A ética cristã não é um não fazer (não beber, não fumar, não dançar), mas um fazer (lutar pelo correto e pelo melhor em todas as áreas). O não fazer é uma fuga do dever de fazer.

A ética cristã tem alvos absolutos e vivência possível

Os princípios de Deus são eternos e seu alvos absolutos, mas eles são vividos no dia-a-dia, por homens e mulheres imperfeitos (não por anjos ou por ressuscitados), que procurarão a cada dia deles se aproximar, mesmo sabendo que nunca os atingirão plenamente (limites à santidade). Esses princípios não devem ser confundidos com o legalismo farisaico dos mais de 100 "mandamentos" (usos e costumes) que comunidades criam e que oprimem e adoecem os fiéis (não andar de bicicleta, não jogar futebol, não vestir calças compridas, não isso, não aquilo outro, interminavelmente). O legalismo parte da falsa noção de uma santidade como sinônimo de autoflagelação, mortificação, desprazer, do dualismo de uma matéria "má" e de uma alma "boa", da negação das necessidades da natureza.

Nem sempre se consegue aproximar-se de todos os alvos ao mesmo tempo. Aí se faz necessário estabelecer uma seleção de prioridades e urgências (a vida dos judeus ou a obediência à autoridade e à verdade para Hitler; a preservação da nação messiânica, as uniões não mistas, a realização sexual-procriativa ou a monogamia absoluta em Israel, p. ex.).

O comportamento da "bancada evangélica" no Congresso Nacional, a desonestidade e a exploração de empresários protestantes, a falta de solidariedade de comunitários crentes, o crescimento do número de pessoas eclesiasticamente militantes em hospícios e consultórios psicoterápicos nos dizem que algo deve ser repensado, debatido, revisto na construção de uma ética cristã abrangente, sadia e relevante ao nosso País hoje.

Ética cristã é vida abundante.

A missão integral da igreja

AVANÇOS E DESAFIOS DA TEOLOGIA HOLÍSTICA NO BRASIL

Cada época tem conhecido controvérsias e debates no campo da Teologia, alguns de difícil aplicação para o cotidiano, como o clássico debate sobre o "sexo dos anjos" na Igreja Bizantina, outros de caráter mais relevante como "para que serve a Igreja?", ou seja, qual a natureza de sua missão?

Uma influência platônica tem estado presente ao longo da História do Cristianismo, separando corpo e alma, matéria e metafísica. Em nossos tempos essa influência tem sua face visível naqueles cristãos apenas e apenas preocupados com a "alma", a "vida espiritual" (contrastada com a vida material), o "outro mundo", a vida após a morte, de tendência ascética, separatista e alienada. Para essas pessoas, a missão da Igreja é resgatar indivíduos isolados, garantindo-lhes a vida abençoada após a morte, enquanto aqui devem se separar do mundo, cultivar uma religiosidade intimista, lutando contra a "carne", manifestada em usos e costumes. O mundo não tem futuro, nada nos resta fazer por ele, e não nos devemos meter em questões políticas, sociais e econômicas. A vida do homem deve se resumir a ir para o trabalho, para a igreja e para sua casa... e que tudo o mais vá para o inferno...

Uma outra vertente de natureza conservadora tem uma visão menos pessimista. Em seu individualismo burguês, não procura senão o bem-estar do mundo, o seu próprio bem-estar, em uma vida de

prosperidade, abençoa o capitalismo e o modo americano de vida, torce pela vitória de Israel (Sionismo Protestante), acha a desigualdade social natural e resultado dos pecados individuais dos pobres. Nesse meio, o racismo tem prosperado e o alinhamento com partidos conservadores de tendências autoritária.

Uma terceira corrente tem anistiado espiritualmente os seres humanos (universalismo), sob a influência da antropologia de Rousseau, decretando uma "anistia geral, ampla e irrestrita" no aspecto soteriológico, voltando-se a Igreja exclusivamente para a promoção de uma nova ordem terrena que instaure o reino. Por aí tem pontificado o velho "Evangelho Social" e outras correntes da ética social contemporânea, como a Teologia da Libertação.

Neste século, em todo o mundo, inúmeros líderes e pensadores cristãos têm demonstrado sua insatisfação com o "cardápio" oferecido: alimentação, neofundamentalismo, evangelização social. Para esses cristãos estamos presenciando uma lamentável divisão e fracionamento do todo da mensagem evangélica, uma parcialidade da missão da Igreja, que não é fiel nem às Escrituras nem ao Senhor Jesus Cristo. O que nos resta fazer é superar essas controvérsias e procurar restaurar a unidade, a amplitude, a totalidade, a integralidade da missão da Igreja, que não é isso ou aquilo, mas isso e aquilo: corpo, mente e alma, aqui e ali, alguém e além, matéria e corpo, indivíduos e sociedade, toda a criação de Deus sob todo o seu amor para todos os valores do seu reino.

A culminação desse processo restaurador no meio evangélico foi o Congresso de Lausanne (1974) e seu famoso "Pacto", que é, por excelência, uma confissão de fé para os dias de hoje. Em nosso continente, essa caminhada inclui o Iº e o IIº Congressos Latino-americanos de Evangelização (Bogotá, 1969; Lima, 1979) e a fundação (1970) da Fraternidade Teológica Latino-americana, de enorme influência no mundo hispânico, com pensadores como Samuel Escobar, René Padilla, Pedro Arana, Emilio Nuñez e tantos outros, em torno de revistas como *Pensamiento Cristiano*, *Certeza* e *Misión*.

No Brasil, a Teologia da Missão Integral da Igreja esteve presente nos anos 70 na Aliança Bíblica Universitária (ABU) e nos associados da Fraternidade Teológica Latino-americana. Nos anos 80, recebe o importante apoio da Visão Mundial, com seus congressos e encontros de pastores e líderes, e com suas publicações. Presentemente encontra excelente plataforma nas atividades da VINDE - Visão Nacional de Evangelização, além da abertura da imprensa evangélica para a divulgação de suas idéias. Uma outra vertente da mesma corrente teológica, mais voltada para a cura interior não alienante se expressa no Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos - CPPC. Um importante

momento dessa caminhada foi o Congresso Nacional de Evangelização, de Belo Horizonte (1983).

A Teologia Holística é uma corrente aberta, integrada por pessoas de várias denominações e posicionamentos políticos e partidários, unidas pelo ideal de recuperar a herança histórica do protestantismo em sua Ética Social, resgatar a caminhada histórica da Igreja e os ensinamentos bíblicos, lançando mão dos diversos marcos teóricos disponíveis. Em uma situação marcadamente polarizada, temos sido acusados de "fundamentalistas ilustrados", pelos mais à esquerda, e de "teólogos da libertação disfarçados", pelos mais à direita, ambos com a visão turvada pelo unilateralismo, historicamente desinformados e preconceituosos em sua agressividade maniqueísta.

A Teologia Holística não é uma "corrente terceirista", não está "em cima do muro", mas quer estar com toda a Bíblia e todo o Evangelho, recusando-se a optar por extremos, por convencimento de que são parcializadores dos ensinamentos da Palavra. Essa corrente teológica anuncia o Evangelho de Redenção, chama as pessoas ao arrependimento e à fé, confessa as doutrinas dos Credos e da Reforma, mas assegura que uma posição confessionalmente conservadora nada tem que ver com ideologias políticas e sociais conservadoras e muito menos com posturas alienantes ou a identificação do reino com essa ou aquela proposta histórica. O seu padrão é o reino de Deus e seus valores, em sua plenitude escatológica e em suas possibilidades históricas.

Sem grandes alardes, a partir de reflexões maduras e pessoas comprometidas, a Teologia da Missão Integral da Igreja vai-se consolidando como a alternativa de uma nova geração de líderes brasileiros.

8.

Sinistrose escatológica

Disse um Pai da Igreja que deveríamos estar preparados para a vinda de Cristo hoje, vivendo, porém, como se Ele não fosse voltar nunca...

Recentemente, conhecido teólogo norte-americano escreveu um livro sobre o *fim do mundo*, procurando ver aqui e acolá sinais de cumprimentos proféticos, em guerras, terremotos, mudanças de costumes etc. O livro vendeu milhares de exemplares, apesar de sua mensagem marcadamente pessimista. Como resultado o seu autor recebeu uma alentada remuneração... e a investiu na Bolsa de Valores.

Certa feita nos dizia um irmão, em uma reunião política de evangélicos: "Se o mundo melhorar, Deus é um mentiroso". O que levou alguns dos presentes a comparar essa afirmativa em termos da Suécia e do interior do nosso Nordeste. Durante o recente período de regime autoritário no Brasil, os livros populares de escatologia se tornaram *best-sellers*. É normal que nos períodos de fechamento de perspectivas históricas, os homens se voltem para o além e para o futuro, para as experiências místicas e para a escatologia.

Em geral, esses livros recentes são de posição pré-milenista, pré-tribulacionista e dispensacionalista e, como tal, profundamente pessimistas quanto às possibilidades da ação histórica da humanidade, concorrendo para a alienação dos fiéis. Os pioneiros do evangelicalismo brasileiro eram pós-milenistas (influenciados por Finney) ou amilenistas (como Lutero e Calvino). Hoje os pré-milenistas (sionistas ou não) são olhados meio de lado, talvez como não autenticamente evangélicos.

A excessiva ênfase na escatologia também pode funcionar como uma válvula de escape para os que estão procurando fugir de suas responsabilidades de agentes do bem aqui, agora, neste mundo.

Alguns irmãos vão longe demais, resvalando para um "santo sadismo", segundo o princípio de "quanto pior, melhor", ou seja, quanto mais guerras, quanto mais conflitos, quanto mais terremotos, mais a Bíblia estaria se cumprindo. Daí a procura ávida desses sinais nos jornais diários, o que de certo modo os leva ao sentimento de felicidade diante da desgraça alheia. O importante, para esses irmãos, são os "sinais". Os noticiários positivos, por outro lado, podem causar tristeza.

Pode-se perceber que muitos autores procuram forçar a correlação entre eventos da atualidade e passagens das Escrituras. Até recentemente, os dez países-membros do Mercado Comum Europeu eram tidos como os dez dedos da estátua do gigante do livro de Daniel. O que fazer, agora, que o número de membros do MCE foi aumentado?

Há uma certa contradição na vida dos cultores dessa sinistrose escatológica: o seu pessimismo se dirige apenas para o bem-estar dos outros, não valendo a pena os esforços de reformas sociais, a ação política, a filantropia. Para eles mesmos, contudo, e para os seus familiares, vive-se como se o mundo fosse melhorar e o Senhor não fosse voltar tão breve: carro novo, casa nova, melhores escolas, dinheiro no banco etc. No fundo mesmo, o que se vê é uma racionalização para o egoísmo.

Há de se ter cuidado com essa "escatologia-ficção". O outro extremo nós vamos encontrar, em círculos mais liberais, no que poderíamos denominar de escatologia dos homens-deuses. São irmãos que, comendo o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, acham que comeram também o fruto da árvore da vida: uma humanidade que viverá para sempre em uma *Idade de Ouro* construída por si mesma. São os herdeiros do mito do progresso infinito, defensores de uma escatologia antropocêntrica.

Para esses irmãos, a volta pessoal do Senhor Jesus Cristo, o juízo final e a nova Jerusalém são apenas imagens simbólicas, Satanás, um mito, o homem, um super-herói, e a nova terra já se avizinha, podendo-se ver o seu ensaio bem ali, em uma ilha do Caribe...

Em várias épocas da História, cristãos foram tentados a identificar o reino com alguma experiência política ou econômica, quando o máximo que poderíamos encontrar seriam sinais dele.

Disse um Pai da Igreja que deveríamos estar preparados para a vinda de Cristo hoje, vivendo, porém, como se Ele não fosse voltar nunca. A Igreja de Jerusalém foi a primeira a cometer o imobilismo missionário devido ao erro em matéria de escatologia.

Como cristãos evangélicos, confessamos os credos históricos da Igreja e as Confissões da Reforma, onde é unânime a crença no retorno do Senhor, na parousia, na redenção, na ressurreição. Essa é uma doutrina central do cristianismo, fundamental para a nossa esperança, essencial para nossa cosmovisão e para a nossa visão da História.

O Senhor nos adverte, todavia, para não ficarmos atentando para tempos e estações, para não marcarmos ou calcularmos datas. Ele virá quando quiser e como quiser, para a glorificação da Igreja.

O que Ele nos manda fazer é anunciar e viver o Evangelho, encarnando-o na promoção dos valores do reino.

Enquanto o céu não vem

*"Estou pronto para ir para o céu, mas não estou apressado."
(Mário Quintana, poeta gaúcho)*

Ao longo dos anos, a seção *Cartas à redação* da revista *Ultimato* tem servido de espaço para um intenso debate sobre como os evangélicos encaram a sua participação política. Em decorrência das eleições presidenciais, a igreja mostra a sua divergente face política. O estopim para a controvérsia epistolar parece ter sido o nosso artigo *Com medo de ser feliz*.

Como é típico do protestantismo brasileiro, deixam-se rapidamente as teses para se questionar a pessoa do seu autor. As teses não são analisadas, mas o autor recebe as etiquetas, os carimbos e as classificações.

Vamos tentar aclarar as coisas.

Creemos que o cristianismo inclui, entre outras, três dimensões importantes: 1. A *Piedade*, ou mística, o que inclui a conversão, a prática da oração, a leitura devocional das Escrituras e o exercício dos dons espirituais; 2. A *Dogmática*, ou seja, a expressão inteligível e verbal da fé por meio de fórmulas consensualmente aceitas pela totalidade da Igreja ou por uma de suas parcelas; 3. A *Ética*, o que inclui o projeto moral e histórico dos cristãos - individual e social - para esta vida, em diversas áreas.

A questão política se enquadra no item 3, enquanto o nosso debate tem sido deslocado para os itens 1 e 2.

Quanto ao item 1, este autor afirma a sua conversão, cujo momento culminante de decisão se deu no dia 21 de abril de 1960,

no internato do Colégio XV de Novembro (Presbiteriano), em Garanhuns, Pernambuco. Sua vida foi mudada pela aceitação de Jesus Cristo como seu único Senhor e Salvador. Experiência compartilhada ao longo dos anos e que não admite questionamento.

Este autor se crê um cristão, que ora, lê a Bíblia e acredita na contemporaneidade dos dons espirituais, não impostos nem vetados, mas livremente dispensados pelo Espírito Santo e exercidos na unidade do Corpo, visando a sua edificação. Sua pública profissão de fé em uma igreja evangélica (?) se deu no dia 31 de outubro de 1963.

Quanto ao item 2, este autor tem afirmado e reafirmado sua crença, integral e sem reservas, nos Credos da Igreja Indivisa (Apostólico, Niceno e Atanasiano) e nos itens convergentes das Confissões de fé emanadas da Reforma do Século XVI. Como anglicano, tem especial deferência pelos 39 artigos de Religião do Livro de Oração Comum.

Neste sentido, este autor é um ortodoxo, protestante e evangélico, nunca se imaginando ser outra coisa. Os círculos teológicos liberais sempre o consideram um conservador.

Logo, o problema reside na prática protestante brasileira de julgar os itens 1 e 2 a partir de item 3, o que é lamentável.

Uma outra questão diz respeito ao conteúdo da missão da Igreja. Alguns acham que ela é unicamente kerigmática, proclamativa: a pregação do evangelho. Este autor concorda com a importância da pregação e é um pregador desde dezembro de 1963. Foi por dez anos um missionário ao mundo estudantil (ABUB) e tem inúmeros filhos e filhas na fé por esse Brasil afora. Como ministro anglicano ordenado, desde 1985, coadjutor de uma paróquia, exerce todos os atos pastorais: celebra, prega, ensina, batiza, casa, enterra, aconselha etc. O autor é sócio da OMEB - Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil.

A pregação (a) é central para a missão da Igreja, mas não é o único aspecto da missão. Esta inclui também: (b) ensino e edificação dos fiéis; (c) o suscitar de corações misericordiosos diante do sofrimento humano e (d) o profetismo, com o combate ao pecado em suas expressões sociais, culturais, políticas e econômicas, diabólicos sinais que contrariam o projeto de Deus.

A conversão não traz nenhum automatismo: cura de cárie dentária ou neurose, conhecimento doutrinário, caráter reto ou inserção política correta. A santificação é um processo contínuo. Muitos convertidos ("cristãos carnavais") se recusam a ser solidários e fazem péssimos governos (ex.: racismo no sul dos EUA e África do Sul).

Quanto à Escatologia, um pré-milenismo pré-tribulacionista dispensacionalista extremado tem negado a necessidade de uma Ética Social. Haveria só Ética Individual. Nada se poderia fazer por este mundo. O cristão não teria projeto histórico.

Esse autor é um amilenista, em companhia de Lutero e de Calvino, crendo que a certeza da volta do Senhor deve nos motivar a fazer o melhor pelo mundo, como prova de amor e seguindo o modelo da Encarnação. Wesley afirmou: "Não creio em cristianismo que não comece com conversão, e não creio em conversão que não termine em compromisso social". Finney, o avivalista (que era pós-milenista), por sua vez disse: "A tarefa dos cristãos é transformar o mundo".

Graças a Deus pelas vacinas, pelas técnicas cirúrgicas, pelos aviões, pela eletricidade, pela imprensa, pelo direito, pela democracia e por outras descobertas para o bem da humanidade.

Este autor é um profissional da Ciência Política, trabalhando como pesquisador e professor universitário por 23 anos. Se fosse médico, geógrafo ou agricultor os seus artigos seriam sobre outros temas, embora tenha livros e artigos sobre vários outros tópicos da fé cristã. Escreve em *Ultimato* sobre Política a convite do seu editor, dentro de uma especialidade e vocação.

Este autor acredita que um cristianismo que não se isola, nem foge, nem se aliena, mas que quer "ser sal e luz" se insere nos partidos, sindicatos e movimentos sociais, de forma co-beligerante, visando o projeto definido por Calvino: "A função da política é fazer com que as leis dos homens se aproximem da Lei de Deus".

A esse respeito os cristãos sempre terão divergências, pois possuem formação, interesses e opiniões diversas.

Como cidadão, este autor, ao lado de outros pastores e leigos de várias denominações, fez uma opção engajada nas eleições presidenciais por um candidato com programa e compromissos conhecidos ("os 13 pontos"), não apoiado pelos poderosos e pela grande imprensa, violentado em sua vida privada e alvo de uma campanha difamatória (o diabo é quem é o pai da mentira).

Enquanto não morrermos nem formos arrebatados, devemos, com abertura e humildade, estudar esse apaixonante e importante tema, que é a Política... sem medo de sermos felizes!

10.

Venha o teu reino...

DESAFIOS PARA A DÉCADA DE 90

A História prossegue a sua marcha, com o ser humano como construtor, como continuador da obra da criação. Ser humano dotado de razão, emoção e vontade. Ser humano criador de cultura, com seus traços materiais (tecnologia) e imateriais (instituição, valores), em sua ambigüidade moral, revelando ecos da glória e impulsos do pecado. História que se cria e se recria e para a qual somos chamados a um papel ativo: interpretando o seu sentido, salgando e iluminando a sua construção, apontando para a sua consumação.

Como cristãos, não podemos passar pela História sem entendê-la e sem deixarmos a nossa marca, a nossa contribuição, à luz da Revelação da vontade de Deus, dos valores do reino. História que marcha conosco, sem nós, apesar de nós ou contra nós.

Nesse sentido, o cristão dos nossos tempos tem à sua disposição a contribuição das Ciências Humanas, que nos responde vários porquês e nos possibilita uma inserção que faça sentido, que contribua para avanços e não para estagnações ou retrocessos.

Nesta última década de um século e de um silêncio sem catastrofismos temos uma excelente oportunidade para um balanço da humanidade, um balanço da Igreja, um balanço de nós mesmos, de nossas motivações, ideais e compromissos, como seres sociais e seres históricos. Não podemos nos constituir em nulidades - como Igreja e como cristãos - sem nada a contribuir, omissos, alienados, acomodados ou movidos por um mórbido pessimismo paralisante.

Pode a humanidade - e as grandes causas do bem (a liberdade, a paz, a justiça) - contar conosco? Fazemos uma diferença?

Na década dos 90 somos desafiados a partir de várias áreas:

1. Um cenário internacional em rápida mudança, com o fim da Guerra Fria, o colapso do totalitarismo, com um hemisfério Norte rico e um hemisfério Sul entre a pobreza e a miséria, de frágeis democracias e poderosas autocracias. Opulência, armamentos e programas espaciais caríssimos *versus* massas famintas, doentes, analfabetas, desempregadas, marginalizadas.

O compromisso cristão de lutar por uma nova ordem econômica internacional: toda a terra, o todo da Terra, para todos da terra;

2. Um ecossistema ameaçado e que a todos ameaça, pondo em jogo a própria sobrevivência da humanidade. Os desmatamentos desordenados, a poluição industrial, os vazamentos nucleares, os alimentos contaminados pelos agrotóxicos.

Cristão não somente na vanguarda da paz, mas na vanguarda da batalha ecológica, em defesa da natureza agredida;

3. Uma escalada no tráfico interno e internacional das drogas e no seu consumo, com quadrilhas sofisticadas em armamentos e tecnologia, envolvendo somas fabulosas, ameaçando a estabilidade dos Estados produtores e dos Estados consumidores, destruindo a vida da juventude.

Cristãos empenhados no esclarecimento e no apoio aos fracos e no enfrentamento aos bandidos, mas, principalmente em respostas existenciais que tornem os tóxicos dispensáveis;

4. Maiorias étnicas e religiosas, mulheres, menores, pretos, índios, estrangeiros continuamente alvos do preconceito e da discriminação social e, ou, legal. Cidadãos de segunda classe, ameaçados em sua dignidade, com oportunidades limitadas por serem diferentes, até mesmo em virtude do seu próprio nascimento.

Cristãos comprometidos com a causa da igualdade de todos os seres humanos, criados todos à imagem e semelhança de Deus, dotados de dignidade, vítimas do pecado da discriminação;

5. Um país tropical abençoado por Deus, amaldiçoado pelo diabo e destruído pelos homens. Com todas as suas riquezas concentradas nas mãos de uns poucos. Desigualdades terríveis, regionais e sociais. Luxo e miséria, corrupção, subnutrição, tortura.

Cristãos brasileiros que não se alegrem com as injustiças, nem se aliem aos opressores, mas se comprometam com a causa dos oprimidos, na luta por transformações estruturais profundas;

6. Uma igreja acomodada, desinformada, descomprometida, dividida, descontextualizada, suspirando por favores e privilégios, riquezas e poder, preocupada com abobrinhas metafísicas, com paz

interior egoísta e enquadramento dos divergentes. Clubes religiosos irrelevantes, que aliviam a consciência dos culpados, controlam os parentes rebeldes, reproduzem a ideologia das classes dominantes, em sequiosa busca de *status* e justificativa de *status quo*. Infusão neurotizante de culpas. Legalismo doentio. Antiintelectualismo irracional.

Cristãos comprometidos com a renovação da Igreja, sua autêntica reforma e avivamento.

Uma década de grandes oportunidades e de grandes desafios, digna de ser vivida, tempo que Deus nos deu, não só *chronos*, mas *Kairós*. Um Evangelho transformador para os céticos e os desiludidos, os amargurados das grandes cidades, dos asilos de velhos, dos hospitais, para a criança que cheira cola e para o executivo que cheira cocaína, que converta o reacionário egoísta e o engajado movido a ódio.

Poderá esse Evangelho sustar de novo o avanço do Islã em uma Europa pós-cristã que nem sequer lutará em Poitiers?

Toda essa poderosa mensagem, porém, não poderá surtir efeito nas mãos de uma comunidade de cristãos chatos, cabulosos, anacrônicos, exóticos. O Evangelho surte efeito pregado por pessoas normais, sem anexos e penduricalhos de usos e costumes que anulam a Graça, oprimindo com uma desgraça "leis", sem graça alguma.

Aí estão os partidos, sindicatos e movimentos cívicos à nossa espera, como canais de construção histórica, enquanto nós sumimos no "Triângulo das Bermudas": casa-trabalho-igreja.

Por que não salgamos e iluminamos a vida nacional nos anos 90, dando contribuições à regulamentação da Constituição Federal, Constituições Estaduais e Leis Orgânicas dos Municípios, reformas dos códigos etc..., impulsionando as leis dos homens em direção à Lei de Deus?

Contribuições com um frescor libertário e um vigor profético pela justiça e não velharias para o homem de hoje.

Graças a Deus que usa os infiéis para fazer avançar as leis e os costumes, como o fez na legislação da família na nova Constituição, reconhecendo as uniões de fato e eliminando a discriminação dos filhos, valorizando o fato social, os vínculos afetivos e a dignidade dos novos seres, enquanto os cristãos se prendem à letra de antigas leis. Década de 90 em que os moralistas não destruirão o erotismo, nem os depravados destruirão o amor. Quando os cristãos se omitem ou vivem na contramão da História os sinais do reino talvez não sejam encontrados na Igreja, mas, quem sabe?, na lambada, providencial contribuição da cultura brasileira para que toda a humanidade não fosse parar no hospício depois da aliança Reagan-Tatcher, João Paulo II-Vírus da AIDS...

UNIDADE II

A QUESTÃO ECLESIAÍSTICA

Por um "aggiornamento" evangélico

Quando a Igreja se fossiliza ela se torna irrelevante, é atropelada pela História, se torna infiel ao seu mandato.

Mudança e persistência, eis a questão! A Igreja, divinamente instituída, formada sobre a rocha que é Cristo, para ser fiel, deverá manter o "sagrado depósito" da Revelação, em sua tríplice missão: anúncio do Evangelho do Reino, ensino de todo o conselho de Deus e serviço às carências totais dos seres humanos, como demonstração do amor, que é fruto do Espírito. Se a Igreja anuncia um "outro evangelho" ela não mais é Igreja.

O que deve ser guardado, mantido, defendido é a Revelação, não de forma estática, fria, mas viva, em ação. Ortodoxia é, antes de tudo, verdadeira adoração.

Essa defesa deve incluir toda a Revelação, não passagens "de estimação" de cada sistema denominacional. Os credos históricos (Apostólico, Niceno e de Calcedônia) e os pontos convergentes das Confissões de Fé da Reforma Protestante (Westminster, Augsburgo, XXXIX Artigos de Religião etc.) são pautas válidas para conhecermos o consenso da Igreja, sobre o seu núcleo de fé.

Muito conflito desnecessário e muita energia gasta tem trazido danos à Igreja no que diz respeito a pontos secundários (formas de sacramentos, governo de igreja, liturgia). Em um sentido mais amplo, quem domina as máquinas denominacionais impõe o que vem a ser a "ortodoxia".

A Igreja é uma instituição humana, sujeita à evolução da História, culturalmente condicionada. As tradições, os modos de ser de uma época e lugar não podem ser sacralizados, congelados, empalhados. Mudar a forma, sempre, é o segredo para se manter intacto o conteúdo da Revelação. O cristão, sabendo da pecaminosidade da natureza humana e de sua obra, é chamado a ser crítico de todos os sistemas, ser um inconformado: um indivíduo não toma as formas que o mundo propõe.

Quando a Igreja se fossiliza, ela se torna irrelevante, é atropelada pela História, se torna infiel ao seu mandato.

"Agiornamento" quer dizer atualização, estar em dia (do italiano "giorno"). A Igreja Romana, depois de séculos de reacionarismo, conheceu um "aggiornamento" (embora parcial) com o Vaticano II. O Evangelicalismo mundial conheceu o seu "aggiornamento" com o Congresso de Lausanne.

O evangelismo brasileiro, nos seus primórdios, era símbolo de modernidade, de atualização religiosa, educacional, econômica, política e cultural, em um país pré-moderno, pré-democrático e pré-capitalista. O evangélico, dentro daquele contexto, era uma mente aberta, um sopro renovador neste país.

Os anos foram-se passando e, por uma série de razões, o evangelismo foi mudando de posição com a Igreja de Roma. Somos hoje mais e mais uma comunidade de mentalidade fechada, sectária, intolerante, antiintelectual, alienada ou reacionária quanto ao político, descontextualizada da brasilidade. É basicamente uma questão de atitude. Estamos perdidos em nossas questiúnculas denominacionais, estamos sacralizando o *status quo* social, econômico e político, estamos importando manifestações religiosas e pensamento teológico alienígena, estamos isolando de uma presença transformadora em nossa sociedade.

Estudos sérios poderão explicar essa mudança, de pessoas abertas para um "protestantismo tridentino" (espírito da Contra-Reforma), por mais paradoxal que pareça. Viver a Reforma com a mentalidade da Contra-Reforma.

Enquanto isso, o país está mudando, as novas gerações estão inquietas, estamos ficando para trás, mais e mais transformados não em uma "contra-cultura" bíblica, mas em uma "subcultura exótica", cada vez mais irrelevante.

A História tem demonstrado que, quando isso acontece, murçamos, fenecemos, esterelizamo-nos. E Deus começa a clamar por meio das mulas ou das pedras, porque seu Reino não pode ficar obestado por uma Igreja desobediente, sem visão e sem doação.

Acusações mútuas entre as denominações. Combate aos tipos de roupas e de cortes de cabelo (teologia de alfaiate e de cabeleireiro), combate ao lazer e à diversão e coisas tais são, cada vez mais, um anacronismo, "cortinas de fumaça" para esconder a nossa incompetência, a nossa infidelidade ao centro da Revelação, a nossa desobediência no assumir a cruz.

Se deixarmos o Espírito Santo soprar livremente, quebrando nossas amarras de tradições e preconceitos, poderemos ver um novo tempo, um evangelismo atualizado, "aggiornado", de pessoas descontraídas, alegres, abertas, solidárias, felizes em ver a ação de Deus na História, agentes de transformação.

Vamos dar um descanso às casas de saúde que recebem os neuróticos cristãos, vamos dar um descanso aos jovens de todas as idades que querem ser cristãos sem serem chatos e reacionários, que querem ser cristãos e brasileiros, pedras vivas e não museus ambulantes.

Ecclesia reformada semper reformanda (a Igreja reformada deve sempre estar-se reformando), defendia conhecido pensador protestante. Poderá esse princípio ser uma abençoada realidade em nossos dias, em nosso país?

12.

Divisionismo evangélico: escândalo e pecado

Recente trabalho publicado por uma conhecida missão internacional atesta a existência de quarenta denominações evangélicas "principais", apenas na Grande São Paulo, sem falar em cerca de duzentas "denominações menores". É um fenômeno preocupante, que se vem acentuando nas últimas décadas. Funda-se uma denominação com a facilidade com que se estabelece uma microempresa. Enquanto isso, o Brasil é um dos raros países do mundo onde existe uma entidade aglutinadora da comunidade evangélica. Além do que, o espírito denominacionista é forte e estimulado por cúpulas institucionais sectárias.

A massa dos fiéis não entende bem essas coisas, predisposta a um espírito cooperativo. Os jovens tendem a uma rejeição do sectarismo denominacionista. A origem estrangeira, a origem nacional em virtude de porfias de personalidades e o imobilismo das burocracias eclesiásticas são facilmente detectáveis. As controvérsias artificiais sobre doutrinas secundárias - repetidas *ad nauseam* nos editoriais dos "pravdas" denominacionais - cada vez menos encontram eco. Cresce a convicção de que o divisionismo é nefasto para a obra de evangelização e para uma influência efetiva sobre a nossa sociedade.

O denominacionismo não é bíblico. Ninguém encontra nem o termo nem o conceito de denominações nas Sagradas Escrituras. Jesus Cristo não criou denominações. Não teremos denominações na Nova Jerusalém. Denominação não é um conceito teológico, mas apenas sociológico, jurídico, administrativo e histórico e, portanto, secular.

Denominação é um termo inventado por setores da "eclesiologia" pós-reformada norte-americana, para amenizar o fenômeno da proliferação institucional do protestantismo contemporâneo.

As Escrituras nos falam do que Jesus Cristo instituiu: a Igreja e as igrejas locais. O resto é do homem, é da carne.

Deus é um só em sua trindade. Um só o universo por Ele criado. Um só o povo que Ele chamou para a primeira aliança. Uma só a Igreja por Ele criada. A unidade está no coração de Deus.

A separação é fruto do pecado. O pecado separou a criatura do criador, a criatura da outra criatura, a criatura de si mesma, a criatura da natureza. O objetivo de Deus na História é a destruição do mal e a restauração da unidade: a unidade do reino sobre todas as coisas.

A Unidade da Igreja está no coração de Deus, em sua mente, em seu projeto original. Deus se alegra com a unidade do seu povo. A desunião é obra da carne, alegra o coração de Satanás, porque é contrária ao projeto de Deus. O denominacionismo protestante é antibíblico e entristece a Deus.

O divisionismo se dá por razões geopolíticas: Constantinopla *versus* Roma; por razões nacionalistas; por ênfase de uniformidade em pontos secundários; por brigas de lideranças; por interesses pessoais; por espírito sectário; por intransigência; por orgulho. O divisionismo viceja onde há uma fraca eclesiologia e uma visão apenas, ou quase, jurídico-burocrática da Igreja, e não uma visão orgânica, carismática. Eclesiástica e não "ecclesia", como bem distinguia conhecido teólogo.

Em alguns países (como o Zaire e a Guiné-Bissau, p. ex.), Deus tem usado o braço secular para unir os evangélicos, por decreto do Estado. Em outros (como a Índia, o Paquistão, a Birmânia, p. ex.), Igrejas unificadas surgiram depois de anos de oração e diálogo franco e sincero. A perseguição do regime marxista na China uniu os cristãos e fez desaparecer as denominações. Na maioria dos países as denominações subsistem, mas diminuiu o denominacionismo. São criadas entidades interevangélicas cooperativas (Conselhos Nacionais Evangélicos, como no Peru, p. ex.). Campanhas, cruzadas, estudos e temas são levados a efeito conjuntamente.

Muita gente tem chegado a essa conclusão, mas tem proposto saídas infelizes (como os "Irmãos Unidos" e as "Igrejas Locais"), que, em rejeitando as denominações e delas saindo, criam, de fato, novas denominações, "denominadas" ou não.

Por outro lado, a unidade cristã não se estabelece sobre o irenismo, sobre o relativismo, mas sobre a verdade em que o Espírito Santo nos conduz.

O caminho da unidade não é a mera soma institucional de multidões, talvez não convertidas. Começa com o quebrantamento

pelo Espírito Santo, a leitura sincera das Sagradas Escrituras, sem os "óculos" dos sistemas, e a comunhão com os irmãos lavados pelo sangue do mesmo Cordeiro com quem passaremos a eternidade.

Esse tem sido o "Espírito de Lausanne" que o Senhor maravilhosamente vem soprando nos últimos anos no mundo, resistido carnalmente pelas nomenclaturas denominacionais tupiniquins. É o Senhor quem nos ensinará o caminho da unidade: para que o mundo creia.

Os evangélicos e o ecumenismo

Ecumênico é uma expressão bíblica. Aparece 15 vezes no Novo Testamento ("Oikuméné"), significando "todo o mundo habitado", "o universo", "a terra". Na antiguidade cristã, em referência aos Concílios, o termo veio a ser sinônimo de "católico", isto é, universal.

O movimento ecumênico, por sua vez, iniciado no século passado, teve origem entre os evangélicos, durante a fase de intensa expansão missionária. Havia uma preocupação com a racionalização no empreendimento (evitando-se duplicidade, por exemplo) e com a necessidade de troca de informações e cooperação diante de terras a serem missionadas em que fossem predominantes as "grandes religiões não cristãs (budismo, hinduísmo, islamismo)". A Aliança Evangélica Inglesa (da década de 1850) foi o primeiro organismo ecumênico. Uma das entidades ecumênicas atuais, a Aliança Evangélica Mundial (WEF), chama para si essa herança de um ecumenismo protestante e confessional.

Um próximo passo desse movimento foi o surgimento de órgãos denominacionais mundiais: a Conferência (anglicana) de Lambeth, 1867; a Aliança Mundial das Igrejas Presbiterianas e Reformadas, 1875; o Conselho Mundial Metodista, 1881; o Conselho Mundial Congregacional, 1981; e outros.

Um marco de alargamento de ecumenismo foi a Conferência Missionária Mundial, de Edimburgo, Escócia, 1910, que resultou na criação de dois programas: Vida e Trabalho (1925) e Fé e Ordem

(1927). O Conselho Mundial de Igrejas (WCC), fundado em Amsterdam, Holanda, 1948, chama para si essa herança de um ecumenismo inclusivista. Sua primeira auto-identificação rezava: "O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunhão de Igrejas que aceitam Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador".

Uma terceira entidade ecumênica é o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (ICCC), de tendência fundamentalista-literalista, exclusivista e politicamente conservadora.

A Igreja Romana foi inicialmente contrária ao movimento ecumênico, pela Encíclica *Mortalium Animos* (1928), do papa Pio XI, pois como "a única igreja verdadeira", a unidade seria a volta dos outros ao seu redil. O papa João XXIII, porém, criou a Secretaria Para a Unificação dos Cristãos (1960) e o Concílio Vaticano II. Em um dos seus decretos, afirmou: "A colaboração de todos os cristãos é manifestação viva do laço que já os une entre si e faz resplandecer mais plenamente a face do Cristo Servo". Como a sua eclesiologia não sofreu nenhuma alteração substancial, a Igreja Romana não se filia ao Conselho Mundial de Igrejas (WCC), mas envia "observadores".

O WCC ampliou sua base com a entrada dos ortodoxos orientais, a partir dos anos 60, e dos pentecostais, a partir dos anos 70. Sua auto-identificação teve de ser alterada para fazer uma referência às Escrituras e à Trindade. A atual redação é a seguinte: "O Conselho Mundial de Igrejas é uma união fraterna de igrejas que reconhecem, de acordo com as Escrituras Sagradas, o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, e aplicam-se a corresponder, em conjunto, à vocação coletiva, para a glória do único Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo".

A base bíblica inspirativa para o movimento ecumênico sempre foi João 17.20,21: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste".

Temos hoje no mundo cerca de 20.000 denominações cristãs, e cada dia surgem mais. Razões históricas e culturais, doutrinas secundárias e a fraqueza do homem são responsáveis por esse quadro lastimável de desobediência à vontade do Senhor e de obstáculo para que o mundo creia. Mil racionalizações e desculpas esfarrapadas (com a Bíblia sempre manipulada) são engrenagens para justificar o divisonismo, que não tem outro título senão o de pecado.

Quebrantamento espiritual, maturidade, decretos governamentais ou perseguições têm conduzido ao nascimento de igrejas unidas, como as igrejas do Sul da Índia, do norte da Índia, da China, do Zaire, ou da Guiné-Bissau. Em países que não alcançaram tal nível, a unidade tem

sido mantida, mesmo com as denominações, por meio de sólidos e representativos conselhos nacionais de Igrejas.

Se a unidade (não uniforme) dos cristãos é um pré-requisito para a aceitação do Evangelho pelo mundo, é preciso igualmente frisar o conteúdo da mensagem que deve ser criada.

Crer, sim, mas em quê? É aí que entra a justificável preocupação dos evangélicos com a falta de consistência de algumas produções teológicas ecumênicas, de soteriologia claramente universalista, beirando o sincretismo.

Por mais comprometidos que estejam com as transformações sociais do mundo, os evangélicos não concordam que "salvação" seja "paz no Vietnã, independência em Angola ou reconciliação na Irlanda do Norte" (afirmações da conferência *Salvação Hoje*, do WCC, Bangkok, 73).

Há um "sagrado depósito" a ser preservado, segundo o ensino apostólico e a compreensão histórica da Igreja. A falta de unidade é um pecado, a falsa doutrina também. Com esse compromisso, os evangélicos, em humildade, deverão, em obediência ao seu Senhor, tudo fazer para que tenhamos "um só rebanho e um só pastor": o rebanho dos que crêm no Pastor, por intermédio de sua Palavra.

14.

Unidade na diversidade

Fazendo uma auto-identificação, escreveu John Stott:

“Primeiramente, e acima de tudo, pela misericórdia de Deus eu sou um cristão procurando seguir a Jesus Cristo. Em seguida, eu sou um cristão evangélico, por causa da minha convicção de que os princípios evangélicos (especialmente a *sola scriptura* e a *sola gratia*) são integrais ao cristianismo autêntico, e que ser um cristão evangélico é ser um cristão neotestamentário, e vice-versa. Em terceiro lugar, eu sou um evangélico anglicano, desde que a Igreja da Inglaterra é a particular tradição histórica ou denominação a que pertenço. Mas eu não sou primeiramente anglicano, desde que denominacionalismo é algo difícil de defender”.

Essa confissão poderia ser feita de igual modo por um presbiteriano, um batista ou um pentecostal, na mesma ordem de prioridades e com a mesma identificação.

Elaborando melhor o conteúdo do evangelicalismo, Stott afirma:

“A essência da fé evangélica é que, em Jesus Cristo encarnado, crucificado e exaltado, Deus tem falado e agido decisivamente e finalisticamente pela salvação do mundo. Em consequência, Jesus Cristo é a última palavra de Deus para o mundo, e é inconcebível que possa haver qualquer revelação maior do que aquela que foi dada ao seu Filho. Jesus Cristo é também a última obra de Deus para a salvação do mundo, e é inconcebível que qualquer outra coisa possa ser necessária ou adicionada a isso. Nada pode ser

acrescentado, seja ao que Deus tem falado em Cristo, seja ao que Deus tem feito em Cristo. Ambos são *uma vez para sempre*. Em Cristo, a revelação e a redenção de Deus são concluídas e perfeitas.”

Esse núcleo central, para Michael Saward, é vivenciado, porém, em uma diversidade de tônicas e de ênfases, históricas, confessionais, denominacionais, hermenêuticas, administrativas, litúrgicas, éticas e doutrinárias (doutrinas secundárias). Na Inglaterra, ele detecta a presença de quatro grandes grupos, aos quais chama de “paroquiais”, “puritanos”, “protestantes” e “os que buscam poder”. Todos eles, contudo, alegam um profundo respeito à Bíblia como Palavra de Deus e à justificação pela graça mediante a fé.

Dentro do contexto norte-americano, Richard Quebandeaux diz que “... o cristianismo evangélico é um termo compreensivo, aplicado ao grupo de crentes que aceitam a autoridade absoluta da Bíblia, que têm sido convertidos a Cristo (são nascidos de novo) e que compartilham a sua fé com os outros”. Eles estariam divididos em três subgrupos:

- a) os fundamentalistas, descendentes estáticos, com o seu literalismo, dos conservadores das controvérsias contra o liberalismo e o “Evangelho Social” do começo do século;
- b) os carismáticos, com ênfase na experiência e na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo;
- c) os evangélicos, descendentes dos neo-evangélicos dos anos 40, que reafirmam os princípios da ortodoxia, mas rejeitam o que consideram como excessos do fundamentalismo, tanto no plano teológico como cultural: o antiintelectualismo, o sectarismo, a falta de compromisso social e o quase completo repúdio dos valores da sociedade geral.

Esses grupos se subdividem em tipos de métodos evangélicos, em regionalismos, em origem de raça ou classe, em atitude diante do cientificismo, em sua visão das artes, no papel da mulher, na opção partidária ou ideológica e nas posturas éticas sociais ou individuais, particularmente a questão da sexualidade.

Um evangelicalismo que produziu a “teologia da prosperidade” ou “vida cristã vitoriosa” e, simultaneamente, deu lugar à corrente do “estilo de vida simples”.

Para Quebandeaux, os anos 80 registram um evangelicalismo numericamente majoritário dentro do protestantismo daquela região, mas que passa por uma mudança muito significativa ao nível sociológico: pelo seu pluralismo, por sua diversidade, vai deixando de ser uma subcultura fechada, uniformizante, enquanto se abre para o mundo. Respostas diversificadas para um mundo diversificado. A teologia

evangélica permanece, dinâmica, enriquecedora, enquanto entra em crise a ideologia evangélica, vivenciada antes em uma comunidade fechada e imobilista, com seus preconceitos e tabus.

Cremos que no Brasil temos vivenciado, nas últimas décadas, um processo inverso, ou estamos em um estágio anterior ao dos países do Norte. Temos construído uma subcultura (com forte dose da cultura popular religiosa ibérica pré-moderna), onde o forte ainda são os usos e costumes, o autoritarismo e a repressão, a uniformidade e a intolerância, o tradicionalismo e o conservadorismo político. Do ponto de vista das influências externas elas se fazem mais sob a égide do fundamentalismo do que do neo-evangelicalismo, mais da América do Norte que da Europa e quase nada do resto do mundo.

A consciência madura da diversidade na unidade nos levaria ao crescimento qualitativo e a um maior impacto sobre o país. A subcultura reacionária nos isola e nos consome com questiúnculas internas e com o sempre vivo exercício inquisitorial.

O drama de muitos pensamentos é a sua lealdade aos princípios evangélicos (o que os distingue de outras correntes, como os liberais, por exemplo) e sua ideologia (o que os torna alvo dos uniformizantes). O acidental vai tomando o lugar do essencial, a casca torna-se mais importante que o miolo.

Enquanto isso, os brasileiros têm dificuldade de aceitar o Evangelho porque, enquanto gritamos a Graça, temos a cara da Lei.

A igreja que perdeu o reino

A visão da Igreja é do tamanho do seu Deus. Se nós somos criados à imagem e semelhança de Deus, não apenas os pagãos, mas também os cristãos têm um Deus à sua imagem e semelhança. O Deus de suas projeções, de forte componente antropomórfico, a ser sintonizado com suas fraquezas e limitações. Não só a visão da igreja, mas também a sua missão, o seu comportamento, a sua presença e as suas idiossincrasias refletem o conceito de Deus que ela possui.

Alguns cristãos não conseguem enxergar além da sua igreja local. É o que poderíamos denominar de eclesiologia tribalista. Quatro paredes, uma comunidade centrada em si mesma, com seus matrimônios endogâmicos, suas festas, suas fofocas, suas tensões, mais parecendo uma cidadezinha do interior. Sua missão se resume em acrescentar cidadãos a essa "cidade", isolando-os do mundo e do resto da cristandade. Todos os feitos positivos são os feitos da "minha" igreja. Alguns chegam ao extremo de realizar a Ceia do Senhor apenas para o próprio grupo. A contemplação da árvore não permite enxergar a grandeza da floresta.

Outros cristãos, um pouco mais "abertos", conseguem enxergar além de suas igrejas locais. Conseguem enxergar a sua denominação, seja ela grande ou pequena. É o que poderíamos denominar de eclesiologia clânica. Uma família mais ampliada, o clã e o seu totem. A coleção das igrejas locais de sua denominação seria como a liga sacral das 12 tribos de Israel; ou tal "liga" seria o conjunto das igrejas

evangélicas, e a sua denominação seria uma das tribos. Circula-se no meio da denominação, conhecem-se apenas as pessoas da denominação, trabalha-se somente para a expansão da denominação, promovendo seus usos, seus maneirismos, seu dialeto, seus trejeitos e suas demais idiossincrasias.

Para o primeiro grupo, o reino de Deus cabe dentro da sua igreja local; para o segundo, o reino de Deus é um pouco maior: cabe dentro de sua denominação.

Mensageiros de ambos os grupos anunciam um reino de Deus que cabe dentro do "coração" de cada crente. Deus reina sobre indivíduos isolados, na base do "cada um por si e Deus por todos". O reino, literalmente, está apenas "dentro de vós".

É a visão intimista, individualista (e, por que não dizê-lo?, às vezes egoísta) do reino, que nos lega o liberalismo burguês ocidental contemporâneo.

Outros mensageiros anunciam um reino apenas para o outro mundo, para depois da morte. "Morra em Cristo e conhecerás o reino". Uma variação seria o reino para o fim do mundo. O além do reino é confundido com todo o reino. A plenitude do reino é confundida com todo o reino.

Para esses cristãos "o mundo jaz no maligno" e não adianta fazer nada por ele. O mundo vai de mal a pior, e o que nos cabe é "salvar as almas". O "mundo" para eles não é igual a estado de coisas, sistemas engendrados pelo pecado, estruturas pecaminosas, modelos antibíblicos. "Mundo" para eles é o planeta terra, que Deus teria deixado sob a "gerência" de Satanás, salvo algumas ilhas, as igrejas, onde os salvos poderão obter, provisoriamente, "abrigo diplomático".

Esperava-se que o Messias implantasse o seu reino - ensina um teólogo - e eis que ele nos lega a Igreja. A Igreja termina por achar que é o próprio reino ou passa a ter dele uma visão muito pequena. A Igreja pode até achar que não é o reino, não se confunde com ele, mas é a sua "vanguarda", sua agência, sua antecipação, sua presença histórica. Mas por ter um Deus pequeno, ou por ser medrosa (do risco de martírio), torna-se descrente de suas possibilidades e deriva para o platonismo, para o espiritualismo, para o subjetivismo, para o intimismo, para o sectarismo, para o denominacionalismo.

Deus reina sobre todo o universo, sobre o planeta Terra, sobre a humanidade, sobre a história e sobre a sua Igreja, reconheça-se ou não. Com o sacrifício de Cristo, a morte, o pecado e Satanás foram derrotados e a terra resgatada. O drama atual já tem um resultado previsível. O sacrifício de Jesus tem implicações cósmicas e históricas. Ele liberta as amarras da história. Ele liberta as amarras do conhecimento, permitindo que a ciência "se multiplique" na era da Igreja até

o fim, aceleradamente, incomparável a todo o passado da raça humana. Conhecimento científico, que é a revelação natural do próprio Deus em benefício do homem.

Ele liberta a consciência do ser humano da escravidão dos sistemas. O fato antinatural de que umas pessoas tenham domínio sobre outras, pela escravidão, pela servidão, pela espoliação, passa a ser antinatural e não natural. Desigualdades não naturais são não naturais quando confrontadas com a ética da Revelação, com os valores do reino de Deus, com o modelo moral do Éden e da Nova Jerusalém. O povo, as pessoas, tomam consciência de sua dignidade e passam a ser sujeitos de sua história, agentes de transformação, recriando os sistemas com alvos morais superiores, como sinal do reino.

Israel falhou em ser antecipação histórica do reino: no culto, na moral e na organização sócio-político-econômica. Por isso conheceu exílio e decadência. A Igreja, "novo Israel", substitui o velho Israel. Falhará também a Igreja em sua missão de antecipar o possível já do reino? Terá razão certo pensador quando diz que o reino poderá vir "por meio da Igreja, sem ela ou, até, contra ela"?

Poderemos reclamar quando a nudez, a sede e a fome da humanidade estão sendo resolvidas por revoluções não cristãs ou anticristãs, porque falhamos em realizar, no concreto, a revolução do amor? Deus pode estar abençoando "missões" cujas fontes financeiras são oriundas de investimentos em fábricas de armas, de tóxicos, ou de dízimo da iniquidade (sobejo) obtidos pelo contrabando, pela sonegação e pela exploração da mão-de-obra?

Devemos orar "venha o teu reino", nos esforçando para fazer, objetivamente, a sua vontade "na terra como no céu".

O conhecimento científico nos mostra os fatos, a mensagem das Escrituras realiza o julgamento moral e as instituições sociais (partidos, sindicatos, associações) são os instrumentos da mediação entre a vontade moral e a mudança histórica na direção ou não dos valores do reino (justiça, paz, honestidade, amor, alegria, liberdade etc.).

A Igreja evangélica no Brasil, anestesiada pela alienação, pelo medo, pela acomodação, pelos privilégios, pela "teologia" caipira norte-americana que nos afoga, parece ter perdido a visão do reino e da sua responsabilidade em sua implantação. Enquanto isso Deus pode já estar usando "pedras" e "mulas". Quando acordarmos do sono, da anestesia, pode já ser tarde demais.

16.

Perestroika: só falta a igreja

FÉ LIBERTADORA *VERSUS*
INSTITUIÇÃO OPRESSORA

Os anos 90 se iniciam com a América Latina e o Leste Europeu redemocratizados, a Namíbia independente e o *apartheid* decadente, em salutar momento de liberalização. Apesar de eventos localizados positivos, o mundo religioso não parece passar pela mesma *glasnost*: o recrudescer do fundamentalismo islâmico intolerante, o esmagar do povo palestino pelo sionismo desvairado e o neo-integrismo católico-romano de João Paulo II, recuando do "aggiornamento" do Concílio Vaticano II. O mundo protestante luta para superar o legado farisaico dos televangelistas e a deformação do "Evangelho-capitalismo" das teologias de prosperidade, com as igrejas do Terceiro Mundo ainda dependentes das multinacionais da fé.

No caso da crise da Igreja Romana, o problema passa pelo modelo político eclesial: uma monarquia absoluta, piramidal, hierarquizada, cooptadora, sem canais de representação deliberativa do clero e do povo, a depender de uma "loteria celestial" para o tipo de dirigentes que venha a ter. Fica a lembrança da sinalização democratizante do Concílio de Constança, varrido pelo autoritarismo dos Concílios de Trento e Vaticano I, timidamente retomado pelo Vaticano II. Fica a lembrança da defesa de Occam de um governo conciliar (parlamentar) para a Igreja, ainda no ocaso da Idade Média. Sem redemocratização (porque a Igreja foi democrática nas origens), não há futuro para a Igreja que "nasce do povo", porque este povo não terá poder.

Em relação ao protestantismo brasileiro, as diferenças entre governos episcopais, presbiterianos e congregacionais pouco saem do jurídico-formal. O que nós temos é o velho caciquismo de nossa cultura ibérica contra-reformada, despótico, oligárquico ou manipulador.

A instituição eclesástica - como toda instituição, em sua dimensão humana - vive aquela "lei de ferro" das oligarquias, formulada por Robert Michels: a formação de uma burocracia especializada conduz ao seu distanciamento das bases, sua auto-propagação e sua rigidez defensiva, contrária a todas as mudanças, que sempre soam como uma ameaça a suas posições e a seus privilégios.

Um conhecido teólogo dos nossos tempos afirmou: "Desde que a lógica do poder reconhece apenas um valor - a defesa e o incremento do poder - e ignora completamente as exigências da vida, será inevitável que o mundo das organizações conspire contra a vida". Enquanto que, para outro pensador, "... os sistemas e instituições" se autodefendem dentro da lógica que lhes é própria, que é a lógica do poder". Para este, "pouco importa o signo, cristão ou pagão, o poder historicamente foi exercido como opressão e coerção. Pretendeu-se defender a liberdade, suprimindo a liberdade; pensou-se, para o bem dos homens, impor a fé e os valores cristãos, mas essa imposição negou a fé e os valores cristãos".

Já se afirmou que "todo poder corrompe" e que "todo poder absoluto corrompe absolutamente". Essa deformação pode ser pior quando vivenciada sob o manto do sagrado.

Todas as "cúrias" se parecem, com seus burocratas medíocres, carreiristas, intelectualmente limitados, de horizontes estreitos, rígidos, dogmáticos, repetitivos, conservadores, reacionários, chatos, anacrônicos, agarrados a seus cargos e ambições, a promover algo que não estava no coração de Deus, antes o entristece: as instituições denominacionais.

Como sabemos, nada é tão político quanto a igreja, apesar da sua negação do político. O pior é que o nome de Deus é invocado em vão e basfêmias são proferidas quando se quer buscar a chancela celestial para as formas de governo das denominações (que não se encontram em um apêndice da Bíblia, nem foram ditadas pelo anjo Gabriel) e para os desmandos e as arbitrariedades de seus hierarcas.

O espírito de intolerância e de enquadramento, de censura, permeia a vida das comunidades eclesiais, com seus "obsequiosos silêncios", suas "queimações" e suas "disciplinas". Os pecadores por pensamentos e por omissão "disciplinam" os pecadores por palavra e ação; os glutões "disciplinam" os bebedores. Os pastores questionadores silenciam por necessidade de sobrevivência; os pensadores se calam, em

autocensura, para não serem marginalizados. Uma comunidade autoritária, formada por personalidades autoritárias que para ali canalizam suas frustrações, sejam profissionais, sejam erótico-afetivas, fetichizando as tradições e sacralizando o acidental e o secundário.

"Fundamentalistas" tornam deutero-canônico o pensamento dos Reformadores do século XVI, condenando as gerações seguintes às esterilidade intelectual; "puritanos" outorgam *status* de eternidade ao antigo e *status* de normas reveladas aos costumes e concepções da cultura medieval ou da cultura vitoriana; "carismáticos" neurotizam suas comunidades com a negação do prazer e do lazer, com o controle policial sobre a vida particular dos seus fiéis e com uma demonologia que parece mais forte que sua cristologia; "liberais", deslocados da vida eclesial, vivem o antiliberalismo do preconceito e da agressividade contra os que não compartilham de suas descrenças e dos seus reductionismos.

Um jovem cristão holandês, de piedade pessoal, mas de pouco compromisso com a igreja, afirmou certa feita: "a igreja é como a avó da gente: é bom visitá-la de vez em quando, mas não daria para morar com ela".

Essa frase encerra a diferença entre o poder liberador do Evangelho da Graça e as instituições religiosas, tantas vezes transformadas em camisas-de-força desse mesmo evangelho. O sopro renovador do Espírito Santo e a mensagem transformadora da Palavra de Deus em choque com o aprisionamento institucional, com seus códigos, sua burocracia, suas tradições inquestionáveis, sua intolerância, suas inquisições.

O corpo de Cristo está vivo e o povo de Deus se move em manifestações orgânicas de grupos e movimentos informais e transdenominacionais. Devemos participar criticamente das instituições, mas não nos desgastar ou perder tempo, pois nosso compromisso é com o reino.

As direções das nossas instituições mais parecem o *presidium* do Soviet Supremo nos tempos de Brejnev, nossos órgãos denominacionais mais parecem o Pravda antes da *glasnost*, nossos líderes estão mais para Andropov do que para Gorbachev, ainda impera o partido único e o "gelo" das sibérias da vida ainda aguardam os dissidentes...

Pode ser que na Rússia e na África do Sul já comece a raiar a liberdade e a justiça. Já na Igreja...

Os terreiros de Jesus

O EVANGELICALISMO E A RAÇA NEGRA NO BRASIL

O centenário da abolição da escravatura está ensejando, embora tardiamente, toda uma oportunidade para que a sociedade brasileira proceda a uma ampla discussão sobre a questão negra, que resulte em uma substituição dos mitos da História Oficial. Esses mitos, principalmente os da "escravidão benigna" e da "democracia racial", são veiculados pelos livros didáticos e pelos autores comprometidos com a ótica dos dominadores. Os cristãos evangélicos, por seu compromisso com a verdade como um dos valores éticos fundamentais, devem saudar esse esforço e apoiá-lo, pois, sendo esses mitos mentiras e sendo o diabo o pai da mentira, essa falsa história tem uma dimensão satânica e pecaminosa.

A nossa escravidão nada teve de "benigna". Milhões de negros morreram nos fétidos e promíscuos porões dos navios, já na travessia da África; morreram de maus tratos e torturas, morreram na repressão aos quilombos, morreram como (in)voluntários na Guerra do Paraguai. O sadismo nas relações senhores-escravos e os abusos e humilhações de natureza sexual (origem de nossa "morenidade"), conhecidos à luz dos documentos da época, clamam aos céus e sensibilizam os cristãos em seu senso de justiça.

A "generosa" abolição resulta de um novo momento da história do capitalismo industrial em expansão, carente de um mercado consumidor de homens livres, quando a escravidão se constituía cada vez

mais em um anacronismo. No caso brasileiro, não se concebe a abolição proposta pelo Partido Liberal - o que incluía uma reforma agrária para que os negros tivessem uma gleba para recomeçar a vida - mas sim a do Partido Conservador, que os tornava livres para a miséria e a marginalidade.

Durante cem anos, a questão negra tem sido mal interpretada pelos teóricos da direita e da esquerda. Os da direita, com a afirmação de que a não ascensão dos negros não é uma questão de racismo, mas uma limitação sócio-econômica ("negro rico vira branco"). Os da esquerda, que leram um Marx de uma Europa toda branca, caem em um reducionismo da luta de classes, menosprezando a variável racista. O negro que sobe no Brasil ainda é uma exceção. Em o fazendo, ele é visto como um "branco" de pele negra e não como um negro com valor intrínseco. Milhões de imigrantes brancos e amarelos ascendem socialmente no Brasil, em uma ou duas gerações, porque, também, as portas dessa sociedade se lhes abrem mais facilmente do que a um negro. O negro, para vencer, tem de se "embranquecer", "amorenar", "desnegrecer". É o clássico "apesar de": "apesar de negro, é uma boa pessoa, é inteligente, é trabalhador etc". É o "negro de alma branca".

Não temos discriminações legais, mas vivemos no meio de preconceitos, cujo grande teste é a resposta à seguinte indagação: "Você, que não é racista, se casaria com um negro, ou aceitaria que o seu filho se casasse com uma negra?" Assista às novelas e aos comerciais da televisão e veja os papéis atribuídos aos negros: eles continuam "no seu lugar".

No campo religioso, tivemos a omissão, a convivência criminosa, o silêncio culposos da Igreja Romana em relação à escravidão e à destruição da cultura negra. Entre os protestantes, tivemos uma postura abolicionista, influenciada por evangélicos ingleses. Uma vez abolida a escravidão, porém, o comportamento protestante tem sido altamente questionável. Os missionários que aqui aportaram eram todos brancos, oriundos de igrejas monocores (todo-brancas), principalmente do Sul daquele país, divididas das irmãs do Norte quando da Guerra da Secessão. Os padrões culturais aqui impostos foram os padrões brancos anglo-saxões.

Ninguém pode se esquecer de que a experiência do Sul dos Estados Unidos, até bem pouco, e da África do Sul, ainda hoje, revelam um potencial racista em setores amplos da teologia fundamentalista. Uma das razões que levaram ilustre sociólogo brasileiro, recentemente falecido, a deixar o protestantismo foi a sua convivência, nos anos 20, com igrejas racistas nos Estados Unidos e o presenciar de um linchamento de um negro por piedosos diáconos daquelas igrejas, devotados militantes da Klu Klux Klan e da John Birch Society.

Todos nós somos chamados a uma "mea culpa", a um arrependimento e a uma mudança de atitude. Não podemos, também, esperar, desde já, maturidade e moderação dos movimentos negros de hoje, quando experimentam uma organização depois de séculos de marginalização e de ressentimentos. Mais ainda, depois de séculos de isolamento em relação às raízes africanas, inseridos compulsoriamente neste país que, luso-tropical ou o que seja, é, na verdade, muito europeu (desembarque em Lisboa, Madri ou Roma e veja quanto europeus nós, brasileiros, somos).

Esse distanciamento das raízes tem concorrido para que haja uma tendência, entre os nossos negros, a associar a negritude com as manifestações religiosas afro-animistas e a ver no cristianismo uma religião do branco dominador, esquecidos de que Jesus foi um asiático (nasceu na Palestina), foi refugiado político na África (Egito) e que a Igreja começou no Oriente. Em virtude da colonização, para os nossos negros a África é aquela dos seus antepassados, mas que, em certo sentido, existe cada vez menos. Desconhecem a África de hoje, cada vez mais islâmica e cada vez mais cristã (o continente onde hoje mais cresce o cristianismo, principalmente o protestantismo).

Por outro lado, para muitos cristãos brancos, toda manifestação cultural africana é tida como "demoníaca" ou "intrinsecamente associada à macumba". O preconceito etnocêntrico, a ignorância antropológica (que não sabe distinguir aculturação de sincretismo) e a deplorável falta de intercâmbio com as igrejas concorrem para o fortalecimento desse erro de visão. A África é cada vez mais cristã, sim, mas o cristianismo ali é cada vez mais africano, com sua reflexão teológica autóctone, com suas roupas, danças e ritmos.

A histórica repressão por parte dos brancos cristãos e a desaffricanização dos convertidos, lamentavelmente, deixaram os negros, tantas vezes, sem outra saída a não ser o terreiro de candomblé como seu espaço social e cultural, de afirmação e preservação de identidade. A gigantesca expansão dos cultos afro-ameríndios no Brasil de hoje é um atestado do fracasso da estratégia missionária transcultural cristã na evangelização dos nossos negros.

Chama-nos a atenção o fato de que o maior sucesso na evangelização dos judeus norte-americanos tem sido o estabelecimento de sinagogas messiânicas: igrejas de judeus-cristãos que preservam a sua cultura. Por analogia, para os islâmicos a estratégia poderia ser a mesma: mesquitas messiânicas. Por que não admitirmos que a evangelização dos nossos negros passaria pelo estabelecimento de *Terreiros de Jesus*: cristocêntricos, bíblicos e, ao mesmo tempo, africanos, onde os convertidos estariam entre os seus e como os seus, em sua vestimenta e alimentação, em sua alegria e musicalidade?

Como nas igrejas africanas hoje, aqui também os atabaques tocariam para Jesus.

Protestantismo: crescimento ou inchação?

Os protestantes continuam crescendo... com a medicina pública caindo aos pedaços e a medicina privada crucificando os seus associados com cruzes douradas; as agências de curas divinas continuam a atrair multidões de doentes do corpo e da mente, desempregados, subnutridos, abandonados. É o crescimento pelo curandeirismo cristão, em concorrência com a umbanda e as romarias aos santuários católico-romanos.

O crescimento protestante prossegue... com a pequena burguesia fugindo da aridez, do horizontalismo, dos desafios, dos compromissos e da indução à consciência culpada provocados pela Teologia da Libertação, com a Santa Madre trocada pelas promessas de prosperidade (converta-se e fique rico), pelas igrejas-clubes monoclássistas e pelas pastorais familiares moralistas. É o crescimento pela paz interior diante do caos exterior e pela aprovação da desigualdade, desde que se esteja do lado de cima.

Há os que têm medo do inferno, há os que admiram o Tio Sam, há os que casam com jovens crentes... e haja crescimento.

Reconciliam-se com os arquétipos arcaicos, curte-se o superego, acomoda-se diante da luta da vida, explica-se o que nos funde a cuca. A tradição é mantida, a propriedade é acrescida e a família controla para o Estado os candidatos a heróis revolucionários ou mártires. A santidade é para fora das contradições sociais e para dentro da reprodução dos sistemas. Bons moços esses protestantes, subservientes e inofensivos. Uma bênção para os dominadores.

Crescimento? Será que assim podemos considerar essa massa fragmentada, atomizada, amorfa, sem identidade e sem projeto?

Protestantes? Os que não sabem se Lutero joga no Corinthians ou se Calvino é um destaque da Beija-Flor de Nilópolis? Protestantes? Os que nunca leram (nem lerão) as Confissões de Fé históricas e não têm a mais vaga noção da gênese, do espírito e da caminhada histórica da Reforma do Século XVI? Protestantes? Os que não sabem se o Dr. Kalley é um cirurgião plástico de Copacabana, se Simonton é professor de Economia ou se Salomão Guinsburg é um comerciante judeu da rua do Ouvidor?

Protestantes? Talvez. Afinal essa vertente confederada ou vitoriana é a expressão mais estéril desse movimento religioso e por mais oposta que seja à proposta original, não deixa de estar debaixo do imenso guarda-chuva reformado.

Deve-se reconhecer a criatividade e o espírito de livre-empresa dos nativos (especialmente no sudeste), com a criação a cada dia de novas e exóticas denominações. Outras apenas congelam a forma que receberam dos missionários. E o Brasil continuará sempre o mesmo, seja qual for o número de protestantes dentro de suas fronteiras, seja qual for o grau de seu triunfalismo.

O ex-protestante (batista) Gilberto Freyre, comentando a desordenada explosão demográfica da capital pernambucana (com 50% de favelados), disse: "Recife não é uma cidade crescida, é uma cidade inchada".

Não estaríamos diante de uma inchação de protestantes?

Não teria razão um sociólogo da religião mexicano, quando afirma que a multiplicidade das igrejas evangélicas em nosso continente não significa um crescimento do protestantismo, mas de um catolicismo de substituição? Não seriam esses protestantes os mais puros herdeiros da cosmovisão católico-romana medieval, pré-moderna, pré-democrática e repressora da sexualidade?

Crescendo na política

Como se pode crescer na Política quando se nega o presente do mundo e se curtem as hipóteses do seu futuro fim; quando se nega este mundo e se anseia pelo outro mundo; quando se nega a vida e se valoriza a morte?

Como se pode crescer na Política quando o reino de Deus é apenas para o recôndito da alma e não para a História; quando o pecado é apenas individual e não social?

Talvez cresça a admiração do passado ou do futuro e a glorificação das pátrias dos missionários como mais acordes com a pátria celestial.

Cresce a santificação do capitalismo e a concentração da propriedade, renda e poder (com os eleitos à frente e por cima).

Cresce o constantinismo, com a aliança a qualquer preço com qualquer detentor do poder.

Cresce o neofranciscanismo, com a troca de favores por votos com quem tem favores para trocar.

É... alguma coisa está crescendo. Cresce a experiência da esperteza. Sem unidade e sem projeto histórico, não se sabe onde está e nem para onde se quer ir. Os espíritos da corrupção são ardentemente exorcizados pelos que votam nos partidos da corrupção.

A massa protestante não é muito chegada à militância sindical, à militância partidária, à militância comunitária, à militância dos grandes movimentos e causas da sociedade civil em defesa dos direitos humanos, da vida, da paz.

Sem um bom pretexto (como a defesa da liberdade religiosa ameaçada), sem uma nova Constituição para redigir e com a *performance* da legislatura passada, não deu para expandir a bancada evangélica no Congresso Nacional, antes, deu para encolher. Ao contrário do que muita gente pensava, não houve nenhuma explosão de vereadores, deputados ou senadores evangélicos, muito menos de prefeitos e nem falar em governadores. Em todos esses setores da vida pública continuamos muito abaixo da média de nossa população secular.

Cresceremos no futuro?

Cresceremos em que direção? Crescerão os alienados e os desinformados? Crescerão os indiferentes e os descompromissados? Crescerão os interesseiros e os corruptos? Crescerão os conservadores e os direitistas? Crescerão os progressistas e os engajados?

Muito vai depender do crescimento das propostas teológicas: o Neofundamentalismo, a Teologia da Libertação e a Teologia da Missão Integral da Igreja (Holística).

Não sou pessimista, mas realista. Mantida a abertura democrática, mantida livre a imprensa e a liberdade de reunião, mantidos abertos os partidos e os sindicatos, inevitavelmente os protestantes serão afetados.

Há crescentes sinais de esperança, em consciências individuais e em maiorias proféticas, comprometidas com a liberdade e a justiça. A Palavra de Deus está aberta, o Espírito continua a soprar apesar da teimosia e do *espírito de Jonas* desse povo com tanto potencial.

19.

Evangelização sem fronteiras

AS MISSÕES E AS BARREIRAS IDEOLÓGICAS
ANTE O COMPROMISSO DE CRUZAR FRONTEIRAS
PELO EVANGELHO DO REINO

A Igreja Cristã tem um mandato de chegar com a mensagem do Evangelho a todos os recantos do globo, e junto a todos os estratos sociais, sob quaisquer modelos econômicos e políticos, nas diversas expressões culturais. Essa sua vocação ecumênica (para todo o orbe habitado) ou católica (universal) está explícita na Grande Comissão de Jesus Cristo aos seus discípulos. Qualquer desvio desse objetivo é uma desobediência à sua vocação.

De início, a Igreja fica embriagada com o sucesso das conversões em Jerusalém e não sai para a Judéia, Samaria e os confins da terra, senão como resultado de uma perseguição movida pelas autoridades religiosas politicamente respaldadas. Se esse não é o método idealizado por Deus, a verdade é que uma maldição aparente, o peso do braço secular, resulta na bênção das aldeias e cidades que vão aderindo à mensagem cristã. Paulo, por sua vez, chega à sede do Império Romano, onde converte alguns da casa de César, como resultado de uma viagem grátis involuntária de navio, sob o patrocínio e a proteção do Estado.

Ao longo de sua trajetória missionária, a Igreja Cristã tem tido problemas em duas situações extremas: sob severa perseguição,

impeditiva à possibilidade missionária, e quando se alia e se identifica com o Estado, como religião oficial ou oficiosa. Em um país completamente fechado há situações em que a evangelização é praticamente impossível, ao menos por certo tempo, com um inerente e inevitável risco de martírio sem resultados aparentes. A ligação com o Estado, por outro lado, não se faz sem a ligação com o sistema econômico e o regime político então vigentes, e com as relações de classes que eles representam. Ninguém se vincula neutramente ao Estado, como uma abstração acima de suas realidades concretas, temporais, materiais.

De repente uma nova classe chega ao poder, o modelo econômico e político são mudados e, inevitavelmente, a Igreja irá sofrer não em razão de uma pretensa perseguição ao Evangelho, mas como reação às suas alianças ocasionais, notadamente quando os seus aliados eram uma minoria de exploradores.

Em cada país da história contemporânea em que perseguições foram movidas contra uma igreja já estabelecida, por governos revolucionários, pode-se procurar suas alianças e sua imagem de aliada do poder.

O Evangelho é uma mensagem universal. A Igreja Cristã antecede os presentes sistemas econômicos e políticos e vai sobreviver ao seu desaparecimento, como tantos outros que passaram ao longo da História. A identificação do cristianismo com uma cultura, com uma potência imperial, com um sistema econômico ou com um regime político é um pecado, uma desobediência ao Senhor e aos ensinamentos das Sagradas Escrituras e um obstáculo ao cumprimento da Grande Comissão.

A Igreja Cristã deve-se fazer presente em todos os países do mundo, vivendo as possibilidades de cada situação. De acordo com sua antiguidade, seu número e suas possibilidades, aumenta a responsabilidade do exercício de uma presença transformadora. Há situações em que apenas se pode orar e evangelizar pessoalmente, em outras já se pode exercitar obras de misericórdia, em outras mais pode-se influenciar de modo mais amplo a cultura e o sistema com os valores evangélicos, o que inclui uma dimensão profética.

Somos chamados a proclamar o Evangelho do reino e contrastar seus valores com os antivalores ali instalados, sejam eles a injustiça, a falta de liberdade, a superstição ou a desonestidade. O reino não é isto aqui ou aquilo lá. Na hora que assim o considerarmos estaremos perdidos.

Cremos que a comunidade evangélica brasileira, em número e recursos materiais, já está suficientemente madura para desempenhar um importante papel na tarefa da evangelização mundial. Não, porém, reproduzindo, como saxões morenos, os erros aqui cometidos, importando acriticamente pacotes metodológicos, ou saindo ao

mundo com uma ideologia direitista, reacionária, militarista, sionista, imperialista e capitalista. Há sinais preocupantes no ar, mas ainda é tempo de uma autocrítica conseqüente.

Por um compromisso com o Evangelho do reino. Por uma comunidade cristã politicamente pluralista. Por um Evangelho culturalmente contextualizado. Por missionários-estadistas, que cruzem fronteiras com um Evangelho que as desconhece.

É bem verdade que em muitos países o quadro foi outro. Setores lúcidos da Igreja concorreram para a implantação do Estado de Bem-Estar Social no norte da Europa ou apoiaram a descolonização de povos africanos e asiáticos.

A opção nunca deve ser um apoliticismo ou uma alienação, ou um adesismo de ocasião, descomprometido, e que não gere a confiança de ninguém, na base do *bá governo, estou com ele*.

Na década de 70, a mais importante e respeitada revista interdenominacional evangélica norte-americana fazia um apelo aos missionários protestantes para que se mantivessem afastados da CIA (o serviço secreto exterior dos EUA, conhecido pela pouca ortodoxia dos seus métodos). Dizia a revista que alguns colaboravam com a CIA por ingenuidade, outros por idealismo patriótico e outros eram agentes propriamente ditos. Chamava a atenção a revista para os riscos que tal vínculo poderia representar não somente para os missionários ou a missão, mas para as próprias igrejas nacionais dos países do Terceiro Mundo.

Em nome da defesa de uma pretensa civilização ocidental cristã, organizações e lideranças religiosas têm, na verdade, apoiado o sistema capitalista, a hegemonia norte-americana (mesmo que alguns países do chamado mundo livre sejam injustos e ditatoriais), participando da *guerra fria* contra os países socialistas, de inspiração marxista ou não, nacionalistas, neutralistas ou que contrariem os interesses norte-americanos ou queiram sair da órbita do grande irmão do norte, tentando modelos alternativos.

Por outro lado, não se pode negar o fato da grande população protestante dos Estados Unidos, onde estão sediadas as maiores missões, com fabulosas somas de recursos. No passado, vínculo semelhante era encontrado com o Império Britânico. Foi uma grande luta das igrejas novas para provar que o cristianismo não era uma religião de brancos saxões, uma religião do imperialismo, mas uma fé universal, e que o próprio Cristo nascera na Ásia (Palestina) e fora refugiado político na África (Egito).

Outra coisa é a exportação do Evangelho ligado à cultura norte-americana (em choque com as culturas nativas), uma leitura bíblica a partir dessa ótica cultural e uma explícita ou implícita associação com

o modelo político e econômico daquele país. Organizações e líderes cristãos têm exercido um verdadeiro maniqueísmo entre os bons deste lado e os maus do lado de lá. Tal opção por uma *guerra santa* retórica somente teria êxito com uma cruzada militar concreta que, pela força das armas, derrotasse os infiéis (e é por isso que muitos cristãos estão torcendo e orando).

Com todo esse arsenal nuclear os cristãos sensatos ficam torcendo e orando pela não-guerra, por sabê-la catastrófica. E se não houver guerra? E se não houver vitória militar dos nossos bravos rapazes, como é que a coisa fica? Com que cara vamos mandar missionários para aqueles países? Como ficam as suas igrejas nacionais?

o trabalho e a produção de riqueza, a distribuição da renda e a organização da sociedade. A questão social é, portanto, um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica. Ela se refere à relação entre o trabalho e a produção de riqueza, a distribuição da renda e a organização da sociedade. A questão social é, portanto, um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica.

Com isso, podemos afirmar que a questão social é um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica. Ela se refere à relação entre o trabalho e a produção de riqueza, a distribuição da renda e a organização da sociedade. A questão social é, portanto, um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica.

Assim, podemos afirmar que a questão social é um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica. Ela se refere à relação entre o trabalho e a produção de riqueza, a distribuição da renda e a organização da sociedade.

Portanto, podemos afirmar que a questão social é um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica. Ela se refere à relação entre o trabalho e a produção de riqueza, a distribuição da renda e a organização da sociedade. A questão social é, portanto, um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica.

Assim, podemos afirmar que a questão social é um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica. Ela se refere à relação entre o trabalho e a produção de riqueza, a distribuição da renda e a organização da sociedade. A questão social é, portanto, um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica.

Portanto, podemos afirmar que a questão social é um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica. Ela se refere à relação entre o trabalho e a produção de riqueza, a distribuição da renda e a organização da sociedade. A questão social é, portanto, um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica.

Assim, podemos afirmar que a questão social é um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica. Ela se refere à relação entre o trabalho e a produção de riqueza, a distribuição da renda e a organização da sociedade. A questão social é, portanto, um conceito amplo que abrange todos os aspectos da vida social e econômica.

UNIDADE III

A QUESTÃO SOCIAL

Os cristãos e os direitos humanos

Em 10 de dezembro de 1948 a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovava a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Acabamos de comemorar os 46 anos de tão memorável data: um compromisso solene da comunidade internacional com a dignidade do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. O Brasil foi um dos Estados que subscreveram a Declaração.

Recentemente, um editorialista de jornal secular do Nordeste chamava a atenção para os fundamentos da Declaração no pactualismo protestante calvinista, que irá influenciar as declarações de direito precedentes da Inglaterra, Estados Unidos e França. As Declarações de Direito integram um processo histórico de constitucionalização do Estado, da consolidação do regime democrático e do desenvolvimento da noção de Estado de Direito, marcas fundamentais da Idade Contemporânea, juntas com a revolução industrial.

A Declaração de Direitos da ONU proclama a igualdade de todos os homens em dignidade e direitos, condena as discriminações de raça, cor, sexo, língua, religião ou opinião política, condena a escravidão e afirma a liberdade, condena a tortura, afirma o direito à justiça, à privacidade pessoal e familiar, à liberdade de locomoção, ao direito de asilo político, à propriedade, à liberdade de pensamento e consciência, à liberdade de expressão, de reunião e de associação.

Proclama, também, o direito à escolha livre dos governantes, à previdência social, ao trabalho, ao lazer, à atividade cultural e a uma ordem internacional justa. Culmina com a afirmativa do seu artigo XXIX:

Todo homem tem deveres para com a comunidade, na qual é possível o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade. No exercício de seus direitos e liberdades, todo homem está sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento a respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer às justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática.

Comentando a questão dos direitos humanos, em sua V Assembléia Geral reunida em Nairóbe, Quênia, em 1975, afirmou o Conselho Mundial de Igrejas:

O direito de opinião divergente protege a comunidade ou o sistema contra a rigidez autoritária. É essencial à vitalidade de qualquer sociedade que as vozes dissidentes sejam ouvidas e que seus direitos de terem opiniões sem interferências, de terem liberdade de expressão e assembleias pacíficas sejam garantidas. Os cristãos, como seguidores de Jesus Cristo, são solidários com aqueles que sofrem por causa da sua fé e prática religiosa e por causa da sua posição a favor da justiça política e social. A solidariedade cristã significa um posicionamento definitivo ao lado dos prisioneiros da consciência, e dos refugiados e prisioneiros políticos. As igrejas, pelo seu testemunho, pelas suas intercessões e pela sua assistência, devem tudo fazer para ajudar os seres humanos que sofrem.

Ao longo desses 46 anos grande tem sido a luta das Nações Unidas e de organismos privados, como a Anistia Internacional, pelo cumprimento desses direitos. Um pouco mais ou um pouco menos os países membros da ONU foram sendo forçados a incluir em suas constituições dispositivos de direitos dos cidadãos. Tantas foram as violações, tantos são os sistemas despóticos, discriminatórios e injustos, que pareciam ressaltar o caráter irreal ou utópico da Declaração de Direitos: bela, sublime, humana, mas inatingível.

As mudanças históricas, especialmente aquelas positivas, são lentas. A humanidade viveu milênios de experiências despóticas, violentadoras da dignidade humana. Civilizações inteiras desconhecem a noção de graça, de amor ou de perdão. A Declaração de Direitos só foi possível inicialmente dentro do marco cultural judaico-cristão. Seus princípios são princípios bíblicos. Seus valores são inspirados nos valores do reino de Deus.

O importante é que haja um compromisso da comunidade internacional e dos estados nacionais em buscar atingir esse ideal. É

um compromisso moral com uma ética superior. Reuniões, conferências como a de Helsinki, pressões, debates, mobilização foram presenciados em todo o mundo visando a implementação dos direitos humanos.

A nova Constituição Brasileira incorporou - e aperfeiçoou - todos os dispositivos da Declaração da ONU, e, simbolicamente alterou a ordem de colocação de seus dispositivos, vindo em primeiro lugar, seguidos então, pelos que tratam do Estado e da ordem política.

No mesmo editorial citado o articulista aponta para a contradição entre a contribuição cristã, particularmente protestante, para as declarações de direitos e a sua violação por países protestantes por tanto tempo, como no sul dos Estados Unidos, na Irlanda do Norte e na África do Sul.

Preocupação particular temos em relação à comunidade evangélica da América Latina, criada em uma cultura autoritária rapidamente incorporada aos seus costumes, desconhecadora da marcha histórica da Igreja em termos de pensamentos e práticas democráticas, distante do espírito da Reforma, sem conseguir sair do Antigo Testamento. O que se tem visto é um contraste entre a visão dos direitos humanos pelos pais fundadores da fé evangélica neste continente, e o posicionamento atual de desprezo em relação a isso, de apoio e abuso por sua violação pelas ditaduras ou pelas democracias de mentirinha por estas bandas. Comunidade evangélica que produziu delatores e torturadores, indiferente ao drama dos necessitados, justificando a desigualdade, buscando "status", prestígio, poder e dinheiro.

Enquanto esperamos a culminação escatológica, proclamemos o poder transformador do evangelho em gerar homens transformadores, em favor dos valores do reino de um Deus que ama e que sobre todos faz nascer o sol e descer a chuva.

21.

Os evangélicos e a questão agrária

Um país com uma imensidão de terras, importando alimentos. Pessoas querendo produzir e sem acesso à terra. Migração desordenada em direção às cidades. O Nordeste poderá ter uma população rural zero no ano 2.000, segundo pesquisas dos demógrafos da Fundação Joaquim Nabuco. Bancos e empresas industriais, nacionais e multinacionais, com sede no Sudeste, comprando latifúndios improdutivos no Norte e Nordeste. Conflitos crescentes com índios e posseiros. Assassinatos. Violência. Tensão social que poderá explodir. Os constituintes são chamados a se pronunciar.

A história da terra no Brasil é antiga. Tivemos as capitânicas hereditárias e as sesmarias, as terras conquistadas pelas entradas e pelas bandeiras, as terras devolutas, a titulação precária, a posse, os grileiros. Ou seja, em nosso país, terra não como meio de produção, mas como símbolo de *status* e de poder, em sua improdutividade, mero investimento e especulação.

Até o final do século passado vivíamos em uma economia escravocrata, das casas grandes e das senzalas. A proposta da abolição do Partido Liberal incluía uma reforma agrária para os negros libertos. O Partido Conservador alforriou os negros sem nada, transformando-os em servos ou marginais. Todos os nossos ciclos econômicos se fazem à base do latifúndio: do gado à cana-de-açúcar e seus engenhos.

Neste século o país foi-se urbanizando, se modernizando, ampliando os seus setores industrial, comercial e de serviços. O campo, nada. A mesma concentração, as mesmas técnicas obsoletas, a mesma dependência do governo, a mesma exploração da mão-de-obra.

A revolução de 1930 abre espaço para a burguesia e nos brinda com a notável (e de brevíssima duração) Constituição de 1934, com seu perfil de democracia social. A legislação trabalhista, porém, é concedida somente aos trabalhadores urbanos. O sindicalismo e os benefícios trabalhistas e previdenciários somente chegam ao campo 30 anos depois, no que foi então alcunhado de agitação comunista, no início dos anos 60.

A busca de vantagens pessoais e familiares concorre para o êxodo rural e a inchação das grandes cidades, com suas favelas e seus mocambos. Nunca se teve uma política agrária séria, sincera, para valer, porque isso iria mexer, entre outros, com os interesses dos industriais da seca e de outros senhores do tão valorizado *voto de cabresto*. O despovoamento do campo, contudo, tem concorrido para o fortalecimento dos sindicatos rurais, em razão da escassez de mão-de-obra.

A questão é: o direito de propriedade ou o direito à propriedade. Não se pode manter a teoria do direito civil napoleônico: ter, usar e abusar da propriedade, e sim mantê-la dentro de uma função social, conforme as modernas legislações e o ensino social do cristianismo. Indenização com desapropriação por interesse social não pode ser um negócio agrário.

A terra para os que nela trabalham, com assistência técnica e creditícia, com o escoamento da produção e a eliminação dos atravessadores traria benefícios inestimáveis para o conjunto da população.

Um ponto que deve ficar absolutamente claro é que a proposta da reforma agrária que temos no Brasil é de natureza capitalista. O diploma legal denominado de Estatuto da Terra teve a chancela do presidente Castelo Branco e foi apoiado pelo Banco Mundial e pela Aliança para o Progresso do governo norte-americano. Somente a ignorância ou a má-fé poderiam acusar essa legislação de esquerdista ou socialista.

O general Castelo Branco participou de debates e propostas em torno do tema quando era o comandante do então IV Exército. O apoio norte-americano vinha no bojo de um projeto desenvolvimentista que incluía um mínimo de reformas sociais. Buscava-se nos idos dos 60 uma modernização do campo. Ou seja, que ao menos o capitalismo ali chegasse, porque o que se tinha (e se tem) era um sistema de cunho patrimonial (ou feudal, para outros analistas).

O Estatuto da Terra foi engavetado pelas administrações seguintes, e a atual legislação que norteia as ações do governo é uma modificada e mais moderada (ou piorada) do antigo Estatuto.

O que se propõe não é a coletivização das terras, mas a democratização da propriedade privada. Ou seja, no lugar de um só ser proprietário, que muitos o sejam. Uma reforma agrária capitalista, como as que foram feitas no Ocidente na Idade Contemporânea, da Escandinávia à Bolívia, dos Estados Unidos à França, gerando uma nova classe conservadora (em quem Marx não apostava).

Ao longo da História da Igreja muitos procuram ver em Cristo uma presença também histórica e não apenas metafísica. Lembramo-nos das revoltas camponesas na Alemanha ao tempo da Reforma ou da ação dos Cavadores ingleses no século seguinte. A história da China teria sido outra se tivesse triunfado a Rebelião Taiping, entre 1861 a 1865, liderada por cristãos (tema esquecido e que será por nós tratado em outra ocasião).

Por fim, ainda está para se escrever (em recuperação de verdade histórica) o importante papel desempenhado pelos camponeses evangélicos - batistas e pentecostais - nos primórdios das ligas camponesas e dos sindicatos rurais no Nordeste (vide filme *Cabra marcado para morrer*), silenciados posteriormente pelo poder político-econômico e pelo poder eclesiástico.

Esse legado poderá ser resgatado por nossa mobilização hoje e pela atuação dos nossos constituintes, lendo o Antigo Testamento.

Os cristãos, a greve e a desobediência civil

Greve é coisa de democrata. A greve é uma prática legal em todos os países democráticos. A expressão *greve é coisa de comunista* é infeliz e inverídica, pois não se sabe de greves em países comunistas. As raras que aconteceram foram ali reprimidas pois, em seu sofisma, trabalhador não faz greve contra si mesmo (Estado Proletário). Também nos regimes totalitários e autoritários de direita (nazismo, fascismo, corporativismo, integrismo, caudilhismo etc.), as greves têm sido historicamente reprimidas. Nos regimes autoritários - de direita ou de esquerda - a greve é legal no papel, mas são tantas as exceções e proibições que, na prática, elas se tornam impossíveis.

Temos de compreender o instituto da greve dentro do contexto histórico. A Revolução Industrial na Europa, sob a égide do capitalismo selvagem e do Estado não intervencionista, se dá à base do uso intensivo da mão-de-obra barata de migrantes de origem rural que constituiriam a classe do proletariado. Eles trabalhavam 12 a 14 horas por dia, seis dias por semana, sem repouso remunerado, sem férias, sem aposentadoria, sem previdência social. Isso incluía crianças, velhos, mulheres grávidas. Assim se dava a acumulação do capital nas mãos da burguesia, que substituíra a nobreza como classe hegemônica no Ocidente.

São cristãos, como Lacordaire e Lammenais, na França, ou Maurice, na Inglaterra, os primeiros a propor a substituição daquele estado de

coisas por uma ordem social mais justa. As denúncias contra o capitalismo selvagem (que ainda em alguns países mantinha o instituto da escravidão) partiram, no século XIX, de várias fontes: socialistas utópicos, integristas tradicionalistas, marxistas, sociais-cristãos e neoliberais. A organização do operariado em sindicatos, na curva do século, na Europa e na América do Norte, se dá a duras penas, enfrentando a decretação da ilegalidade e a repressão policial (como a chacina do 1º de maio, em Chicago, EUA).

Todos os avanços sociais que o Ocidente conhece hoje: direito à greve, à sindicalização, aposentadoria, limite à jornada de trabalho, férias, previdência social, foram conquistados, em geral, por meio de organização e luta, que incluía a greve e que terminará reconhecida como um instrumento de legítima defesa dos interesses dos trabalhadores. Com isso, o ex-proletariado europeu e o norte-americano se transformaram na chamada nova classe operária, com padrão de classe média, e a classe média se transformou em majoritária nos países desenvolvidos, diminuindo-se, também, a distância entre os mais ricos e os mais pobres. Hoje, os sindicatos investem no mercado de ações, e começa-se a praticar a co-gestão e a participação nos lucros das empresas.

No Terceiro Mundo, e em particular no Brasil, essa luta e essas conquistas vão-se dando mais tarde e mais lentamente. A questão social é uma questão de polícia, diziam os dirigentes da República Velha (1889-1930). A nossa burguesia de mentalidade arcaica, aristocrática, tem dificuldade de assimilar novas idéias e novas práticas neoliberais e neocapitalistas, o que inclui a liberdade sindical, a livre negociação, a desconcentração de renda com a incorporação das massas marginalizadas à produção e ao consumo, com o fortalecimento do mercado interno.

Por sua vez, a visão positivista que marca o estamento militar só entende um progresso dentro da ordem, verticalizado e autoritário, tendendo a ver os movimentos sociais por um prisma conspiratório, de agitação e não como algo natural, inerente ao senso humano por justiça, ao desejo de melhoramento do padrão de vida, quando os privilegiados não abrem mão de seus benesses voluntariamente. A ideologia conservadora, que vê o brasileiro como um homem cordial, advoga a aceitação passiva da exploração, atribuindo a forças ocultas (subversivas) qualquer ameaça à presente ordem desigual.

Nossa história igualmente registra a forte marca de lideranças e movimentos cristãos na luta dos explorados por justiça. Se apenas os comunistas fazem isso hoje, deveríamos nos sentir envergonhados.

Condenamos a greve que não tenha esgotado antes outros meios de reivindicação, bem como o uso de violência ou de atentado ao

patrimônio. Mas, em geral, os mais exaltados não são os autênticos radicais, mas os agentes provocadores, ali plantados por grupos públicos ou privados reacionários, a fim de indispor os grevistas com a população ou para justificar a repressão contra os excessos (lembre-mos do Cabo Anselmo).

Registramos, tristemente, a forte presença hoje na classe média evangélica brasileira de uma *Síndrome de Justo Veríssimo*: raiva de pobres (são sujos, mal-educados e violentos), raiva de greve, temor de mudanças, satisfação em participar como sócios minoritários das elites na iniquidade do nosso modelo econômico. Estão cooptados, ou de cabeça feita (alguns já fazendo parte das elites mesmo). Não poderão, porém, desmentir a seriedade dos dados do DIEESE sobre a perda do poder aquisitivo dos nossos trabalhadores e a necessidade de sua recuperação, e que o aumento da produtividade e lucro ficam nas mãos de uns poucos, não dos que produzem.

Os cristãos que são contra as greves e delas não participam têm a obrigação moral de não receber nenhuma vantagem pessoal delas decorrente, nem mesmo diferenças salariais, porventura ganhas. Não é justo que os colegas lutem e se exponham enquanto os irmãos só faturam...O que vemos é uma presença tímida e muito reduzida dos evangélicos nos movimentos sindicais brasileiros.

A lei além de ser legal deve ser também legítima, deve visar o bem comum. Assim já ensinavam os teólogos antigos. A autoridade deve ser obedecida enquanto ministro de Deus para implantar na terra os valores do seu reino: a justiça, a paz, o amor, a liberdade, a honestidade. Caso contrário, estarão sendo ministros da carne ou ministros de Satanás, assim já ensinavam os teólogos da Reforma.

Os Estados Unidos estão comemorando 20 anos da Lei dos Direitos Civis, lembrando, também, os 20 anos anteriores de mobilização e luta, de passeatas e prisões e o assassinato do Rev. Dr. Martin Luther King Jr., o líder da filosofia de resistência pacífica (não passiva), ao tempo que a *Klu Klux Klan* branca (cheia de diáconos e presbíteros), colocava bombas que matariam criancinhas em Escolas Dominicais de igrejas negras. Eles marchavam para a vitória cantando *We Shall Overcome* (Nós Haveremos de Vencer) e *Eyes on the Prize* (Contemplando a Recompensa), ouvindo King pregar *Eu tive um sonho*. Não foi nada fácil.

É o atual surto de greves uma demonstração de que o nosso povo não está preparado para a democracia ou de que o Brasil é um país ingovernável? Ou é um dado elementar que não se pode governar um país sem distribuir a sua riqueza, e que a verdadeira democracia não se esgota no voto, mas na participação?

Não são as crianças e os velhos desamparados, os favelados, os nossos negros (às vezes literalmente)? Tenhamos, também, o nosso sonho, e construamos a História, senão ela pode ser construída por outros, não exatamente do nosso gosto... (já deveríamos ter aprendido). Que o Senhor ilumine a mente do seu povo!

Greves

INSTRUMENTOS DO REINO

O grande número de greves que o Brasil tem vivenciado nos últimos tempos tem deixado apreensiva a nossa população, enquanto que a comunidade evangélica se ressentia de uma compreensão teológica do fenômeno. Estamos saindo de um grande período de repressão política, quando as greves eram praticamente impossíveis. Conhecemos, por mais de meio século, uma legislação inspirada no fascismo, que possibilitava intervenções em sindicatos e destituição de suas diretorias. Estamos reaprendendo a prática democrática, com uma nova Constituição ainda carente de um sem número de regulamentações.

O êxito teológico para se compreender as greves é o reino de Deus: O Senhor reina sobre todas as coisas; as pessoas e os sistemas, sem pecado, em harmonia com a vontade do seu Criador. O reino era pleno entre nós no Éden e será pleno entre nós na Nova Jerusalém. Um exercício de imaginação nos leva à visão de uma sociedade perfeita, em todas as suas áreas, consoante o coração de Deus. O compromisso do cristão é com os valores desse reino. Vivendo na História a natureza caída, em um interregno entre a ordem da criação e a ordem da redenção, o cristão não tem outro compromisso senão manifestar concretamente sinais, evidências do Reino, as antecipações possíveis.

Temos Israel como ensaio da nova humanidade. Temos a ética social dos profetas, de Jesus e dos apóstolos. Finney dizia que não

temos outra tarefa - como convertidos - senão a de reformar o mundo em todas as suas áreas. Calvino nos exorta a lutar para aproximar as leis dos homens da Lei de Deus.

Uma das grandes marcas do pecado na História se manifesta nos modos de produção: seres humanos sendo explorados por outros seres humanos; pessoas enriquecendo às custas do trabalho de outras pessoas.

Um modo de produção que perdurou por milênios (com suas variações) foi o escravismo: seres viravam coisas e produziam a riqueza do mundo para os seus senhores e Estados por eles governados. Os filósofos da Grécia clássica achavam que isso era da natureza das coisas. Muitos pensadores cristãos eram de idêntica opinião. Ainda no século passado os evangélicos do sul dos EUA pegaram em armas na defesa do sistema escravista (Guerra da Secessão), seguindo-se, com a sua derrota, o longo período da segregação racial, também considerado ali de inspiração divina.

Um segundo modo de produção - que teve o seu apogeu na Idade Média, porém com resquícios até os nossos dias - foi a servidão: já não coisas, mas pessoas; já não propriedade, mas servidões do seu senhor. Dentro dos feudos eram livres para se movimentarem como peixes em aquários. Nunca podiam mudar de profissão, nem seus descendentes. Só podiam casar com filhas de pessoas de idêntica profissão, na rígida estratificação estamental. Riquezas, castelos, cruzadas, catedrais foram edificados às custas dessa dominação, considerada pela igreja de então como ordem natural das coisas, e como ideal cristão.

Um terceiro modo de produção, em mutação e subsistindo até os nossos dias, é o capitalismo: as pessoas são teoricamente iguais e livres, mas o trabalho é uma mercadoria a ser negociada. Pode-se subir e descer a escada da mobilidade social ao sabor do enriquecimento ou do empobrecimento. O Estado está a serviço dos proprietários. O outro é o meu concorrente ou o meu instrumento de lucro. Pode-se trabalhar toda a vida e nunca se ter uma casa própria, mesmo sendo pedreiro qualificado. A remuneração do trabalho oscila ao sabor do mercado, e também da maior ou menor oferta de mão-de-obra.

O capitalismo conheceu a sua fase mercantil e a sua fase industrial (séc. XIX), também chamada de selvagem: 14 horas de jornada de trabalho durante 6 dias, em condições insalubres, até mesmo para mulheres grávidas e crianças, sem direito a férias, aposentadoria ou previdência social. As favelas, os menores abandonados, a subnutrição, a violência eram o cenário europeu 100 anos atrás. A burguesia cristã substituiu a aristocracia cristã; o proletariado cristão substituiu os servos

cristãos que haviam substituído os escravos cristãos, nessa nova ordem de coisas também considerada natural e de inspiração divina.

A acumulação de riqueza no capitalismo não é apenas produto de algo feio, como o contrabando, a sonegação de impostos ou os pesos e medidas especiais, mas lhe é intrínseco na relação de trabalho: capital-trabalho-lucro-propriedade. O trabalho nunca recebe a contribuição equivalente à sua participação na geração do lucro. E esse excedente contínuo é apropriado pelo capital para a sua própria acumulação e expansão.

Os cristãos responderam ao drama de desigualdade capitalista com três tipos de medidas: a filantropia, os projetos de desenvolvimento comunitário e a ação política (visando a alteração legal do modelo sócio-político-econômico). O sindicalismo foi impulsionado pelos setores mais sensíveis do evangelicalismo do norte da Europa. Nunca houve mudança de modos de produção sem conflitos, sem os de baixo lutando por seus espaços. As greves são um instrumento legal dos trabalhadores em uma sociedade democrática, visando a sua maior participação na renda, na propriedade e no poder (dimensão política da greve).

A História não é estática, nem os modos de produção eternos. O mundo contemporâneo tem conhecido as seguintes respostas ao capitalismo selvagem: a) socialismo autoritário: partido único, propriedade estatal, limitação das liberdades públicas; suprimimento das carências básicas de todos; b) fascismo: partido único, propriedade privada, limitação das liberdades públicas; desigualdade tida como natural, mas com pleno emprego; c) neocapitalismo: pluripartidarismo, liberdades públicas asseguradas, sindicatos e partidos obreiros fortes e livres, mercado interno fortalecido com altos salários, compensação de perdas nas relações internacionais (neo-colonialismo); d) social-democracia: pluripartidarismo, liberdades públicas asseguradas, propriedade privada não monopolista, alta taxação de pessoas físicas e jurídicas, mercado interno ampliado, sindicatos e partidos obreiros fortíssimos, previdência e seguridade social para todos, redução das desigualdades sociais, algumas empresas de co-gestão (geridas conjuntamente por proprietários e trabalhadores); e) socialismo democrático: pluripartidarismo, liberdades públicas asseguradas, sindicatos fortes e partidos obreiros hegemônicos, propriedade privada familiar de pequeno e médio porte, propriedade privada social (autogestão: os trabalhadores são os sócios) das empresas médias e maiores não estratégicas.

O Brasil não se enquadra em nenhuma dessas saídas, tem um pouco do negativo de cada uma, mas está com os olhos no passado:

escravismo, servidão e capitalismo selvagem. Uma potência econômica de renda perversamente concentrada. O salário mínimo valendo um terço do de 1959. Sem a contenção dos gastos públicos e dos lucros, mas com a contenção salarial, não se pode falar em grevismo, mas em justa reação. O resto é manipulação dos interessados pela grande imprensa. 99% das nossas greves são ordeiras, embora se enfatizem os excessos ocasionais (às vezes reativos).

Os três pilares éticos da greve são: último recurso, não violência e não recebimento das vantagens conseguidas por parte dos que foram contra ou não participaram.

Alguns cristãos são contra as greves porque gozam de privilégios sob o atual modelo e temem perdê-los ou reduzi-los; outros o são contra porque, mesmo estando agora embaixo, seu projeto de vida é passar para cima. Sob as "teologias de prosperidade", com suas bênçãos pecuniárias, não há lugar para uma sociedade justa. Por outro lado, o catastrofismo pré-milenista-pré-tribulacionista inibe o trabalhador cristão e é útil ao cristão privilegiado. A visão de mundo de cada época e lugar é aquela elaborada e disseminada pelos grupos dominantes.

Ao lermos Ef 6.5-9 e 1 Tm 6.1-2 nos lembremos que é um texto pastoral da ética de trabalho possível naquela conjuntura, e dentro da visão de mundo do homem Paulo, para o bem da igreja nascente e como testemunho. O mesmo Paulo comprometido com o reino de Deus no conjunto dos seus ensinamentos inspirados. Os textos descritivos dos modos de produção dos tempos bíblicos não substituem a normatividade do Reino.

Como sinal de sua fé, os empresários cristãos poderiam iniciar uma *operação Zaqueu* (Lc 19.8): dar metade dos bens aos pobres e restituir o defraudado multiplicado por quatro. Com cristianismo assim não há ideologia secular que agüente. Caso contrário...

Evangélicos em tempo de greves

"Não lhe disse para não acreditar em tudo o que vê e ouve? Não se deve ter uma visão simplista da realidade, tampouco tornar-se anônimo: conselhos a Luís Crente."

Luís Crente trabalha em uma fábrica por um salário-mínimo, em condições insalubres, ultrapassando sua jornada legal. Passa três horas por dia dentro de confortáveis trens de subúrbio. Sustenta mulher e três filhos (com aquele tipo de educação e assistência média: uma verdadeira cruz não dourada), residindo em um arejado barraco, usufruindo sempre de frugalíssimo cardápio.

Enquanto isso os patrões e os gerentes de sua firma moram em mansões, possuindo casas de campo e casas de praia. Passam as férias na Europa, são assessorados domesticamente por numerosa criadagem, com mesa sempre farta e rebentos bem cuidados.

Deve Luís Crente achar isso tudo natural, a pura vontade de Deus?

Luís Crente é membro de uma igreja evangélica, dizimista e casto. Ele ouve pregações sobre resignação e que o homem que é honesto e trabalhador prospera (exatamente o que ele faz, mas os que prosperam parecem fazer o contrário).

O seu sindicato entra em greve por melhores salários e melhores condições de trabalho. E agora, Luís?

Luís, como bom crente, vai para o culto no dia da assembléia do sindicato, fica em casa orando na hora da passeata e, por fim, heroicamente, é o único em sua seção que fura a greve, trabalhando solitário enquanto assovia um conhecido corinho.

Terminada a greve - com sensível reajuste salarial - Luís promove um culto em Ação de Graça, e dá o dízimo da diferença. Pode-se imaginar o testemunho de Luís para os seus mundanos colegas de fábrica...

Se Luís Crente vivesse em 1822 ele seria contra a nossa Independência do Reino de Portugal (por desobediência ao Rei)? Se ele vivesse em 1888 seria contra a abolição da escravidão (por subversão à ordem natural)? Se ele vivesse em 1930 apoiaria Washington Luís e se vivesse em 1945 apoiaria a permanência de Getúlio? Imagine a História do Brasil se todos os cidadãos, em todas as épocas, fossem como Luís. Estaríamos ainda nas capitâncias hereditárias.

Luís vive em uma realidade eclesiástica marcada pelo pessimismo, pela falta de esperança no Deus da História (fé em um Deus fora da História), pelo misticismo, pelo além-tumulismo, pelo almismo. O recado que recebe vai mais ou menos por aí:

Aceite Jesus, seja legalista no individual, trabalhe muito, não se meta em nada e espere a bênção da saúde e da riqueza (não a riqueza das bênçãos). Se isso não funcionar é devido a "problemas espirituais" (que ocorrem mais no Piauí do que na Califórnia). De qualquer modo a recompensa celestial é uma certeza. Deus vai "pescando" individualmente os convertidos e os abençoando. Se todos se converterem, todos serão abençoados e não mais haverá pobres na terra.

Seu professor de Escola Dominical ensinou um dia desses que os governantes, em qualquer regime, são ministros de Deus, que sabem melhor do que o povo o que o povo precisa (especialmente um povo preguiçoso, cachaceiro e idólatra como o nosso), e que é gravíssimo pecado criticá-los, questioná-los ou desafiá-los.

Luís Crente me escreve pedindo uma orientação. Que conselhos poderíamos lhe dar?

Irmão Luís:

Você é um cidadão do Estado. A greve é uma instituição legal. Entrar em greve não é desobediência, mas obediência à Lei.

Você, irmão, é responsável pelo bem-estar do seu corpo, templo do Espírito Santo, e pelo bem-estar de sua família. Deixar que lhe destruam aos poucos é um grave pecado.

Você é chamado para ser um cristão solidário. Encarne o amor de Cristo junto com os seus colegas, em suas dores, suas esperanças e suas lutas.

Você, como militante sindical que deve ser, por valorizar a greve, deve argumentar que ela é um recurso extremo, esgotados ante outros meios de luta. Você também deverá ser contra o emprego de violência (de seus colegas, de seus patrões e seus "assessores de segurança" e da polícia) e contra os atentados às instalações da empresa. Mas você só terá autoridade moral para lutar por essas coisas se você estiver no meio da luta, não na arquibancada. Se a sua consciência diz que você não deve entrar em determinada greve, não entre. Se aquela greve for vitoriosa, a sua querida consciência o levará a não receber as vantagens dela decorrentes.

Agora vou enumerar algumas questões preliminares que Luís deve encaminhar aos oficiais da sua igreja e discutir em sua classe da Escola Dominical.

1. As formas de organização social são estáticas ou dinâmicas? Elas podem ser mudadas ou não? Em que direção? Por quais métodos?
2. As desigualdades sociais são naturais ou antinaturais? São resultado de limitações congênitas (deficiências físicas ou psíquicas) ou de pecados individuais (preguiça, vício), ou incluem algo mais, como a perversidade com que essas formas de organização são erigidas (pecados sociais)?
3. A História é fatalista e as relações sociais obras do acaso ou isso pode receber uma explicação científica (econômica, sociológica, política etc.) que demonstre causas, efeitos, racionalidade, alternativas etc?
4. Deus tem alguma coisa a ver com o mundo que Ele criou, com a História que Ele preside e com os povos sobre os quais é soberano ou não? O que é que Deus quer para a sua Criação?
5. O demônio tem a ver com essas coisas também? Qual é o projeto histórico da turma infernal?
6. Os valores do reino de Deus (justiça, honestidade etc.) servem para agora? Como vivenciá-los não platonicamente, no cotidiano?
7. O amplo conteúdo bíblico pode (e deve) ser resumido na "salvação da alma" agora e "glória após a morte" depois? Somos sinceros em dizer que "a Bíblia tem a resposta", sem adequá-la às perguntas de nosso tempo?

8. O que os cristãos entendem por “cidadania terrena”? Qual o conteúdo e a prática dessa cidadania? Para que servimos enquanto estamos ainda vivos?

Luís, querido irmão, compreendo os seus temores do “festival de greves” de que lhe falava seu pai operário do início dos anos 60 e dos “tempos sem greves” de que lhe falava seu irmão mais velho, operário dos anos 70, e que andou provando do “serviço de bordo” dos órgãos de repressão. Vamos construir a democracia nos anos 90. Luís, tenha fé.

Você ouviu falar em “infiltração comunista” na igreja e anda meio desconfiado. É para desconfiar mesmo. Porque com o que lhe andam ensinando eu estou suspeitando de que alguns líderes da sua igreja recebem o ouro de Moscou, pois estão fazendo uma força danada para dar razão a Marx, no sentido de transformar a religião em ópio do povo... reaja contra esses vermelhos, irmão, ore por eles. A Paz do Senhor!

Negro, pastor, herói

Em abril de 1988 o mundo inteiro registrou o 20º aniversário do assassinato do Rev. Dr. Martin Luther King Jr., pastor batista, Prêmio Nobel da Paz e campeão da causa dos direitos civis nos Estados Unidos. No Brasil, e particularmente na comunidade evangélica, a data passou praticamente despercebida. Por quê?

1. somos uma geração de cristãos sem memória, sem história, sem exemplos e sem heróis;

2. as igrejas evangélicas não estão a fim de homenagear heróis negros;

3. o Rev. Luther King era um mau exemplo de pastor, um antimodelo de acordo com os padrões ora vigentes por aqui: participava de passeatas, protestava, se engajava, apanhava da polícia, desobedecia leis, ia preso;

4. o Rev. King sofreu martírio ao tentar praticar o evangelho. Martírio está decididamente fora de moda. Terminar como mártir para a Teologia da Prosperidade é sinal de falta de fé ou de pecado oculto...

Ele teve um sonho. Ele mudou o curso da História. Quem conheceu a segregação racial e a situação dos negros norte-americanos naquele tempo e os vê hoje pode atestar a revolução social que aquela luta provocou.

Ele acalentou os sonhos de uma geração em todo o mundo. A minha, contemporânea dos fatos, e a seguinte, leitora ávida de sua biografia e de seus sermões.

Recordo-me, na década de 70 (a década da fechadura) nos acampamentos de jovens evangélicos no Nordeste: a Bíblia, um exemplar de *O Pasquim* e um livro sobre Luther King.

Recordo-me, ainda, de uma visita feita a *Fellowship Farm House*, uma fazenda-retiro *quaker* onde ele teve a visão da resistência ativa pacífica (não à tentação da acomodação e não à tentação da violência).

Vale relembrar as suas palavras diante da arrogância e da violência dos brancos:

Devemos enfrentar a vossa capacidade de infligir sofrimento com a nossa capacidade de agüentar sofrimento. Confrontaremos a vossa força física com a força da alma. Fazei conosco o que quiserdes e nós ainda vos amaremos.

O perdão era o tema central de suas mensagens.

Qual a peregrinação intelectual desse homem?

Seu pai, seu avô materno e seu bisavô eram pastores. Sua base era a igreja de seu pai, a Batista Ebenezer, em Atlanta, Geórgia. No Seminário Teológico Crozer, na Pensilvânia, leu Walter Rauschenbusch e Reinhold Neibuhr. Do primeiro guardou a lição de que é missão da Igreja mudar a sociedade, e do segundo a de que os poderes devem ser enfrentados. Ele leu os clássicos alemães como Kant, Hegel e Marx. Ficou impressionado com a vida de Gandhi ouvindo o professor Mordecai Johnson. Leu Paul Tillich. Leu a Desobediência Civil de Thoreau e foi profundamente impressionado com a obra do pregador negro Howard Thurman, *Jesus e os Despossuídos*.

Na Universidade de Boston recebeu o título de Doutor em Teologia. Ali tornou-se admirador da filosofia cristã personalista de Borden Parker Bowne, que relaciona um Deus pessoal com a dignidade de todos os seres humanos. A sacralidade da pessoa é vista em sua inserção social.

Um último aspecto ressaltado por seus biógrafos era a sua fé na Constituição Federal dos Estados Unidos, e sua cobrança de cumprimento.

Um homem da Igreja. Um homem da Bíblia. Mas, igualmente, um homem com uma sólida e vasta formação intelectual, uma mente aberta, sempre pronto a tudo examinar e reter o bem. Uma piedade e uma cultura a serviço de Deus e dos homens, a serviço da pátria, a serviço da vida.

Ontem visto como rebelde e impertinente, hoje tido como um herói nacional e um estadista do reino de Deus.

Menos de 40 anos de vida. Um ministério interrompido por uma bala assassina. Morre nos braços de seu assistente, o Rev. Jesse Jackson (a luta continua). Em vida foi caluniado e alvo de tentativas de chantagem por parte dos bisbilhoteiros profissionais da comunidade de informações (FBI) por sua cobeligerância com pessoas de outras ideologias e por episódios de sua vida privada.

Diante de tantas e tamanha violações dos direitos humanos em nosso país (fome, nudez, desabrigo, doença, ignorância, tortura) onde estão os heróis cristãos? Nossas bandeiras bíblicas e históricas permanecerão em mãos alheias? Onde estão os pastores?

No frio inverno de 1966 cantei, como estudante na UCLA, *We Shall Overcome*: que pretos e brancos unidos um dia haveriam de vencer, essa era a crença no fundo dos corações. Haveremos de vencer aqui também?

A esperança e a chama da fé não se apagarão enquanto jovens idealistas houver e, de vasos de barro, Deus suscitar santos exemplos.

Eu também tive um sonho.

26.

A síndrome de Justo Veríssimo

DOS CRISTÃOS ALÉRGICOS À POBREZA

De repente a mocinha de classe média, integradíssima na igreja, é aprovada em concurso público (ou por meio de um pistolão de um irmão parlamentar) para o magistério da escola municipal ou estadual. Criada em uma igreja de sua classe, educada em escola de sua classe, vivendo em bairro de sua classe, participando em atividades recreativas com sua classe, nada mais conhece agora senão os seus novos pares, seus valores, mentalidade, costumes e aspirações. Vê apelo consumista e novelas da TV, sua família sonha com a riqueza e artificialmente adquire alguns símbolos de *status*, com a ajuda dos providenciais carnês, crediários e cartões de crédito. Agora, ela só enxerga a pobreza pela TV (a cores = pobreza colorida) ou quando passa de carro pelo centro da cidade e vê algumas crianças marginais pedindo esmola ou limpando os vidros dos pára-brisas.

Os avós da mocinha foram pobres, e de vez em quando ela fala daquela situação horrorosa. Seus pais tiveram de trabalhar logo cedo e estudar à noite até o fim do segundo grau. O pai tem uma empresa que Deus lhe deu e a mãe um emprego público igualmente dado pela providência. Aos poucos Deus foi dando à piedosa família (o pai é diácono e a mãe organista) um apartamento, um carro e uma profusão de eletrodomésticos, bem como a possibilidade de educar três filhos em escolas particulares, e a convivência com uma vizinhança de família.

Sempre em casa se falou que a riqueza é um dom de Deus (somos filhos do Rei) para os crentes honestos, trabalhadores e consagrados. A pobreza é resultado do pecado, própria dos que são preguiçosos, bebedores e mulherengos. O Brasil deixará de ser pobre quando todos se tornarem crentes. O Nordeste é pobre por causa da seca e da indolência dos matutos. Os negros idem. É preciso ter cuidado com esses pobres, especialmente os de pele escura, pois são quase todos marginais perigosos, já atuantes ou potencialmente preparados para tanto. O Brasil é um país abençoado por Deus e seria muito mais se não fosse o carnaval. Fomos uma ilha de tranqüilidade em um mar tenebroso nos anos 70 (bons tempos aqueles do milagre!), é preciso ter cuidado com a ameaça dos comunistas (vide jornada de trabalho de 44 horas na Constituinte) e, como sabemos, a democracia é o melhor regime do mundo (para os Estados Unidos), mas nosso povo não está preparado ainda para ela.

E a mocinha é nomeada para lecionar em uma escola de periferia, perto de uma antiga favela e de uma nova invasão. Que horror! A família entra em pânico, tenta o prestígio de um presbítero vereador, mas nada consegue. Isso é perseguição do Secretário de Educação, um esquerdista. O irmão mais velho, heroicamente, se apresenta como voluntário para levar e trazer a irmã de carro, pois sua faculdade não fica muito distante daquela "coisa".

E a mocinha fica chocada com a falta de modos de seus alunos, com a falta de higiene, com a pouca concentração nas aulas, com a falta de cuidado com a roupa, com o modo com que ingerem a merenda escolar, com os palavrões, com o conceito de família deles (o pai de um deles é o soldado desconhecido, e cada irmão tem um pai diferente). E o pior é que a dirigente da escola (lamentavelmente influenciada pelas idéias de Paulo Freire) teima em levar as professoras para conhecer a comunidade e insistem com elas para desenvolverem um tal de educação libertadora. Logo ela descobre a presença de agitadores que estão organizando um conselho de moradores, promovendo passeatas e estimulando os poucos que têm emprego certo a participar dos sindicatos e aderir às greves.

Ah! se todos pertencessem àquela congregação pentecostal!

Todos os filhos daquelas famílias tomam banho todos os dias e os pais são empregados modelos, sempre obedientes e bonzinhos.

Um deles trabalha na firma do papai e a esposa já foi nossa lavadeira.

Não demora muito e a mocinha vai entrando em crise, cada dia pior. Em poucos meses já está tendo duas sessões semanais com um psicólogo. Como resultado das orações da família, a mocinha fica

noiva de um jovem crente, filho de um industrial, que exige que ela deixe o tal emprego para se casarem. O sogro oferece a viagem de lua-de-mel. Como era verão, que tal as praias do Nordeste? Aracajú, Maceió, Natal? Nordeste? Nem pensar. A pobre moça não tem estrutura para ver mais essas coisas terríveis. E lá se vão para Bariloche. No mais, foram felizes por muitos e muitos anos... longe dos pobres, que, lamentavelmente, como disse Jesus, sempre os teremos conosco...

Em nossos dias, as igrejas evangélicas reproduzem a estratificação social. Igrejas homogêneas, confrarias de iguais. Cada um na sua. Se alguém ascende de classe social muda de Igreja e até de denominação. Igreja é símbolo de *status*. Raras são aquelas onde convivem escravos e livres. Somos aparelhos reprodutores e legitimadores das desigualdades sociais.

Um dos milagres do Ocidente contemporâneo, liberal, capitalista e individualista, foi excluir o econômico das considerações morais. Não há ética nos negócios, senão a moral da eficiência e do lucro. A religião é algo para o foro íntimo, para a esfera espiritual e para o além-túmulo. Não se deve misturar religião (leiam-se ensinamentos morais) com política e muito menos com economia.

Os cristãos têm dois modelos ideais, que lhes servem de alvos éticos para sua presença histórica: a ordem da criação (o Éden) e a ordem da restauração (a Nova Jerusalém). Em ambas as ordens ideais não se prevê a existência de desigualdades, de opulência e miséria. O cristão na história é chamado a se modelar naquelas ordens, vivendo e promovendo a antecipação possível dos sinais do Reino. Em todas as épocas a igreja cristã refletiu sobre uma teologia e uma ética do social e do econômico, porque não há áreas autônomas em relação a Deus e seus valores.

Há uma diferença entre a pobreza como ideal voluntário de vida simples, que se contenta com o básico (se tendes o que vestir e o que comer) e a miséria como privação do básico e como estado involuntário. Se, por um lado, fatores como clima, ausência de recursos naturais, deformações de nascença e opções morais podem ser levados em conta para o estado de pobreza; por outro lado, temos de discernir o que é causa e o que é consequência desse estado e que, na atualidade, o que existe é uma acumulação de bens e capitais a nível internacional, inter-regional e interclasse. Ou seja, com um lençol de tamanho limitado os pés estão descobertos porque a cabeça está coberta.

Em outras palavras, há pobres porque há ricos.

A grande questão moral na economia e na sociedade transcende (ao mesmo tempo que permeia) o debate entre socialismo real ou ideal e capitalismo real ou ideal, ou sistemas mistos. A questão é a seguinte: é lícito se ter uma segunda casa quando a maioria não tem

a primeira? É lícito se ter um segundo carro quando a maioria não tem o primeiro? É lícito se ter o acessório quando a maioria não tem o básico? A resposta da ética cristã é um preceptivo não.

Qualquer acúmulo de bens e capitais nas mãos de indivíduos, famílias e grupos somente será lícito em uma sociedade onde houver comida, abrigo, escola, trabalho, saúde e lazer para todos. Onde houver uma chance igual para todos, que a aproveitarão do melhor ou do pior modo.

Não vamos confundir textos bíblicos descritivos de situações de acúmulos de bens e capitais com textos normativos do ideal divino. Sempre teremos pobres conosco como resultado da injustiça pecaminosa que os cristãos são chamados a combater e não a promover, especialmente quando há mais que pobreza, há miséria.

O próprio sistema procura evitar que o conhecimento da Economia seja disseminado, ou o faz de modo distorcido. Há pessoas que evitam conhecer as explicações científicas porque isso as incomodam e desafiam. E eu diante disso? As desigualdades não são obras do acaso mas resultado de uma lógica; e os caminhos para sua superação são amplamente conhecidos, mas evitados ou não desejados.

Temos hoje uma renda *per capita* de 5.000 dólares em São Paulo e de 800 dólares no Nordeste. E, ainda por cima, todos sabemos que, nesse negócio de renda *per capita*, alguns entram com a renda e muitos apenas com a "capita".

Difícilmente mudaremos esse quadro se, como resultado da pregação de evangelistas ingênuos(?), tivermos milhões de convertidos... à desigualdade.

A cidadania como exercício

UNIDADE IV

A QUESTÃO POLÍTICA

Questão da cidadania

Em 1934, a Constituição brasileira estabeleceu o sufrágio universal, o voto secreto e o voto obrigatório para os brasileiros maiores de 18 anos. Essa foi uma grande conquista para a cidadania política, pois antes disso apenas os homens brancos e ricos tinham o direito de votar. No entanto, na prática, a cidadania não se tornou plena, pois muitos brasileiros não tinham condições de exercer seus direitos políticos. Além disso, o regime autoritário que se instaurou em 1937 impediu o desenvolvimento da democracia.

Apesar disso, a Constituição de 1934 foi um marco importante na história da cidadania no Brasil. Ela estabeleceu os princípios básicos da cidadania política, que foram retomados e ampliados em outras constituições brasileiras.

A cidadania como exercício da santidade

Com a Certidão de Nascimento primeiro e com a Carteira de Identidade depois, todos nós somos possuidores do título de sócios do nosso País. O mesmo acontece, guardadas as diferenças dos sistemas legais, com os cidadãos dos demais países do globo. Como seres sociais, somos naturalmente seres políticos. Não há uma escolha de exercermos ou não a nossa cidadania. A questão é como a exercemos: com consciência e responsabilidade ou de modo alienado e irresponsável. Há uma ética da cidadania, que é a base para toda ética social. Isso se relaciona intimamente com a compreensão do propósito para as nossas vidas.

O ponto de partida: Deus

O nosso ponto de partida é o Deus que adoramos e o seu propósito para a sua criação. O Deus que adoramos criou todas as coisas e as sustenta pela força do seu poder. Dele é todo o universo. O nosso Deus é um Senhor cósmico, e toda a ordem criada - criada por Ele mesmo - está debaixo de suas mãos. Este planeta Terra está sob o seu senhorio, o que inclui todos os seres e instituições terrenos. Em nossa adoração proclamamos: o Senhor reina!

Do coração perfeito de Deus sai um plano perfeito para a sua criação. A Ordem da Criação - o Éden - seria perfeita, boa, agradável, justa, pacífica. Deus reinaria sobre nós totalmente. Talvez

pudéssemos fazer um exercício de abstração e imaginar como seria o nosso caráter naquele estado de coisas paradisíacas. Se aquele estado de coisas tivesse permanecido, como seria a vida social? Como seriam os relacionamentos entre as pessoas?

Essa Ordem de coisas foi radicalmente afetada pela Queda, pelo pecado, que nos aliena de Deus, que nos aliena do resto da criação, que nos aliena de nós próprios e que nos aliena do outro. Há uma mudança na natureza dos seres, e mudança para o mal. Passamos a viver na História, toda ela, a marca da transitoriedade. Uma História que terá um final. Final que não será término, mas recomeço e restauração. A velha terra e o velho céu passarão. Um novo céu e uma nova terra serão inaugurados. Poderíamos denominá-los de Ordem da Restauração. Ontológica e moralmente voltaremos ao ponto de partida. As alienações serão curadas. Viveremos a plenitude do Reino.

Por dois mil anos temos confessado nos Credos que Ele voltará para julgar os vivos e os mortos e o seu Reino não terá fim.

A Ordem da Criação e a Ordem da Restauração, para nós que vivemos na História, são uma permanente lembrança dos propósitos de Deus. Continuamos a ser objetos do seu amor. Esta terra não está à deriva. Deus é o Senhor da História. A nossa passagem por aqui tem um propósito. O Deus da História é o Deus da Providência: é o Deus que está providenciando a superação desse estado de coisas, enquanto age nesse estado de coisas. Como nos lembra um teólogo, Ele é o Deus que intervém.

Ele é o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus da Aliança, que liberta o seu povo da opressão de Faraó e o conduz à terra de Canaã. É o Deus que se revela moralmente na Lei. É o Deus que outrora falou por seus servos, os profetas. É o Deus que estava em Cristo e que, na plenitude dos tempos, nos assegura a redenção pelo escândalo da cruz, anunciando a vitória sobre o pecado e a morte.

O Deus da Providência que, em sua primeira Aliança, suscita um povo para exercitar o culto correto, para viver padrões morais superiores e para organizar a sua vida nacional de forma superior. Um culto monoteísta, de um povo que não devia furtar ou matar, em um país onde não haveria desigualdades, pois até a reforma agrária cíclica tinha sido por Ele providenciada nas instituições do Ano Sabático e do Ano do Jubileu.

O Deus da Providência que, em sua segunda Aliança, suscita um povo de todos os povos, feito nova criatura, assistido pelo Espírito Santo, enviado a todos os povos com uma mensagem poderosa, geradora de novas criaturas, criaturas transformadas e transformadoras.

Na Antiga e na Nova Aliança, o objetivo do seu povo é ser bênção para as nações.

O nosso Deus é um Deus moral. Santo é o Senhor. Um Deus perfeito em caráter, que cria seres perfeitos em caráter, que abomina o pecado e a falta de caráter do povo caído e que quer restaurar o caráter do seu povo.

A Lei nos mostra a distância onde nos encontramos em relação a essa perfeição, servindo de parâmetro, ideal, alvo ético a ser perseguido. O servo de Deus nunca está satisfeito com a sua situação moral, mas é um ser em movimento, sendo transformado de glória em glória, deixando coisas e avançando em direção ao alvo.

A questão central: o reino

A questão central, então, é o reino de Deus. René Padilla sempre nos chama a atenção para o "ainda não" e o "já" do reino. Esse reino ainda não vivencia a sua plenitude, mas ele já existe, já está entre nós. Deus já reina sobre o universo, a terra, a História, os homens e, particularmente, sobre o povo que reconhece o seu senhorio.

O nosso Evangelho é o Evangelho do Reino. O reino é atestado por marcas de santidade no caráter, como o amor, a bondade, a mansidão. O reino é igualmente atestado pela implementação de valores sociais como a justiça e a paz. O reino é ainda atestado pela nossa inconformação, nossa rejeição e atitude crítica em relação ao estado de coisas contrário ao modelo de Deus: o anti-reino das trevas e nossa transformação, de nós próprios e de nossos relacionamentos, pela renovação da nossa mente, que sintoniza a mente de Cristo e agora consegue ver além da mera letra.

Nesse sentido, temos de colocar o mal em seu devido lugar. Faltam com a verdade bíblica e à tradição da Igreja as correntes teológicas que, influenciadas pelo racionalismo iluminista, negam a existência de Satanás e de seus anjos e a natureza da luta espiritual que travamos hoje. Igualmente faltam com a verdade bíblica e a tradição da Igreja as correntes teológicas que superdimensionam o poder satânico, caindo, na prática, em um dualismo, transformando a terra em uma província rebelada do universo sob a gerência do demônio.

Isso é uma heresia. Reduz-se o poder de Deus. Joga-se Deus para fora da História. Nega-se a sua providência. Minimizam-se os efeitos da cruz. Não e não! O Senhor desta terra, o Senhor de nossa História não é Satanás, mas o nosso Deus, poderoso e vitorioso.

O mundo que jaz no maligno não é a criação de Deus, mas todos os sistemas que se afastam do modelo de Deus. Esses sistemas de corrupção, de falsidade, de opressão são o mundo do maligno. Sistemas políticos, econômicos, sociais, culturais ou religiosos.

A missão do povo de Deus implica anunciar o Evangelho do Reino, que é a Boa Nova de que estaremos na nova terra. Boa Nova de que a morte foi vencida. Boa Nova de que Satanás foi derrotado. Boa Nova de que o amor de Deus chegou até nós. Mas, também e também, Boa Nova para os cegos, os coxos e os aleijados e para os enfermos do corpo, da mente e da alma. Boa Nova para os oprimidos pelos espíritos imundos - sejam eles espíritos feios ou charmosos, em preto e branco ou coloridos - porque esses demônios serão expulsos. Boa Nova para os cativos dos sistemas injustos. Boa Nova para os pobres. Boa Nova porque a sua presença faz uma diferença concreta, real, não abstrata, metafísica, eterna, ectoplásmica.

Não somos gregos. Não anunciamos Boas Novas metafísicas, mas Boas Novas históricas. Não anunciamos um reino metafísico e futurista, mas um reino que é também agora. Anunciamos, como nos ensinava Lutero, a sacralidade de toda a criação.

Que estrago fez o neoplatonismo em nossa igreja, desencarnando-a, desencarnando a nossa mensagem, reduzindo-a a uma ginástica cerebral e a um inconseqüente exercício místico.

O pior é que além do estrago neoplatônico, com seu dualismo, seu ultramundanismo e seu futurismo, vivemos também os estragos causados pelo individualismo da filosofia liberal burguesa contemporânea, que isola os homens do conjunto da sociedade, acentua o seu egoísmo, reduz a sua solidariedade e atomiza o cristão, desagregando o Corpo de Cristo, gerando uma terrível religião da primeira pessoa: o meu Deus, que cura a minha dor de dente, salva a minha alma e guarda o meu lugar no céu.

O Evangelho que anunciamos, o Evangelho do Reino, é um Evangelho histórico, que procura chegar a todos os homens e à totalidade do homem. Esse homem pluridimensional em sua composição, em suas necessidades e em suas possibilidades.

O pior mesmo é que essas distorções causadas pelo neoplatonismo e pelo individualismo liberal têm-se tornado hegemônicas em muitas comunidades cristãs, alçadas ao *status* de ortodoxia. E, ironia das ironias, absurdo dos absurdos, quando se pretende restaurar a integralidade do Evangelho se é suspeito de heresia. Os que cresceram na Igreja, ensinados que uma parte do Evangelho era o seu todo, acham que os que querem restaurar a sua totalidade estão acrescentando pedaços extras e descaracterizando o Evangelho.

E aqui gostaria de salientar um lamento, um lamento sobre a ignorância histórica da presente geração de cristãos. Sem passado, não temos futuro. Sem história, não temos identidade. Como entender a igreja e a sua missão, sem conhecer a sua caminhada de acertos e erros, sem entender de que maneira sistemas, idéias, interpretações e práticas se formaram ou se deformaram?

De um lado, sabemos que o púlpito cristão tem praticado um atletismo bíblico, pulando as passagens de conteúdo sócio-político-econômico. Em vez de se ensinar todo o conselho de Deus, se ensinam apenas alguns: aqueles que mais nos convêm. Por outro lado, sabemos que a cátedra cristã pratica um atletismo histórico, pulando todas as idéias e práticas da Igreja, ao longo de 2.000 anos, que digam respeito à concretude de sua inserção sócio-político-econômica, reduzindo a história do cristianismo a uma sucessão de caçadas às almas, construção de templos, frituras de hereges e êxtases místicos.

Os que se voltam para a totalidade das Escrituras e para a totalidade da História estão conscientes de que somos continuadores da obra da criação; estamos aqui para viver uma vida abundante, não estaticamente, contemplativamente, mas dinamicamente, caminhando pelas obras que Deus de antemão preparou para que nelas andássemos.

Não é preciso frisar que não somos pré-cadáveres, mas agentes do reino de Deus. A cidadania desse reino tem também uma dimensão temporal. Somos seres em constante processo de reforma e somos sempre agentes da reforma do mundo.

O espaço de santidade: a sociedade política

Aqui se entra na questão da autoridade política, na questão do Estado. Fazemos parte, em virtude de nossa própria natureza, da sociedade civil, da família, da vizinhança e de associações várias. Em todas essas esferas, como cristãos, devemos ser participantes e solidários, presentes e atuantes, seguindo o próprio modelo da Encarnação. Somos igualmente partícipes da Sociedade Política, cuja liderança é tida por Calvino como uma sacrossanta vocação, pelo fato de serem esses líderes chamados para viver como ministros de Deus, fazendo com que as leis dos Estados se aproximem da Lei de Deus. É em virtude dessa vocação que devem ser obedecidos, mas, se deixarem de ser ministros de Deus para serem ministros do diabo, devem ser desobedecidos, e substituídos, para que não sejamos tidos por coniventes com os seus crimes e a sua desobediência, como nos ensinava Théodore de Bèze.

Lamentavelmente a nossa comunidade cristã tem-se afastado de sua missão. Somos seres isolados e não integrados à comunidade, egoístas e não solidários, comodistas e não sacrificiais, medrosos e não dispostos ao martírio, preconceituosos e não abertos à convivência com os pecadores e publicanos, instalados no sistema e não inconformados. Cada vez mais estamos dispostos a comer dos manjares do rei, a aceitar os acenos de Constantino, a prestar nosso culto a Mamom, a crer que a vida cristã é prosperidade e que a riqueza

acumulada em sistema espoliador é uma bênção divina. Fugimos dos desafios do mundo e escondemos nossas lâmpadas. Deixamos o mundo a apodrecer e armazenamos nosso sal. Quantas vezes a ausência de uma ética política e de um testemunho profético não é pretensamente baseada em uma interpretação maldosamente equivocada do que seja separação entre Igreja e Estado?

A vida cristã é, para a maioria, uma vida medíocre: de casa para o trabalho (ou para a busca do trabalho), do trabalho para casa e da casa para a igreja, na monotonia da rotina, sem brilho e sem novidade, sem cor nem sabor. Vidas que nada contribuem para a História humana. Comunidades de fé que não fazem falta ao Estado ou à sociedade civil. Energias gastas em programas voltados para dentro e nos intermináveis exercícios de sectarismos denominacionais, que não estão no coração de Deus e de nada servem para a eternidade. Vidas tantas vezes vividas sob a patologia da culpa e da repressão, neurotizadas pelo legalismo.

Para que serve uma religião que não serve, que aliena e adocece?

Ah! Poderão contra-argumentar que importante é a nossa ética pessoal superior! Não bebemos, não fumamos, não dançamos, não freqüentamos bordéis, não lemos revistas pornográficas. Adolf Hitler não fazia nada disso e, ainda por cima, era vegetariano...

Somos funcionários exemplares. Eu mesmo conheci um evangélico que era um funcionário exemplar de uma fábrica brasileira de armamentos, cujos produtos alimentavam a carnificina da guerra Irã-Iraque. Ser competente, a nível micro, em um sistema iníquo, pode significar apenas maior eficiência na iniquidade.

E que dizer dos milhares de evangélicos que, além de não terem um projeto de ética social, também não têm um projeto de ética individual, vivendo em *santas trambicagens*? Que oram, são dizimistas, jejuam, pregam, cantam no coro e, ao mesmo tempo, sonegam impostos, mentem, enrolam, exploram os trabalhadores e se envolvem em um sem número de mutretas, sem qualquer dor de consciência?

Não, definitivamente não temos um projeto de como bem viver. No máximo temos um projeto de como bem morrer...

Esse evangelho estrangeirizado, opressor e irrelevante não tem porque atrair as multidões.

É verdade que lentamente estamos superando a fase mais aguda de alienação política, de desinformação, de desmotivação, de não participação. É verdade que há uma inquietação no ar, que grupos proféticos surgem aqui, ali, acolá. Mas é igualmente verdade que, a grosso modo, estamos trocando a alienação por uma presença conservadora, reacionária, comprometida, clientelista e fisiológica. Lotes de votos estão sendo negociados em troca de lotes de terrenos, telhas,

tijolos e empregos. Políticos evangélicos têm apoiado teses as mais danosas aos interesses do bem comum do povo brasileiro. Em vez de sermos parte da solução, estamos reforçando os problemas.

A participação política dos cristãos tem-se resumido ao limitado espaço dos partidos, ao limitadíssimo espaço de projetos pessoais em formas de candidaturas a cargos eletivos, deixando-se de lado a política de cada dia nas organizações sociais de base.

Não podemos ficar presos ao pêndulo que vai de uma santidade fora da cidadania até uma cidadania sem santidade.

Uma fonte de inspiração: o passado

Felizmente temos outro passado e outra história, mais digna e mais admirável.

Será que é preciso lembrar que somos herdeiros históricos das Revoltas Camponesas do século XVI, dos niveladores e cavadores do século XVII, da Rebelião Taiping do século XIX? Será que é preciso lembrar da luta abolicionista de Wilberforce, da luta de Shaftesbury em favor dos menores, dos prisioneiros e das mulheres, bem como de todo o esforço dos evangélicos ingleses de então em favor das reformas sociais? Será que é preciso lembrar que a Escola Dominical surgiu para atender as crianças faveladas? Será que é preciso lembrar que a moderna enfermagem e a Cruz Vermelha surgiram por inspiração de evangélicos misericordiosos? Será que é preciso lembrar que Finney julgava que era nossa tarefa transformar o mundo e que a falta de responsabilidade social era um obstáculo para o Espírito Santo avivar a igreja?

Lembranças. Lembranças de William Booth nas sargetas de Londres, levando sopa, sabão e salvação aos farrapos humanos. Lembranças dos missionários na Índia, lutando contra o sistema de castas e a queima de viúvas. Lembranças de um cristianismo que construía asilos, escolas e hospitais, que distribuía sementes e ensinava novas técnicas agrícolas, que denunciava a escravidão e que ia aos parlamentos lutar por leis mais justas e por uma sociedade mais humana.

Saudades. Saudades de um tempo quando significávamos para este País uma proposta nova e superior: a democracia, a modernidade e o progresso. Saudades do pioneirismo evangélico na pré-escola, na escola mista, na escola profissionalizante, na educação física e nos esportes. Saudades de uma geração, do século XIX no Brasil, liberal (politicamente falando), abolicionista e republicana.

Grata memória. Grata memória dos batistas e pentecostais fundando ligas camponesas e sindicatos rurais no Nordeste. Grata memória da Conferência do Nordeste, de 1962, promovida pela Confederação

Evangélica do Brasil, sob o tema: *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. Grata memória do manifesto da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, de Vitória do Espírito Santo, em 1963.

É verdade que uma série de razões concorreram para a nossa mudança para pior: a Guerra da Secessão norte-americana, a força missionária oriunda dos bolsões escravagistas, a polarização causada pela controvérsia liberalismo *versus* fundamentalismo, a controvérsia Evangelho Social *versus* Evangelho Individual, o pessimismo do Primeiro Mundo após a Primeira Guerra Mundial, a influência do dispensacionalismo pré-tribulacionista e pré-milenista, a disseminação do pentecostalismo branco, a absorção de traços pré-modernos de nossa cultura popular, o aburguesamento das igrejas.

Sem nos esquecermos das trevas do obscurantismo que caíram sobre o Brasil, principalmente a partir de dezembro de 1968, do abjurar das convicções democráticas por parte dos evangélicos para apoiar as ditaduras militares da América Latina nos anos 70, do reacionarismo que se abateu sobre o Ocidente nos anos 80, da era Reagan-Tatcher-Khol-João Paulo II, da era da Maioria Moral e dos televangelistas, da era dos Documentos de Santa Fé, da era da enxurrada da subteologia fundamentalista e capitalista que invade o Terceiro Mundo - um Terceiro Mundo cada vez mais dependente e cada vez mais miserável.

Lamentavelmente, ao contrário do poeta, no cenário religioso evangélico, as aves que aqui gorjeiam, gorjeiam como lá.

Parece que estamos esmagados sob o peso da adversidade, mas o nosso Deus é maior do que a adversidade. O Espírito de Deus é maior do que a lavagem cerebral a que estamos submetidos pela mídia eletrônica. O Evangelho é poder de Deus acima de todos os poderes.

A nossa meta: missão integral - santidade integral

Anunciar o Evangelho do reino de Deus, ensinar todo o conselho de Deus, suscitar corações misericordiosos e lutar contra as estruturas iníquas, eis a proposta holística, eis a proposta da Teologia da Missão Integral da Igreja. Expor toda a palavra, interceder por todos os problemas, apoiar todas as vocações, edificar todos os fiéis, combater todo o mal.

Cristãos que amem não só de palavras, mas de atos. Atos filantrópicos, atos que apoiem projetos em comunidades carentes, atos que lutem por atacar as causas estruturais da opressão. Igrejas proféticas, cristãos engajados, movimentos de inspiração evangélica. Homens novos comprometidos com um novo mundo, antecipando novidades no mundo: sinais do reino, marcas do reino, antecipação do reino.

Os que têm o reino no coração e promovem os valores do reino na sociedade atestam a presença do reino na História.

Poderemos ser otimistas?

Otimistas quando obreiros do Senhor se encontram amordaçados, com o leite das crianças ameaado, com os púlpitos domesticados por sócios mantenedores, fundamentalistas em teologia e capitalistas em ideologia? Otimistas quando Gramscé nos elogia por termos rompido a ordem feudal e aristocrática e concorrido para as revoluções liberais-democráticas burguesas, mas que duvida da nossa capacidade de darmos um segundo passo em favor do proletariado?

Os cristãos esperam contra a esperança e não agem pelos resultados, mas pela obediência. Não temos outra opção. E, uma vez no caminho, este é um caminho sem retorno, um caminho de riscos. O caminho dos que se converteram a Cristo e foram convertidos por Ele ao mundo por Ele amado, amado até o Calvário, Calvário que é seguido pela ressurreição e ascensão e pela promessa de estar conosco e de operar prodígios por nosso intermédio.

Cristãos com a Bíblia em uma das mãos e o jornal do dia na outra mão. Cristãos ortodoxos e ortopráticos. Cristãos abertos às Ciências Humanas, engajados, contextualizados, relevantes. Cristãos brasileiros e contemporâneos. Santos, mas não cabulosos e esquisitos. Cristãos unidos, agraciados com dons e talentos e destinados a vocações.

Pastores. Pastores herdeiros de outros pastores, como o reformado Abraham Kuyper, que chega a primeiro ministro da Holanda e muda a face de seu país. Pastores herdeiros de Dietrich Bonhoeffer, o luterano, que morre por se insurgir contra o nazismo. Pastores herdeiros de Martin Luther King, o batista, que morre por lutar pacificamente contra o racismo de sua pátria dita cristã. Pastores irmãos de Desmond Tutu, o anglicano, símbolo de nossa época, e com Luther King, também um Nobel da Paz.

Poderemos, também no Brasil, ver surgir uma geração de pastores sem medo?

A nação brasileira não precisa de legalismos e moralismos, mas de uma consciência moral. O nosso discurso moral - o exercício do nosso profetismo - não pode se dar no vazio. Ele chega junto de nossos concidadãos na hora em que o mediamos concretamente nos partidos, nos sindicatos, nas associações e nos movimentos cívicos. O discurso moral se faz história quando se engaja e, assim, em nós, o verbo se faz carne.

Nessa caminhada de uma cidadania madura e responsável, de uma cidadania como exercício de santidade, devemos seguir a recomendação paulina, examinando de tudo e retendo o bem. Tendo as Escrituras como padrão, o Espírito Santo como fonte de discernimento

e os valores do reino como referência, ajamos, como nos sugere Schaeffer, em co-beligerância com quaisquer pessoas, grupos, movimentos, organizações e instituições que convirjam para aqueles valores, nessa ou naquela situação, nesse ou naquele ponto, mantendo a nossa independência e a nossa identidade, guardando o sagrado depósito de nossa fé, exercitando a nossa piedade.

Se o reino de Deus não se esgota nos reinos dos homens, nem nenhum sistema ou ideologia com ele se identifica totalmente, devemos evitar os falsos neutralismos, atentar para os pontos de identificação e para onde sopram os ventos libertários da História, pois o nosso lugar nem é em cima do muro nem na contramão dos tempos.

Sonho de um tempo novo? Mero sonho e nada mais que um sonho? Vale a pena sonhar, sonhar além dos nossos pesadelos. O importante é se sentir no centro da vontade de Deus e no centro da História, e que a posteridade não venha a se envergonhar de nós.

Este é um momento histórico. Graças a Deus por ele.

Recentemente li de um teólogo o seguinte:

Nosso modelo é Jesus de Nazaré... Jesus manifestava em sua comunhão com os homens a mesma ternura que o unia ao Pai. Esse despojamento é condição de possibilidade à verdadeira comunhão com o pobre e significa uma ruptura com os condicionamentos e interesses das classes dominantes.

A vida cristã supõe essa imitação do testemunho de Jesus. Porém Ele não é um simples modelo; é quem dá vida à nossa vida. Só quando desvelamos sua presença no interior de nossa existência é que a vida cristã deixa de ser algo aprendido apenas intelectualmente para se tornar em nós uma profunda experiência de amor entre o homem e o Senhor ressuscitado.

É esse Jesus que nos conduz no caminho da obediência, o caminho do seu reino, que nos tira o medo dos gigantes postados à entrada do mundo ou à saída da igreja, que sustenta os nossos braços para o alto e torna poderoso o nosso cajado, que nos aponta para a terra prometida e a libertação do cativo e que, em nossa boca, coloca palavras de sabedoria e autoridade. A cidadania como exercício de santidade nos faz porta-vozes do seu recado: Não temais... o Senhor pelejará por vós... diz aos filhos de Israel que marchem.

Em marcha, irmãos, em marcha!

Política e espiritualidade

O protestantismo brasileiro tem uma tradição evangélica. Uma forte preocupação com uma herança doutrinária, oriunda das grandes Confissões de Fé da Reforma do Século XVI. Dentro desta visão há verdades e erros, que podem ser denominados de heresias. Os Credos e as Confissões formam um sagrado depósito a ser preservado. Essas verdades nos contrastam com a Igreja Romana, as Igrejas Ortodoxas Orientais e as seitas exóticas. Conhecer e crer é algo tido como fundamental.

O protestantismo brasileiro - em sua ampla maioria - defende a autoridade e a inspiração das Sagradas Escrituras, a necessidade de uma experiência de conversão (novo nascimento) para a salvação e a necessidade do cultivo de uma vida de piedade (contemplação, oração) e de santidade (novidade de vida) como marcas do cristão. A isso se alia uma visão missionária da vida, o que inclui, necessariamente, o evangelismo.

Esse protestantismo pode ser denominado de confessante, conservador ou fundamentalista, mas é o nosso protestantismo, é o que temos, é o que somos; e qualquer reflexão deve partir de um realismo histórico dessa constatação.

Há outras tradições teológicas protestantes, influentes em outros países (com alguma expressão minoritária no Brasil), como a neo-ortodoxia e os matizes liberais, denominados, muitas vezes, de modernismo. Esses grupos têm sua própria história, suas próprias pressuposições, suas próprias heranças, suas próprias bandeiras, suas próprias idiossincrasias. Não nos cabe, neste artigo, entrar no mérito ou polemizar.

O que afirmamos, e defendemos, é que qualquer teologia política que aspire a algum êxito no protestantismo brasileiro deve partir da herança evangélica confessante, ligada às nossas raízes.

Por um lado, a partir de certa altura de nosso século, nosso protestantismo passou a sofrer influência de um neo-fundamentalismo tardio norte-americano, com certas mazelas: alienação ou reacionarismo, isolacionismo cultural, antiintelectualismo, literalismo bíblico, legalismo moral reducionista etc. Por outro lado, algum tempo depois, o pensamento moral se fez presente no impulso de uma reflexão no campo da ética social. Criou-se uma situação estranha, como afirmou determinado pensador: "Os liberais são gerais sem tropas e os conservadores são tropas sem generais".

A vanguarda reformista ficou ao nível da inteligência, da academia, e as massas permanecem em uma tradição de religiosidade rotineira ou popular.

A Teologia da Libertação é um desdobramento dessa herança liberal protestante, agora dentro da Igreja Romana, com temática latino-americana e instrumental teórico dialético. Reintroduz certos temas bíblicos esquecidos, desafia certas inércias e omissões pecaminosas dos outros grupos, mas o faz a partir de parâmetros teológicos que não os da tradição evangélica confessante: crítica bíblica, universalismo implícito, minimização do transcendente e da mística.

Conhecemos muitas polêmicas, muitas lutas, muitas repressões, muitas incompreensões que dilaceram o Corpo de Cristo. A polarização Evangelho Individual *versus* Evangelho Social parece não ter sido superada.

As gerações novas estão inquietas e buscam alternativas não extremistas, não polarizantes, não excludentes. Antes que as correntes históricas, busca-se a recuperação do todo do ensino bíblico e do todo da própria vivência histórica da Igreja.

A mística, a piedade, não conduz necessariamente à alienação. Pode-se ser politicamente engajado sem ser herege.

Uma teologia chamada de holística, do Evangelho Integral ou da Missão Integral da Igreja é o que vem desenvolvendo o Movimento de Lausanne, a Aliança Evangélica Mundial, a Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (ABU), a Fraternidade Teológica Latino-americana, a Visão Mundial e outros grupos evangélicos lúcidos.

A coisa mais prática na vida é uma boa teoria. Somos o que pensamos. A missão da Igreja reflete o que a Igreja pensa de sua missão.

Qual é o projeto existencial cristão? Qual é o seu projeto de vida e não de morte? Qual é o projeto histórico da Igreja e não o seu projeto para o além? Temos algo a dizer e a fazer aqui e agora? Não é isso o

que Deus quer? O que as Sagradas Escrituras nos ensinam como todo o conselho de Deus para todas as coisas?

Uma mensagem de salvação pela graça mediante a fé, uma mensagem de cruz e túmulo vazios, uma mensagem de amor e paz, uma mensagem que leve cura aos enfermos, uma mensagem que expulse os demônios, mas igualmente uma mensagem de liberdade e justiça, de afirmação dos valores do reino de Deus, na vida das nações, dos Estados, dos partidos, dos sindicatos, dos diretórios acadêmicos, das associações de moradores.

Cristãos, com uma missão integral.

O dilema do voto evangélico - irmão vota em irmão?...

DEPENDE...

Dentro da nova e salutar rotina democrática que se vai firmando no Brasil, nos preparamos para mais um momento eleitoral: governadores e vices, senadores e suplentes, deputados federais e estaduais estarão tendo os seus desempenhos julgados. Pesquisa realizada por um jornal de circulação nacional prevê uma renovação de cerca de 80% do Congresso Nacional, a maior de nossa história. Toda essa sucessão de eleições deve permitir um amadurecimento do eleitorado, uma aprendizagem e, também, uma purificação dos detentores dos mandatos populares.

Ao contrário do passado recente - quando eram escassos os postulantes evangélicos -, temos visto, a cada pleito, o aumento de candidatos filiados às igrejas protestantes.

Apenas para o Congresso Nacional, o grupo conservador, que integrou o Centrão e que apoia o Governo (o anterior, o presente e qualquer outro que aparecer), pretende o lançamento de 80 candidatos, bafejados pelos favores de Olimpo. Uns poucos candidatos progressistas aqui e ali. Miríades de independentes, auto-lançados ou candidatos de profecia...

Diante deste quadro, temos ouvido, reiteradamente, o apelo: Irmão vota em irmão. Será?

Ninguém mais que este autor tem defendido a ampla e ativa participação dos evangélicos na vida nacional, uma forte e vigorosa presença em todos os setores de nossas instituições políticas. Todo o processo ainda é tímido. Estamos sub-representados ou ausentes em muitas áreas. É preciso mais, muito mais.

Mas...

Crítérios são necessários. Precisamos discernir. A questão não é apenas de quantidade, mas de qualidade. É melhor não termos evangélicos eleitos do que uma presença negativa, medíocre ou eticamente questionável. Não será por nossa ausência física nos órgãos de governo que Deus deixará de exercer a sua soberania sobre nós.

Primeiramente, um candidato evangélico deverá ser um político: um ativo cidadão da *polis*, alguém que se envolva na vida da comunidade, alguém cuja vida não se restrinja à sua privacidade ou ao seu espaço eclesial, mas que milite nos partidos, nos sindicatos, nas entidades profissionais, nas associações de moradores e em causas e movimentos que beneficiem a *polis*, e isso cotidianamente, não apenas nos períodos pré-eleitorais. Precisamos de cidadãos, e não de aventureiros ou carreiristas de última hora. Qual é a experiência, o legado, a contribuição desse irmão para o bem comum?

Em segundo lugar, devemos perguntar a quem o candidato pretende representar, qual é a sua base de sustentação, qual é a sua proposta, porque escolheu esse ou aquele partido? Enfim, um perfil político que dê cor e sabor, identidade, ao postulante, algo nítido, que ultrapasse o lugar-comum: que seja uma opção, uma alternativa.

Em terceiro lugar, devemos estimular a candidatura de leigos, de profissionais provados em suas diversas áreas. Atualmente quase todos os candidatos são os que sobem às plataformas: pastores, evangelistas, poetas, cantores etc.

Toda essa difícil caminhada passa pela superação de certas fragilidades de nossa conjuntura evangélica: perda de memória histórica, carência de estudos bíblicos, falta de modelos referenciais e, especialmente, falta de uma reflexão teológica que inclua: um modelo de vida encarnacional, o papel das obras como sinal de salvação, a importância do grande mandamento, e não só da Grande Comissão, um modelo integral para a missão da igreja, uma relação adequada entre Escatologia e História e a superação de um falso dualismo entre o espiritual e o material na história da salvação e da providência.

Não haverá ação política adequada sem elaboração de uma Ética Social.

O grande problema está na relação entre Igreja e reino. A nossa missão é a promoção do reino, o que inclui seus sinais históricos. A Igreja é instrumento do reino e não um fim em si mesma. A Igreja se legitima a serviço do reino. O político cristão não deve estar a serviço da Igreja (privilégios dos filhos de Abraão), mas deve ser um braço da Igreja a serviço do reino, como promotor de seus sinais históricos possíveis: a justiça, a paz, a honestidade, a liberdade etc.

Um político cristão com essa visão não se reduziria a conseguir vantagens para a igreja e seus membros, mas lutaria pelas transformações estruturais, atacando os pecados sociais da (des) ordem estabelecida.

Temos de, urgentemente, superar a prática dos candidatos oficiais, oficiosos ou preferenciais, que terminam por discriminar os outros candidatos e as outras propostas, reduzir o espaço da livre escolha, inibir a maturidade cívica dos fiéis e atrelar a igreja a um determinado partido ou ideologia.

Uma igreja politicamente madura é um espaço inclusivo e pluralista, sem triunfalismos ou corporativismos.

Não precisamos de políticos evangélicos, mas de evangélicos políticos.

Sempre que possível, votarei em um irmão. Sempre que nele(a) veja competência, espírito cívico e ética, e com ele(a) tenha afinidades partidárias, ideológicas e programáticas (almejarmos o mesmo modelo de País).

Caso contrário...

Os cristãos e as alternativas ideológicas

DIREITISTAS, ESQUERDISTAS, CENTRISTAS, MURISTAS...

Há temas políticos que parecem mais diretamente relacionados com a religião que outros. No tocante às formas de estado, por exemplo, ninguém diz que os presbiterianos devam defender a forma unitária (Portugal) e os batistas a forma federativa (EUA). Em se tratando de forma de governo, não há quem afirme que os metodistas devam ser pela monarquia (Suécia) e os congregacionais pela república (França). Semelhantemente, no que tange aos sistemas de governo, não se ouve de vinculações entre o pentecostalismo e o parlamentarismo (Itália) e o anglicanismo e o presidencialismo (Argentina).

Em suma, tomar qualquer das opções acima não parece fazer de ninguém melhor ou pior cristão.

A coisa começa a mudar de figura quando se entra na escolha do regime político. Ser a favor da democracia (Espanha) ou da autocracia (Zaire) é apontado como indicativo do caráter do cristão. Há uma crença generalizada de que a evolução da democracia decorre da influência do cristianismo (principalmente protestante) e causa preocupação a opção de evangélicos do Terceiro Mundo por regimes ditatoriais.

Recomenda-se meditar no pensamento de Reinhold Niebuhr: "A capacidade humana para a justiça torna a democracia possível, mas a inclinação humana para a injustiça torna a democracia necessária".

A preferência de segmentos evangélicos latino-americanos por regimes autoritários (ditaduras) não deve causar surpresa, em se tratando de uma comunidade mais presa ao Antigo do que ao Novo Testamento, que desconhece a sua própria história e não adquiriu, ainda, capacidade crítica em relação à cultura autoritária dos seus países.

Uma tensão maior, todavia, é encontrada quando se trata de escolher ideologias e sistemas econômicos. Optar por uma das modalidades existentes de capitalismo (Canadá, Paraguai) ou de socialismo (Dinamarca, Cuba), ou novas variações que se venha a propor, inevitavelmente resulta em um esquentar de ânimos. A coisa fica feia, particularmente, quando se sai da discussão em tese, ou em relação a outros países, e se fazem propostas concretas para o Brasil.

Cristãos de esquerda acham a opção direitista de seus irmãos um sinal inequívoco de carnalidade. Cristãos de direita acham a opção esquerdista de seus irmãos uma prova de que eles nem irmãos são, não nasceram de novo e procedem do maligno.

O grande desafio é, então, como se distinguir acertos, erros e equívocos no nosso exercício da cidadania do fruto do Espírito ou da obra da carne em nós pecadores.

Corre em círculos religiosos a versão de que a origem dos termos direita e esquerda vem do calvário: o bom ladrão teria sido crucificado à direita de Jesus e o mau ladrão à sua esquerda. Por sua vez, a opção pelo centro é apontada como tendo base bíblica (Dt 17:11)

Reconhecemos que a opção ideológica não é o forte dos nossos concidadãos, presos a uma antiga e enraizada tradição clientelista. O protestantismo brasileiro, nas últimas décadas (salvo crescentes exceções), tem apresentado três manifestações políticas principais: 1. A alienação sistemática: Crente não se mete em política; política não é coisa para crente; 2. O adesismo sistemático: *Hay gobierno?* Estou sempre com ele, não importa qual for; 3. Neofranciscanismo pragmático: É dando que se recebe.

O pastor ideal, por sua vez, deve encarnar o modelo múmia misteriosa: não fala nada, e ninguém sabe se ele é pró-nazista ou pró-trotskista. Em suas manifestações deverá seguir os princípios do velho PSD mineiro: nem contra, nem a favor, antes pelo contrário e acima de tudo.

Aqui e acolá ouvimos propostas estapafúrdias, do tipo: Nem direita, nem esquerda. Cristo é a solução, o que significa querer misturar pepinos com banana prata, proposta religiosa com programa de governo. Ora, o cristianismo é uma fé, uma doutrina e uma ética, que inspira as nossas ações políticas e nos dá critérios: os valores do Reino. Em outro nível se dá a elaboração de teorias analíticas ou de

alternativas da melhor gerência da coisa pública. Devemos nos precaver das tentações teocráticas: o governo de um *Aiatollah* protestante, que dividiria o bolo do Estado entre nós.

Todos os cristãos, como cidadãos, quer queiram quer não, quer estejam conscientes ou não, quer sejam conseqüentes ou não, estão situados em algum ponto do espectro ideológico, da extrema direita à extrema esquerda. É só responder a um questionário sobre as principais questões sócio-político-econômicas.

De modo que, dizer que tal cristão é de direita ou de centro-esquerda é a mesma coisa que dizer que ele é um ser humano, e não um anjo ou um extraterrestre. Ele tem opiniões, interesses e uma personalidade mais ou menos conservadora ou reformadora, nesse ou naquele assunto ou em todos eles.

É importante estudar a evolução que os termos direita, esquerda e centro têm tido, desde as suas origens na Assembléia Nacional francesa, após a deposição de Luís XVI, até os nossos dias. Como, por exemplo, o liberalismo começou sendo considerado de esquerda e hoje, dependendo do país, é tido como de centro ou de direita. Termos como socialismo, fascismo, social-democracia, comunismo, democracia-cristã, anarquismo etc. têm uma história (até mesmo de intercâmbio com o cristianismo), um conteúdo e um ideário em permanente mutação diante de novos desafios e peculiaridades locais. Questões como eficiência e eficácia, por exemplo, já os subdivide em modernos e arcaicos, para alguns analistas.

Todos os estados do mundo procuram se organizar a partir de um deles ou da combinação de alguns.

As alternativas ideológicas - com a defesa de maior ou menor grau e intensidade da manutenção ou da mudança de uma ordem social dada - dizem respeito, principalmente, à distribuição do poder, da renda e da propriedade entre os integrantes da Sociedade Política e da Sociedade Civil.

Estudar o cardápio ideológico-partidário e optar por um dos seus pratos (suculentos, leves, condimentados e, ou, nutritivos) é um sinal de maturidade cristã e da busca concreta do exercício de uma cidadania responsável. São os critérios e compromissos da nossa fé (nossa permanente lealdade maior) que devem condicionar a nossa escolha para determinado momento. E será o próprio processo histórico que vai demonstrar quem tinha ou não tinha razão, se devemos continuar com aquela proposta ou não, evitando-se a ignorância, o preconceito, a falsa espiritualização e os impulsos inquisitoriais.

Convivência divergente civilizada é sinal de maturidade e forma de testemunho.

31.

Os partidos políticos no Brasil

Temos afirmado a impossibilidade de uma experiência política democrática sem um sistema pluripartidário forte: partidos organizados nacionalmente, com propostas nítidas, quadros incorporados e massas de leais simpatizantes. Partidos que sejam o canal das aspirações dos diversos segmentos da Sociedade Civil. Ao mesmo tempo, temos reconhecido a distância entre esse ideal e o atual momento histórico brasileiro, em que um Estado forte e uma Sociedade Civil débil têm resultado na inexistência de uma tradição partidária semelhante àquelas encontradas em outros países da América Latina.

Vivemos hoje mais uma tradição em nosso sistema partidário. As antigas frentes a favor e contra estão cedendo lugar a partidos, de modo lento, assistemático, com avanços e recuos. Ainda as legendas partidárias significam pouca coisa, e não há um compromisso dos políticos militantes com ideologias e propostas claras. Na verdade, interesses regionais e locais, conflitos de grupos e lideranças se escondem sob as legendas partidárias. Parece chocante para os povos politicamente mais democráticos a facilidade com que nossos políticos mudam de legenda.

Temos afirmado, também, que eleições e partidos - embora cenário privilegiado - não esgotam a vida política, que passa pelo movimento estudantil, movimento sindical, movimento comunitário, associações várias, clubes de serviço, igrejas e instituições tais. É

sempre importante ressaltar esse sentido amplo do termo político, em que todos nós estamos envolvidos na condição de cidadãos.

Ao cristão cabe, antes de mais nada, uma luta contra seus próprios preconceitos, sua carga emocional negativa. É preciso se desarmar e procurar ampliar o raio de suas informações. Em geral, há um preconceito dos brasileiros contra a política e em particular os partidos, em virtude de seu caráter fechado e de pouco vínculo com as bases, além de histórias mil de escabrosidades éticas. Há preconceitos entre cristãos em virtude de deformações teológicas. Exemplos de políticos cristãos mal sucedidos - em termos de ética ou competência - correm rapidamente por este país. Os exemplos positivos - que existem, e muitos - não são divulgados.

Não há alternativa para partidos antidemocráticos, fechados e corruptos senão a presença dos que a isso se opõem. Os cristãos não podem esperar que os partidos melhorem primeiro, para, somente então, passar a integrá-los. É a presença cristã - com todos os riscos e todas as dores - o único caminho para mudá-los para melhor. Essa presença, todavia, deve fazer-se em grupos, e grupos que tenham estudado a história da participação cristã nos partidos, bem como que saibam o que querem e que se apoiem, se exortem e se corrijam. O segredo do êxito da presença cristã na vida partidária de algumas das democracias contemporâneas tem sido justamente a organização de movimentos cristãos dentro dos partidos, e não a ação de andorinhas solitárias.

Não creio que o apoio oficial de igrejas ou denominações a candidatos ou grupos seja o melhor caminho. Cristãos solitários, isolados e desinformados são uma alternativa arriscada e ineficaz. O apoio eclesialístico institucional contém o risco do divisionismo e do atrelamento indireto da entidade eclesial ao partido de seus candidatos. A organização de cristãos em movimentos ou comitês de apoio é outra opção. Os candidatos cristãos não podem minimizar o fato de que são candidatos por partidos e que esses partidos têm suas opções ideológicas.

Isso nos conduz a outra questão: estão os cristãos preparados para viver em uma sociedade pluralista, pluripartidária, com irmãos militando em partidos diversos, ora com pontos divergentes e até conflitantes, e, ainda assim, manter um espírito fraterno, de mútuo respeito? Corre-se o risco, até mesmo (e já se vê isso hoje) de se julgar o cristianismo do irmãos, tendo como critério o seu partido ou ideologia. Como é que se pode ser cristão e de esquerda ao mesmo tempo? ou A Direita é incompatível com o Cristianismo. Todos se esquecem que temos dois mil anos de história e, também, uma esperança pós-histórica.

Os cristãos devem colocar a questão partidária em suas orações específicas, procurando ouvir a vontade de Deus em suas consciências. O Senhor o está vocacionando à vida política, à militância partidária, a uma eventual postulação a um cargo eletivo? Isso gera um certo desconforto, um certo medo. E se o Senhor estiver dizendo sim? E agora, Senhor, em que partido? (Veja o quadro partidário em nível local). Quem serão as minhas companhias? O que será melhor para a fé e para a pátria?

Há todo um desafio pela frente, com riscos de dores, fracassos e martírios. O país que temos é esse e o quadro partidário é esse. Par-tamos do real. Para o cristão, não há outra alternativa senão a obediência para uma vida de instrumentalidade transformadora para o reino de Deus.

32.

Os evangélicos e a política: frustrações e esperanças

E, de repente, os evangélicos estão redescobrimdo a realidade política. Alguns estão como adolescentes em bailes de debutantes: deslumbrados com as luzes do salão...

Lamentavelmente, para a maioria dos evangélicos, política é igual a candidaturas, eleições e partidos, ou, o que é pior, é igual a política-gem (práticas políticas distorcidas, antiéticas, clientelísticas etc.). Daí esse privilegiar, ou até reduzir, sua participação apenas a esse nível. No lugar de participação política, *lato sensu*, o que nós temos é um eleitoralismo, com uma profusão de candidatos, de nível discutível. Alguns de prática idem.

Igrejas que, até há pouco, eram capazes de até excomungar quem falasse no assunto, este ano estão lançando candidatos oficiais, com papel timbrado e tudo, monoliticamente, em prejuízo dos membros que pensam diferentemente, em uma prática mais consentânea com precedentes romanos do que evangélicos.

O divisionismo é marcante, com excessivo número de candidatos, resultando na possível não eleição de todos, pelo fracionamento dos votos. Muitos candidatos são autolancados, não representando nenhum grupo. O nível de cultura política, tanto secular quanto religiosa, é, em geral, bastante superficial. Faltam programas e propostas. Pouco se vai além da visão de representatividade corporativa, o espírito de corpo, o nosso candidato para defender os nossos interesses.

Procura-se minimizar a importância do ideológico e do partidário, mas a esmagadora maioria opta por partidos conservadores. O discurso centraliza-se em três pontos: 1. Defesa dos nossos interesses; 2. Anti-comunismo emocional; 3. Moralismo individualista (governantes honestos e castos).

As candidaturas evangélicas à Assembléia Constituinte (ou Congresso Constituinte, o que não é a mesma coisa) não são encontradas em todos os Estados da Federação. O contrário sucede com as postulações às Assembléias Legislativas estaduais. *Grosso modo*, poderíamos fazer a seguinte tipologia dos candidatos:

Candidatos idealistas-realistas-competentes

Uma minoria de leigos profissionais, com clareza de propostas, com pés no chão, que sabem o que estão fazendo e onde querem chegar;

Candidatos idealistas-quixotescos

Bons moços, ingênuos, alguns com futuro após os arranhões de uma primeira campanha, podendo amadurecer ou se corromper;

Candidatos picaretas

Alguns são só de famílias evangélicas ou freqüentadores ocasionais, que se consagram nos períodos eleitorais. Outros, apesar de membros de igrejas, procuram manipular o povo e tirar, dos poderosos, proveito próprio. Há, até, quem negocie o lote de votos dos irmãos com as raposas no poder.

Candidatos fanáticos-emocionalmente perturbados

Afirmam ter recebido revelações do Céu em apoio a suas candidaturas, quando os eleitos não recebem idênticas manifestações. São profecias, vozes, visões e sonhos alegados. O resultado adverso das urnas concorre para o descrédito do Evangelho.

Candidatos são, em norma, aqueles que sobem nas plataformas das igrejas: pastores, cantores, poetas etc.

Durante esse processo constituinte perdeu-se excelente oportunidade para educar e mobilizar a comunidade evangélica, elaborar propostas e escolher candidatos responsáveis e competentes. Começou-se pelos candidatos, sem que se desse a mobilização e o debate. É a prática política individualista.

O que os eleitores - pastores e ovelhas - esperam dos candidatos evangélicos é uma prática clientelística: empregos, favores, verbas, doações etc.

Um perfil do eleitorado evangélico indicaria uma tendência para: 1. *Desinformação*; 2. *Preconceito*; 3. *Alienação*; 4. *Reacionarismo*.

Preferem candidatos não evangélicos (para governador, p. ex.) que: combatam o comunismo, prendam os ladrões e reprimam a pornografia. Não entendem as desigualdades estruturais e não se sensibilizam com os temas reformistas de transformações sociais visando uma sociedade igualitária.

Os bloqueios teológicos se dão em vários níveis ou influências: a) escatologia imediatista (*não adianta fazer nada que Cristo vai voltar logo*); b) pessimismo histórico (*o mundo vai de mal a pior*); c) sentimento de inferioridade (*somos apenas uma minoria dividida*); d) vida cristã vitoriosa (*Converta-se, trabalhe e fique rico*); e) insensibilidade social (*os pobres são decorrência da preguiça e da cachaça e os ricos assim o são porque Deus quer*).

Há, claramente, uma situação de classe: evangélicos ricos, novos-ricos e pequeno-burgueses que se inspiram nos valores globais. Há também uma distorção da consciência de classe: evangélicos pobres com a ideologia dos ricos e as alianças com eles, cujo único projeto é o de se tornarem ricos também. Isso gera uma insegurança, uma fobia às mudanças, uma defesa do *status quo*.

Acrescente-se: duas décadas de desestímulo à atividade política, desconhecimento da história política e dos ensinamentos sociais das Escrituras, teologia da ausência, da não influência etc.

Desafios imediatos: compreensão correta da política como atividade permanente, como situação humana e não como opção, como ação comunitária, vivenciada na luta pela sobrevivência e na busca pelo bem comum, nas associações de bairro, nos condomínios, nas entidades estudantis, profissionais, sindicais etc. Compreensão de uma teologia das vocações lícitas (incluindo as vocações políticas) e de uma teologia do Reino, cujos valores devem ser implementados.

Enquanto isso, em algumas poucas igrejas, observa-se a radicalização em sentido contrário, inspirada pela Teologia da Libertação.

O ideológico e o partidário estão sendo tomados, por ambos os lados, para se julgar quem é crente e quem não o é. Em algumas cidades já conhecemos igrejas onde só cabem os da direita ou os da esquerda. Um desafio fundamental é o da convivência na divergência entre irmãos.

Há, graças a Deus, também, sinais de esperança.

Cresce, em todo o país, o interesse e a motivação, entre os evangélicos, por temas políticos, econômicos e sociais. Surgem grupos, formais e informais, dedicados ao seu estudo.

Destacamos o papel do GEAP - Grupo Evangélico de Ação Política, de Brasília, do INESP - Instituto Evangélico de Estudos Sociais e Políticos, de Belo Horizonte, e de alguns dos Comitês Evangélicos Pró-Constituinte.

Mais e mais jovens leigos e pastores estão aderindo a uma visão teológica holística, encarnada, comprometida com uma missão integral da Igreja, visando despertar os nossos valores e talentos para uma perspectiva de serviço. Esses irmãos competentes, no lugar de ficar confortavelmente lamentando a situação presente, poderão mudá-la, mudando a si mesmos. Indivíduos convertidos, agindo comunitariamente, poderão converter a cultura, a sociedade e o Estado.

Palestina: o holocausto dos filhos de Ismael

O mundo tem assistido consternado às cenas de violência envolvendo tropas israelenses e civis palestinos nos territórios ocupados. A brutalidade mostrada pela televisão causa perplexidade em muitos cristãos expostos, por tantos anos, a uma visão unilateral sempre favorável à causa sionista: os bons judeus *versus* os maus árabes.

Como é sabido, com a *Guerra dos Seis Dias* (1967), Israel anexa a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental, onde vivem mais de um milhão de palestinos. Essas regiões permanecem sob governo militar e lei marcial, com seus habitantes sujeitos a condições subumanas, privados de direitos e transformados em mão-de-obra barata, como os guetos negros da África do Sul. Qualquer pessoa pode ser detida sem justificativa e por tempo indeterminado, sem poder ver o seu advogado. Todos são suspeitos do crime de querer se ver livres dos seus ocupantes. Segundo a Cruz Vermelha e a Anistia Internacional, o uso de torturas é uma prática habitual, e os presos são ribunais militares judeus. Ao mesmo tempo, grupos extremistas, como o Gush Emunin, vão erigindo, à força, povoamentos israelitas.

Enquanto isso, o Estado de Israel propriamente dito é uma sociedade estratificada e desigual, onde a minoria de judeus brancos askhenazitas detêm o controle do governo e da economia, com a massa dos judeus morenos sefarditas inferiorizada e discriminada e os árabes e drusos como cidadãos de terceira classe.

Não podemos esquecer que o sionismo significou um revés para a Igreja Cristã naquela região. Em 1948, 50% da população de Jerusalém era cristã, bem como 90% da população de Belém. O Patriarcado Ortodoxo Grego de Jerusalém data de 451 d.C. Discriminados como cristãos e perseguidos como árabes, a maioria dos cristãos deixou o país, não restando hoje mais do que 10%. Desde 1967, 100.000 cristãos árabes emigraram. A postura unilateralmente pró-Israel dos cristãos ocidentais é um obstáculo à evangelização dos árabes e deixa em situação difícil os cristãos locais.

A História registra que o pró-judaísmo entre os cristãos está ligado à figura do teólogo inglês dispensacionalista John Nelson Darby (1800-82) e à disseminação da Bíblia comentada Scofield. Em 1876, foi realizada a Conferência de Niágara sobre as Profecias, com forte influência sobre os Bible College. Por um literalismo, procurou-se defender um direito divino dos judeus às terras palestinas, a qualquer preço. São esses protestantes que dão as bases bíblicas para o sionismo (esse originalmente secular e nacionalista, humanista e socialista). Isso é algo totalmente estranho ao pensamento evangélico do século XVI, que nem era pré-milenista nem dispensacionalista. Lutero e Calvino tomariam um susto com essas interpretações.

O Dr. Marvin Wilson, do Gordon College, denuncia que os fins não justificam os meios, que o Israel de hoje nem é uma teocracia nem o reino de Deus, e que não pode ser julgado por outro padrão de moralidade diferente das outras nações. Para o Dr. Anthony Compolo, do Easton College, o dispensacionismo nos fez entusiasmados do desalojamento dos palestinos e indiferentes às injustiças praticadas contra aquele povo. E o Dr. Wesley Brown, presidente do Seminário Batista Americano do Oeste, na Califórnia, afirma que Deus está ao lado dos oprimidos, e no caso do conflito árabe-israelense não há dúvida de que os palestinos árabes são os oprimidos, e que a maioria das interpretações dispensacionalistas é amplamente baseada numa hermenêutica inválida.

Quanto ao terrorismo palestino, é bom lembrar que Israel foi construído à base do terrorismo judeu contra os ocupantes ingleses e as populações árabes. Segundo o historiador menonita canadense Dr. Frank Epp, quatro ex-Primeiros-Ministros israelenses estiveram envolvidos pessoalmente em atividades guerrilheiras ou militares para a expulsão dos palestinos. Menahem Begin (depois Prêmio Nobel da Paz), em seus verdes anos, escreveu um livro defendendo a ação terrorista e foi responsável, em 1948, pelo massacre da vila árabe de Deir Yassin, quando morreram 250 homens, mulheres e crianças. Sua organização, o Irgun, bem como a Haganah (fundada em 1920) e a Palmach, foram responsáveis por inúmeros massacres contra civis (vide Hotel Rei Davi).

Por séculos, árabes mulçumanos, cristãos, judeus e drusos viveram harmoniosamente na região, antes do retorno em massa dos judeus louros, eslavos e germânicos (estranhos para a paisagem humana da região) que migraram em massa para a Palestina em virtude do sionismo. Em 1948, a ONU concede a 1/3 de judeus o direito de mandar em 2/3 de árabes.

Não devemos temer a defesa da justiça com medo de sermos acusados de anti-semitas. Os cristãos sentem a consciência culpada do anti-semitismo da Inquisição e do Nazismo, sentem simpatia pelos "kibutsin" e pelos "moshavim", mas não podem negar sua soteriologia histórica, que nos ensina que só há um caminho para Deus - inclusive para os judeus - que é Jesus Cristo, e que o Povo de Deus hoje é o Corpo de Cristo, a Igreja, chamada a exercer um ministério de reconciliação e a lutar pelos valores do reino.

Não podemos sucumbir à tentação militarista e intolerante, genocida dos judeus, nem nos esquecer que os árabes também são filhos de Abraão, sob promessa de bênção de Deus, e que ali está presente a maior parte dos cristãos, nossos irmãos. Por dois Estados soberanos: Israel e Palestina. Por um estatuto internacional para Jerusalém.

Com medo de ser feliz

A VITÓRIA DA IGNORÂNCIA,
DO EGOÍSMO E DA MENTIRA

Os cristãos foram às ruas, aos comícios e às urnas, soterrando a heresia de que *crente não se mete em política*. No fundo, o que tínhamos antes era uma forma marota de apoiar as ditaduras de direita na América Latina com uma pretensa e piedosa *neutralidade*. O desafio, agora, é o modo de fazer política, os canais dessa ação e o procedimento ético esperado, além da motivação dessa participação.

A divisão dentro das igrejas, a esse respeito, é inevitável. Divisão que já existe hoje. O nível de informação e consciência política, as opções partidárias e ideológicas e as correntes teológicas se tornam mais agudos em uma sociedade de estratificação perversa como a nossa, com um capitalismo selvagem, de cristãos milionários e cristãos passando fome. Todo discurso da unidade cristã transpartidária nessas condições é inconsciente, quando não farisaico.

Já os anabatistas, no século XVI, e os niveladores, no século XVII, na história do Protestantismo, nos pregavam que a fraternidade cristã deve se materializar em uma igualdade de condições básicas e oportunidades para todos os irmãos, senão na forma, pelo menos no espírito da Igreja de Jerusalém. O escravismo, o feudalismo e o capitalismo é que elaboraram uma fraternidade espiritual, metafísica, entre os irmãos opressores e os irmãos oprimidos.

O recente pleito eleitoral, notadamente o segundo turno, tornou mais explícita e mais consciente a diversidade de situações, pontos de vista e propostas esboçadas no interior das igrejas. No caso do protestantismo, percebemos a seguinte tipologia:

1 - *Conservadores*: defensores da desigualdade como natural e da prosperidade como bênção, seguidores do capitalismo, mesmo em sua forma selvagem como a nossa, ou atenuada por algum assistencialismo filantrópico paternalista. Podem ser subdivididos em:

a) ideológicos: em igrejas de classe média para cima, entre empresários e profissionais liberais, influenciados pela cultura republicana dos EUA dos anos Reagan-Bush e pelo conservadorismo liberal da senhora Thatcher na Grã-Bretanha. Deve-se manter no Brasil a democracia política formal (sem exageros), e quem quiser subir na vida deve se converter e trabalhar. Deve-se votar em candidatos conservadores e moralistas, defensores da Lei e da Ordem. Deve-se cooperar com os governantes conservadores (sem exageros), com alguma preocupação ética;

b) fisiológicos: seguidores do *neofranciscanismo*, do é dando que se recebe. O negócio é o constantinismo mesmo: estar com qualquer César da ocasião e tirar o máximo de vantagens possíveis para a igreja e os cristãos. Somos filhos do Rei (filhinhos do papai celestial). O papel dos políticos evangélicos é o de despachantes de luxo: demandar e quebrar os nossos galhos, mesmo que a ética saia arranhada, além, obviamente, de criar praças da Bíblia, dar nome pastores falecidos a ruas e lutar pela castidade. Ditadura ou democracia, pouca diferença faz, desde que seja de direita, prenda os comunistas, feche os terreiros de umbanda e nos agracie com ricos favores. Um país assim será uma bênção...

No meio conservador, já está em germinação um projeto teocrático: a tomada do poder pelos evangélicos. A liberdade religiosa deve ser apenas para nós. A idéia do pluralismo democrático ainda não chegou por ali. Membro da igreja perdeu cargo ou foi até expulso por apoiar certos candidatos ou determinados partidos.

O mais grave foi a central de boatos disseminando informações falsas e calúnias contra candidatos, prefeitos de alguns partidos e evangélicos engajados em candidaturas outras. Nunca se mentiu tanto nas igrejas, nem se aproveitou da boa fé, da ignorância dos irmãos, fomentando-se o medo, o preconceito e a intolerância.

O voto dos protestantes conservadores (ideológicos e fisiológicos) se somou ao dos católico-romanos tradicionalistas, das cidades do interior politicamente atrasadas e dos abastados amedrontados e, ou, egoístas, na mesma direção. Enquanto isso, o outro candidato não era

comunista, não iria perseguir os cristãos, não iria extinguir as cadernetas de poupança, não iria mudar a bandeira do Brasil e não iria tomar a roça de ninguém etc.

2 - *Progressistas*: Defensores de profundas mudanças estruturais, assegurando o básico para todos e a redução das disparidades regionais e sociais, com uma redistribuição de renda, propriedade e poder, por meio de fórmulas de inspiração social-democrática ou de socialismo democrático que, com o marco da Constituição Federal e o quadro que aí está, poderiam atingir, em 5 anos, no máximo uma humanização do capitalismo, redirecionando-o para o social, desprivatizando o Estado com uma gestão transparente.

A ação na política deve ser idealista e altruísta, na promoção do bem-comum. Os progressistas se subdividem em:

a) *liberacionistas*: uma minoria seguidora da teologia da Libertação, de cores socialistas mais avançadas. Em virtude, porém, de suas pressuposições teológicas, com ressonância menor nas igrejas;

b) *esquerda confessante*: um número maior de defensores da missão integral da igreja, da salvação individual e social e, em virtude de sua ortodoxia e equilíbrio, com maior ressonância nas igrejas.

Para os progressistas, apesar das calúnias, a campanha presidencial, educativa e mobilizante foi uma vitória, pois a verdade sempre triunfa.

O corpo político e a política do corpo

A expressão corpo político é empregada por cientistas sociais como sinônimo de sociedade política: o conjunto dos cidadãos detentores de direitos políticos. A imagem tem sua analogia com outra visão de corpo: a igreja, no pensamento paulino.

Os cidadãos-membros do corpo político são pessoas: seres psicossomático-espirituais vivendo em sociedade e se relacionando com a natureza. É, portanto, com seus corpos físicos que atuam no corpo político. Nunca poderemos ter um corpo político saudável se os corpos físicos dos seus membros estiverem anêmicos, subnutridos, explorados, torturados, carentes de possibilidades e de gratificação.

A igreja - veículo de salvação do homem todo - tem a responsabilidade de zelar pelos corpos que um dia, transformados, ressuscitarão. Nem sempre, lamentavelmente, tem isso ocorrido. O dualismo grego (matéria má *versus* espírito bom) tem deixado uma marca sinistra e deformante no pensamento cristão quanto à matéria (mortificações, sacrifícios, penitências, celibatos, virgindades etc.). Algumas exceções, porém, podem ser destacadas:

a) a construção integrada da noção de deificação (união com Deus) para os ortodoxos orientais, que passa por todo o ser e não só pela alma, como no episódio da transfiguração de São Serafim de Sorov;

b) a diferenciação entre corpo (soma) e carne (natureza caída) para os reformadores protestantes. Para Lutero, Jesus Cristo teve um

corpo e nunca pecou; o demônio não tem corpo e peca o tempo todo;

c) a proposta educativa de missões protestantes do começo deste século, que foram pioneiras em vários países na introdução da educação física e da prática de esportes, nas, então consideradas suspeitas, escolas mistas;

d) a ênfase dos adventistas do sétimo dia no bom trato do corpo, em termos de higiene, alimentação etc.

Devemos recordar que a cultura católico-romana ibérica de contra-reforma é fortemente anticorpo, que se revela em todo o seu ascetismo. Na cultura secular, os poetas de nossa escola romântica eram valorizados por suas profundas olheiras e palidez, fruto da tuberculose. O corpo era visto mais positivamente por africanos e ameríndios.

Hoje em dia, enquanto progressistas católico-romanos vão revalorizando o corpo (e não vão mais longe porque João Paulo II não deixa), amplos setores do protestantismo professam uma agressiva visão anticorpo. Foi um deputado constituinte evangélico que pretendeu eliminar a obrigatoriedade da educação física nos educandários, são mães evangélicas que procuram livrar as filhas (nunca os filhos) desse constrangimento escolar. A estética é confundida com a vaidade, corpos saudáveis com falta de espiritualidade, prazer com hedonismo e as práticas esportivas - em alguns círculos - podem até terminar em excomunhão.

O sem-número de regras opressivas de usos e costumes que oprimem os crentes se dirige prioritariamente aos corpos, nestes à sexualidade, principalmente feminina.

Um sociólogo de religião mexicano, diante do rápido crescimento das igrejas evangélicas na América Latina, afirmou: Não cresce o protestantismo, mas sim o catolicismo de substituição. As igrejas são protestantes, mas sua cosmovisão é católica de contra-reforma.

Uma amiga nossa foi certa feita atacada como materialista ao falar para uma sociedade de senhoras sobre os cuidados do corpo. A religião que se veicula é um contínuo processo de alimentação do superego (Freud) e dos arquétipos arcaicos (Jung): normas, culpas, inibições e negação do físico. Pastores e líderes depravados antes da conversão sofrem da *Síndrome de Santo Agostinho*: hipervalorizam suas antigas fraquezas e acham que todo o mundo sofre delas. Enquanto isso, a ética social é esquecida ou subvalorizada.

Rose-Marie Muraro, uma católica romana, defende a construção de uma *Erótica Cristã* (Erótica = toda realização gratificante pelo e para o corpo). Cremos que essa construção passa, dentre outras, pelas seguintes áreas:

a) por uma arquitetura do sagrado em que a decoração dos templos leve em conta a herança simbólica das diversas fases históricas;

b) por uma liturgia para os sentidos, que incorpore as diversas experiências da igreja universal;

c) pelo cultivo das áreas plásticas, dramáticas e musicais;

d) pela valorização do folclore, arte do povo;

e) pela prática das diversas modalidades de esporte;

f) por uma sexualidade desburocratizada, onde os sistemas jurídicos e éticos concorram para o seu sadio usufruto por parte de todos, e não para a sua privação por parte de tantos.

Jaci Maraschin, um anglicano, aponta para a necessidade de elaborar uma Teologia do Corpo, enquanto que Rubem Alves, um prebiteriano, escreve recentemente sobre a insólita possibilidade de que o discurso político tenha a função não confessada de silenciar o discurso erótico. É sintomático que, até agora, tanto os teólogos conservadores quanto os revolucionários não tenham sido capazes de elaborar um discurso prazeroso e muito menos um discurso sobre o prazer. A ética e a política me parecem ser a continuação do ascetismo que fez silêncio sobre as vozes do corpo.

Creemos que as vozes do corpo, sem fé e sem política, resultem no hedonismo frustrante; a política, sem fé e sem as vozes do corpo, resulte no fanatismo ascético dos que desposam a pátria ou a revolução; mas a fé, sem política e sem as vozes do corpo (grande parte dos evangélicos), resulte no suspiro erótico da histeria ou na ordem do homem religioso-homem fascista.

O corpo político e o corpo eclesial precisam de cura direta e, ou, psicoterápica para exibicionistas, narcisistas, sádicos, masoquistas e tantos outros comportamentos anormais. A igreja daria uma grande contribuição ao corpo político se reduzisse o número de seus membros em clínicas psiquiátricas, aumentando-os na engajada luta pelo bem-comum (terapia ocupacional sócio-política).

O corpo eclesial e o corpo político necessitam de uma política do corpo (liturgia, pão e diversão), em que um cristianismo relacionado com a nossa cultura plástica tropical substitua sua chatice legalista por uma cidadania lúdica.

Dancemos a nossa fé (1 Sm 18.6; 2 Sm 6.14).

36.

A utopia possível

Ao contrário dos irracionais, uma marca do ser humano é sua inconformação com a realidade em que vive. A cada necessidade ele responde com uma invenção. Continuador da obra da criação, criador de cultura, constrói utensílios e elabora leis. Essa in-conformação tem - particularmente para os cristãos - uma dimensão ética: o repúdio do mal e a promoção do bem.

Em razão do pecado (alienação básica), há uma distância entre o querer (bem) e o efetuar (não tão bem assim). Algo negativo pode vir a ser substituído por outro algo também negativo, no seu todo ou em parte, pois há sempre a tentação da megalomania e da crença em soluções puramente humanas.

Assim é o drama desse ser ambíguo: realização e frustração, esperança e decepções.

Sem utopia, porém, não há história. Utopia entendida não como o irrealizável, mas como o ainda não realizado.

Para Karl Mannheim, todo o conjunto de idéias que promove a justificação e a manutenção de um estado de coisas existente (*status quo*) é considerado uma ideologia, mas quando critica e aponta para algo diferente e melhor é uma utopia.

Na Idade Contemporânea, conhecemos duas utopias principais: o Liberalismo e o Socialismo (com suas variações), com ênfases, respectivas, na Liberdade e na Justiça Social. É possível que estejamos hoje caminhando para uma nova utopia, que seja a convergência dos pontos positivos das anteriores. O Nazi-Fascismo, o Stalinismo, o Existencialismo e o Capitalismo Selvagem podem ser considerados, antes, como antiutopias.

O problema com as utopias contemporâneas teve que ver com a sua visão do ser humano: O bom selvagem ou o lobo do homem, extremadamente distantes da visão bíblica de pecador que pode se regenerar, alvo de uma ação transcendente.

A crise do Leste Europeu (socialismo real) e a trágica situação do Terceiro Mundo (capitalismo real) concorrem para um momento de desencanto, de apatia, de frustração, de crise de utopias. São momentos perigosos, pois a carência de utopias que motivem o idealismo sempre tem resultado, historicamente, em violência, cinismo, amoralismo e vazio existencial.

O capitalismo e o socialismo reais pecaram pela redução do ser humano apenas a seu aspecto produtivo (*homo faber*), esquecendo-se de sua pluralidade de dimensões, carências e demandas: um ser que busca o sagrado, a liberdade, o prazer, a natureza, o lazer, a arte.

A esperança cristã última é escatológica (a consumação do reino de Deus com o retorno de Cristo), mas a escatologia não é uma negação da História, mas uma motivação e um modelo para o que podemos e devemos fazer hoje. Caso contrário, entraremos no realismo do que está aí.

Como brasileiros, devemos, por um lado, estar abertos para aprender as lições do que já foi possível realizar em outros países em termos de democratização política, econômica e social. Decisões políticas moralmente motivadas e controladas pela população têm levado, em muitos lugares, à erradicação da miséria. Casa, trabalho, escola, saúde, transporte, padrão de vida digno, redução da criminalidade e fim da tortura não são quimeras, mas uma realidade cotidiana para milhões de cidadãos deste mundo.

Em algumas situações, os cristãos têm concorrido (e até liderado) para que esses avanços se tornassem possíveis. Em outros, lamentavelmente, se omitiram ou optaram pela permanência de situações anteriores de violação dos direitos humanos, situações injustas nas quais estavam tirando vantagens.

Nós, brasileiros - cristãos inclusive - devemos tomar essas lições dos outros e avançar mais ainda, levando em conta as nossas raízes, as nossas características e as nossas possibilidades. Paulo VI escreveu que a América Latina poderia ser uma civilização do amor. Marcuse advogava a possibilidade de (satisfeitas as necessidades básicas, com educação e elevação dos valores espirituais) construir uma civilização do prazer.

Não poderia o Brasil liderar essa caminhada nos anos 90 - país com imenso potencial espiritual, farta expressão lúdica e capacidade de sacrifício por aquilo em que acredita?

Teimo em ser idealista e sonhador. Teimo em propor a fé cristã como sal para as utopias. Meus avós e meus pais foram responsáveis pelos acertos e erros do passado, como meus filhos e netos o serão em relação ao futuro. A nós hoje cabe o presente, tornarmos o evangelho relevante a esta geração e legarmos um mundo melhor do que o recebemos.

Como os escravos e os servos da gleba se foram, um dia ninguém irá se enriquecer com o suor do rosto do seu próximo, ninguém servirá de escada para o outro ou para o Estado, mas todos serão proprietários dos seus meios de produção, escolherão os seus dirigentes e terão suas necessidades humanas satisfeitas. O que é dado por Deus é dado para todos.

Iluminando esse processo (luz do mundo) poderá estar uma igreja de convertidos e comprometidos com a totalidade da Palavra, dispostos a pagar o preço do discipulado. Uma igreja de face morena, de homens e mulheres íntegros e integrais, reconciliados com o corpo, com a alegria, com o prazer, com a festa que há na vida. Uma igreja que não coma dos manjares do rei.

Uma igreja em que os seus profetas possam ir além do discurso, mas que desçam do muro e adentrem a vida, na militância concreta em favor do oprimido.

Estou convencido de que, a partir do momento em que assumo o desejo de transformar a sociedade, a transformação já começa.

Essa é a nossa opção, com a ajuda de Deus e apesar de alguns irmãos. Sonhar é preciso.

APÊNDICE

APÊNDICE

A peregrinação teológica do autor¹

Introdução

Por vinte anos, desde o primeiro momento, tenho estado na Fraternidade Teológica Latino-Americana. Essa relação tem sido decisiva para minha vida e ministério. Por isso sinto-me honrado com o convite, neste aniversário de vinte anos da FTL, para compartilhar e refletir com os irmãos a respeito de nossa peregrinação, que é agora também realimentada para novas etapas neste final de século.

Raízes e caminhada

As raízes de meu pensamento devem ser buscadas nos anos de minha infância e adolescência. Creio serem decisivas as marcas recebidas do ambiente de minha criação. A esse respeito posso dizer:

1. Sou filho de uma cultura estabelecida: a do interior do nordeste do Brasil, resultado de quatro séculos de colonização portuguesa e de sua interação com os ameríndios e os africanos. Civilização agrária, patriarcal, tradicionalista e de exercício patrimonialista do poder. Descendente dos pais fundadores dessa cultura regional, sua marca é algo fundamental em minha personalidade;

¹ Texto apresentado na consulta Teologia e Vida na América Latina, alusiva aos vinte anos da FTL, realizada em Quito, Equador, em dezembro de 1990.

2. Sou filho de uma época de certezas. Batizado, crismado e integrado à vida de uma paróquia rural da Igreja Católica Romana sob o pontificado de Pio XII, com um padre formado no espírito integrista dos antigos seminários ultramontanos. Toda a vida de nossa pequena cidade, de União dos Palmares, AL, girava ao redor da igreja, de seu calendário, de suas festas e de seus dogmas;

3. Sou filho de um tempo de repúdio ao totalitarismo. Toda a memória da recente ditadura de Vargas (1937-45), o depoimento vivo dos perseguidos e dos torturados, todas as publicações sobre os horrores do nazi-fascismo, toda a tragédia do stalinismo e o sofrimento da *igreja do silêncio* geravam este repúdio. Vivíamos no Brasil um longo período de liberdades públicas sob uma nova Constituição (1946-54), marcada pelo populismo, pelo nacionalismo e pela ideologia do desenvolvimento.

4. Sou filho de uma família religiosa e politizada. Meu pai era espírita, vereador, presidente do sindicato do comércio varejista; minha mãe, católica romana, de uma família de políticos liberais, depois convertida ao evangelho. Religião, política e literatura eram assuntos do cotidiano de nosso lar.

Minha primeira vocação foi a do sacerdócio católico romano, até que, aos dez anos, descobri, com tristeza, a exigência do celibato. Aos doze, anos participava de minha primeira greve e aos quinze, era vice-presidente do Centro Regional dos Estudantes Secundaristas. Nesse tempo lia de tudo e conversava com todos, de comunistas a testemunhas de Jeová. Assíduo frequentador das missas e das sessões espíritas, lia a Bíblia e a biografia de Lutero, que me empolgava e me enchia de dúvidas a respeito do catolicismo romano. Sem sair da Santa Madre Igreja, fui evangelizado por um adventista do sétimo dia e doutrinado por um batista.

Aos quinze anos fui viver em um internato de uma missão presbiteriana, o Colégio Quinze de Novembro, de Garanhuns, PE, onde ocorreu minha experiência de conversão e minha aprendizagem do protestantismo histórico, como uma ideologia moderizadora e democrática para o meu país. Os dois últimos anos do curso secundário (Curso Clássico), eu frequentei no colégio dos jesuítas no Recife. Decidido a romper definitivamente com o catolicismo romano e o espiritismo, procurei a igreja evangélica mais próxima da casa de meus avós, onde vivia: a igreja luterana Missouri (IELB), fundamentalista.

Meu pai não permitiu que me tornasse um seminarista evangélico: seria uma perda de *status* e a certeza de um futuro negativo, em sua opinião. Atualmente estou certo do caráter providencial daquela decisão.

Aos dezoito anos, comecei, simultaneamente, dois cursos universitários: o de Ciências Sociais na Universidade dos Jesuítas (UNICAP) e o de Direito na Universidade Federal (PE). Prossegui na política estudantil e no teatro universitário.

Um ano mais tarde, comecei como pregador leigo em igrejas do interior. Meu primeiro sermão foi pregado na igreja batista de minha cidade, no passado alvo de meus preconceitos antiprotestantes. À semelhança do catolicismo romano, o protestantismo por mim vivenciado naqueles anos era protestantismo de certezas: a Bíblia substituiu o papa.

Com os jesuítas, estudei a Doutrina Social da igreja, particularmente as encíclicas sociais pontifícias, sofrendo a influência do Humanismo Integral, de Jacques Maritain, e do Solidarismo, de Emmanuel Mounier. Na universidade pública, conheço o positivismo, o marxismo e o pensamento de Max Weber.

Cheguei, então, nos anos 60: a euforia e a decepção com a Revolução Cubana, o Concílio Vaticano II, a efervescência socialista, seguida de golpe militar no Brasil, a guerra do Vietnã, a Primavera de Praga, o Maio de 68 em Paris etc. Sem dúvida, um tempo de intensa dinamicidade e pluralidade. Conheci o liberalismo teológico de esquerda de grupos de jovens universitários ecumênicos, experiência traumática para mim, pela arrogância intelectual daqueles, sua intolerância e sua falta de reverência em relação ao sagrado. Eu vivia a dicotomia e a ambigüidade do bom moço da igreja, sem maus costumes, enquanto vivenciava uma intensa militância cultural e política em círculos católico-romanos e seculares.

O espaço-síntese que buscava apareceu com grande impacto em minha vida com a Aliança Bíblica Universitária (ABU), o movimento brasileiro de estudantes evangélicos, ligado à Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES): vida devocional, estudo bíblico, disciplina intelectual, abertura ao contemporâneo e à problemática sóciopolítica. Na Conferência Missionária de Urbana (EUA), em dezembro de 1967, senti um chamado para uma dedicação de vida e, por dez anos, estive como obreiro de tempo parcial com aquele movimento. Seus acampamentos, seminários de capacitação e a itinerância interdenominacional do seu ministério foram a minha principal fonte de inspiração teológica, de uma teologia do caminho.

Nunca perdi o contato com a sociedade secular, seja como advogado, por um tempo, seja por quase um quarto de século como professor universitário, depois de concluir um mestrado em Ciência Política no Rio de Janeiro, onde vivi por dois anos. Isso foi decisivo para evitar o isolamento no gueto permanente. Por dez anos, fui responsável por uma coluna evangélica dominical no principal jornal secular do Nordeste e, por três anos, participei, como colaborador, em programas evangélicos de televisão.

O movimento estudantil (ABU) foi a ponte para a Fraternidade Teológica Latino-Americana, na pré-consulta de julho de 1969, em São Paulo, e na primeira Consulta Continental, em Cochabamba,

Bolívia, em dezembro daquele ano. Por sete anos estive no Comitê Executivo do Segundo Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE II), em Huampani, Peru, 1979. A FTL foi a ponte para Lausanne, onde fui membro de sua comissão de convocação e membro substituto da Comissão de Lausanne para Evangelização Mundial (LCWE), assim como para a Aliança Evangélica Mundial, onde, por quatro anos, participei da Comissão Teológica, na subunidade Ética e Sociedade. Estive, também, como segundo vice-presidente da executiva fundadora da Confraternidade Evangélica Latino-Americana (CONELA).

Como decorrência de minha relação com a ABU e a FTL, dediquei-me a três áreas ministeriais: a itinerância pelo país como conferencista nos temas de ética social, a colaboração regular como articulista da imprensa evangélica e a publicação de livros - oito até agora -, a maioria nos campos de ética política e sexual.

A amizade e a influência de pensadores anglicanos evangélicos me ajudaram a vencer a resistência em relação ao espaço anglicano liberal do meu país, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. No anglicanismo, encontrei a síntese possível entre a minha herança católica e a minha fé reformada, além da aprendizagem de uma lição que posso compartilhar: é menos mal ser considerado um conservador numa igreja liberal do que um liberal numa igreja conservadora. A gente sofre, mas sobrevive.

Em janeiro de 1985, na festa da Epifania, recebi a ordem do presbiterato, como sacerdote pleno da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica de Nosso Senhor Jesus Cristo, por seu ramo anglicano. Desde então, tenho participado como pastor auxiliar de paróquias, como ministro voluntário.

A ditadura militar do Brasil assinalava uma crise irreversível no ano de 1978. Para preparar e mobilizar o povo protestante para a transição democrática, organizamos o Movimento Cristão Democrático de Centro - Instituição Evangélica de Orientação Política (MCDC), integrado por democrata-cristãos, social-democratas e liberal-progressistas, que funcionou por cinco anos, publicando o boletim *Presença e Identidade*, sob o lema: *Por um país governado por homens governados por Deus*. Nossa Carta de Princípios foi de grande valor como subsídio para a redação da Declaração de Jarabacoa, sobre os cristãos e a ação política, naquela consulta auspiciada pela FTL na República Dominicana. Muitos dos ex-integrantes do MCDC estão atualmente na militância partidária e sindical.

No ano de 1980, alguns do MCDC, juntamente com jovens católico-romanos, integramos a tendência social-cristã do novo Partido Popular de Tancredo Neves, com a visão de uma transição negociada possível da ditadura para a democracia. As mudanças na legislação eleitoral dos militares nos levaram a fechar as portas do partido e

voltar à frente ampla de oposição, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Toda a década de 80 foi para mim de intensa militância política: candidato a deputado estadual em 1982, membro do diretório municipal do PMDB (1982-84), assessor do prefeito de Recife (1986-88), participante da campanha pelas eleições presidenciais Diretas já (1984), coordenador de comitês evangélicos de apoio a candidatos da Frente Popular (liberais-progressistas, socialistas e comunistas) em duas eleições municipais, duas eleições estaduais e nas eleições presidenciais de 1989, na comissão interpartidária e na coordenação do comitê evangélico de apoio a Luis Inácio Lula da Silva para presidente da República.

No momento, estamos organizando o Movimento Evangélico Progressista (MEP), de apoio e estímulo à militância evangélica nos sindicatos, entidades comunitárias e partidos de opção socialista democrática.

O Brasil passou, nos últimos dois anos, por um longo processo de institucionalização democrática formal, com uma nova Constituição Federal, novas Constituições Estaduais e novas Leis Orgânicas Municipais. O papel da frente ampla do PMDB se esgotou. Agora é o momento para propostas e programas de reorganização nacional, de opções pela justiça e de oposição ao desastre neoliberal-conservador. Por isso, o pastor, professor universitário e militante político se prepara para mudar de carteira, para o Partido dos Trabalhadores (PT).

No campo religioso, sou membro de diversos conselhos consultivos ou de referência (espécie de *Câmara dos Lordes* para cristãos veteranos) e represento a Associação Evangélica na Comunhão Anglicana (EFAC), que tem em John Stott o seu líder, para a América Latina. No campo secular, sou coordenador do curso de mestrado em Ciência Política na Universidade Federal de Pernambuco.

Relação com o protestantismo

Em relação ao protestantismo passei por três momentos distintos:

1. O primeiro poderia ser chamado de encantamento: a lua de mel com o novo. Através dele descobri a Bíblia, a visão heróica da Reforma, uma fé pessoal cristocêntrica, a igreja local como uma comunidade de irmãos, etc. Uma apreensão épica, gloriosa e mítica da nova opção religiosa. Em uma situação assim, não se tem adquirido a capacidade crítica. Aquele era um momento muito místico, muito dogmático, mas ao mesmo tempo muito histórico, pois via o protestantismo como canal utópico, como o meio para fazer chegar à América Latina um tempo de justiça e de paz, de desenvolvimento e de democracia. A conversão em massa de nossos cidadãos, pensava,

transformaria países em novas Suécias ou, pelo menos, em novos Estados Unidos, novas *pátrias da promessa*;

2. O segundo momento foi a crise do desencantamento: uma aguda e crescente sensação de frustração, de decepção, de percepção de que a realidade do produto não era igual à descrição da propaganda; que as igrejas, antes de comunidades terapêuticas, eram comunidades patogênicas, fábricas de neuróticos. Era a descoberta de que aquela não era a religião da Graça, mas da Lei, da face cruel do legalismo. Depois dos golpes militares do continente, ficou clara a percepção de quão superficial e insincero era o discurso da democracia. O constantinismo, a alienação política, o exercício de uma cidadania egoísta e irresponsável eram marcas terríveis do protestantismo. Aprendi, particularmente na FTL, a diferenciar o Evangelho de sua roupagem estrangeira.

O resultado para a minha vida, naquele momento, foi uma terrível crise existencial, a desilusão, a perda de referenciais de identidade, a perda da bandeira de luta. Por que pelear por esse clube religioso irrelevante, tutelado de fora? O Senhor me responde: Continua, caminha por visão, por compromisso, por obediência, e não pela espera de resultados. Olha para os profetas. Alguns deles nunca presenciaram a vitória. Caminha, segue adiante. Senhor - respondo - eu me sinto frágil. Sou apenas um menino tímido de uma cidadezinha rural.

Recordo-me de que, no primeiro momento era aplaudido por minhas palestras históricas, apologéticas ou evangelizadoras. No segundo momento me senti só, isolado. Percebi que nas igrejas há poucos irmãos e amigos, que valem instrumentalmente, que reina o pragmatismo nas relações interpessoais. Na comunidade evangélica não se respeita a vida privada e, se alguém não adere ao sistema, à sua ordem e aos seus valores, é queimado e conhece o ostracismo. É doloroso assumir o papel do dissidente. Mas, para mim, era o único caminho possível. Os outros seriam o abandono da igreja, a adesão hipócrita ou a acomodação estéril.

3. O terceiro momento, o momento atual, poderia ser denominado de profético, ou mais humildemente, de obediência de um dissidente realista. É uma via dolorosa, de alternados momentos de alegrias e de tristezas, de entusiasmo e de cansaço. Atualmente, a cada ano, estou viajando por nove meses, em fins de semana alternados, convidado por diferentes grupos, igrejas, denominações e organizações. Nos outros três meses paro para pôr o corpo, a alma e a cabeça no lugar.

Tenho feito uma diferença entre a fé cristã, a doutrina evangélica e a herança reformada, de um lado, e a subcultura protestante e a ideologia evangélica, por outro. Com os primeiros estou comprometido, com os segundos estou desconectado. Não tenho compromissos com

as opiniões e atitudes políticas do protestantismo constantiniano, nem tenho compromisso com as idiosincrasias, usos, costumes e comportamentos pitorescos dos evangélicos. Isto, obviamente, limita a minha aceitação e integração a uma quase coexistência mais ou menos pacífica ou, como disse Noé Stanley Gonçalves, o papel de intelectual orgânico da comunidade evangélica, no sentido gramsciano.

Teologicamente, isto tem significado a rejeição do fundamentalismo e do pietismo corrompido, sem negar a confessionalidade e a piedade. Significa uma abertura crítica para a teologia da libertação. Significa, igualmente, que o caminho não é do velho liberalismo, com a agravante das igrejas vazias. Significa uma cobeligerância com todos os homens e mulheres no possível e na convergência com os valores do reino. Significa examinar de tudo e reter o que há de bom. O caminho de uma teologia de missão da igreja, uma teologia holística, em permanente construção.

O Conselho Consultivo Anglicano faz uma explícita opção pela teologia holística, quando define a missão da igreja em quatro pontos: 1. Proclamar as boas novas do Reino; 2. Batizar, ensinar e edificar os convertidos; 3. Responder misericordiosamente às necessidades humanas; 4. Denunciar as estruturas iníquas da sociedade. Há cristãos que somente aceitam alguns destes pontos, enquanto outros aceitam todos em princípio ou somente em nível teórico. O desafio, pois, é como ser coerente e conseqüente com o conjunto e com cada um dos pontos. Há uma diversidade de vocações, dons, possibilidades e oportunidades, mas tudo deve concorrer para a integralidade da missão.

Em nossos países, as igrejas evangélicas, tantas vezes, são aparelhos ideológicos da ordem capitalista, promotoras de valores burgueses, guardiãs das tradições, instrumentos de controle social, reprodutoras dos interesses imperialistas, justificadoras da injustiça e da exploração, repressoras dos dissidentes. Não creio, como Rubem Alves, que nosso problema seja só o protestantismo de reta doutrina, mas sim o protestantismo de contra-reforma, intolerante e inquisitorial, seja de direita ou de esquerda, seja nas inserções seculares dos que decidiram abandonar a igreja. A confluência de nossa cultural colonial ibérica pré-moderna, pré-capitalista, pré-democrática, autoritária e antiintelectual com o fundamentalismo tardio tem transformado as igrejas em fábricas de intolerantes. Do protestantismo, temos somente a letra; o espírito, no entanto, é o mais puro herdeiro de Trento.

Alguns dos que confessam um evangelho integral se movem no espaço institucional e mental do fundamentalismo, são financeiramente dependentes dos sócios mantenedores conservadores das igrejas, foram treinados para viver nos guetos religiosos, têm medo do

secular, da vida, da história, não conseguem viver a encarnação, não conseguem romper com o antigo, confundido com o eterno, e tampouco conseguem criar o novo, o diverso, o plural.

Alguma esperança passa, preferencialmente, por obreiros não remunerados, com treinamento acadêmico nas Ciências Sociais, por teólogos que incorporam a psicologia, a antropologia cultural, por pastores, seminaristas e leigos integrados aos sindicatos, aos partidos, aos movimentos populares comunitários, ecológicos, pacifistas ou o que seja. Nosso discurso moral se faz carne por nossa inserção nesses canais mediadores da construção histórica. Pastores assim, nos ensina a Conferência de Lambeth (dos bispos anglicanos) de 1978, tornam-se sinais e presença sacramental da igreja no mundo. A igreja é, muitas vezes, um obstáculo à evangelização do mundo. Em meu país, o que é considerado escândalo para a igreja é testemunho para o mundo, e aquilo que a igreja considera testemunho é escândalo para o mundo.

Creio que este é o tempo, para nós na América Latina, em que é necessário um certo nacionalismo religioso. Estamos fartos de livros, idéias, métodos, movimentos, técnicas e valores que vêm de fora para nos colonizar. Somos anglo-saxões morenos, corrompidos e acomodados pelo dinheiro ou pelas bolsas de estudo. Não é possível intercâmbio, porque não há o que cambiar. Temos de construir nossas expressões nacionais e regionais do cristianismo e diversificar nossos intercâmbios com outros povos e outros continentes.

Por outro lado, creio que as relações entre os evangélicos do Brasil e os da América Hispânica serão sempre limitadas pela barreira do idioma e das diferenças culturais. Nosso espaço preferencial, mas não exclusivo nem excludente, é com os países de fala portuguesa.

Vivemos em tempos de crise. O socialismo real fracassou e o capitalismo real é um fracasso permanente para dois terços do mundo. Há um vazio de utopias, com o risco conseqüente do cinismo e do autoritarismo. O neoliberalismo conservador ocupa o espaço como antiutopia, como ideologia da antiideologia. Não obstante, a derrocada do império soviético não nega as verdades do marxismo, nem suprime as contradições do capitalismo, tampouco suprime a busca humana pela liberdade e pela justiça.

Os anos 80 assinalaram entre a tendência libertária e democratizante na América Latina, África do Sul e Leste Europeu, e uma tendência reacionária representada pelo fundamentalismo islâmico e sionista, a era Reagan, Thatcher, Kohl, João Paulo II e pelo vírus da Aids. Quando os sistemas se abrem, alguns subsistemas tendem a se fechar. É o que acontece com círculos do nosso protestantismo. No protestantismo latino-americano, antes de substituímos as subdivisões pelo pluralismo respeitoso e tolerante, teremos ainda muitas lutas pelo caminho.

Conclusões

Creio firmemente que o desafio para a Fraternidade Teológica Latino-Americana para o final do século vinte é ser promotora de uma reavaliação e de uma reelaboração de utopias para o nosso tempo, em que a herança universal dos projetos libertários poderá ser sistematizada pelas óticas cristãs para nossos lugares e situações. Sem utopias, não há História. A inconformidade com a realidade é uma marca do *homo sapiens*, é o caminho para a construção da cultura. Para o cristão, essa inconformação tem uma dimensão ética: o repúdio ao mal e a busca do bem. Somos nostálgicos do Éden perdido e aspiramos à Nova Jerusalém. Como pecadores, vivemos a tensão e a distância entre o ideal e o real. Muitas vezes, lutamos contra algo negativo para, ao fim e a cabo, substituí-lo por outra negatividade. Mas devemos sempre lutar pelo melhor, em cada geração. Utopia não é o irrealizável, mas sim o que não foi ainda realizado.

O problema com as utopias contemporâneas reside no conceito da natureza humana: a bondade natural de Rousseau ou o homem imútavel de Maquiavel e Hobbes. Nós temos uma alternativa de realismo e esperança, de um pecador regenerável e redimível, atingido pelo amor e pela assistência de Deus. As utopias contemporâneas têm falhado por reduzir o ser humano apenas ao *homo faber*, o corpo como a peça para a máquina do trabalho, esquecendo-se de suas necessidades espirituais e lúdicas e sua necessidade de liberdade. A escatologia não nega a necessidade utópica, mas, ao contrário, a inspira nas construções possíveis, como sinais do Reino na História.

Paulo VI falou na América Latina como o espaço para a construção de uma civilização do amor. Marcuse advoga a possibilidade de uma civilização não repressiva, quando as necessidades básicas tenham sido atendidas, os valores espirituais elevados e uma erotização difusa conduza a uma civilização do prazer.

O Cristo de Deus que estava no Jesus histórico volta a encarnar-se em nossa militância pelas utopias. Militâncias em que o amor se manifesta concretamente. Hoje em dia, quando passa uma manifestação pelas ruas de minha cidade, minha inclinação é de juntar-me a ela primeiro e somente depois perguntar o que se passa. Meu Jesus Senhor é diferente do Jesus pacote ideológico da mensagem evangélica conservadora e do Jesus desdivinizado do humanismo liberal.

Gilberto Freire, o falecido sociólogo e antropólogo brasileiro, um ex-batista, decidiu romper com o protestantismo, chocado com o racismo do sul dos Estados Unidos da América e convencido do impacto destrutivo daquela religião para nossa cultura plástica, lúdica e sensual, a cultura luso-tropical. Em sua velhice, Freire comentou: Decidi,

então, sob influência de Unamuno, dar um caráter mais anárquico à minha vida. Analogamente, posso dizer do presente momento de minha vida que, sob a influência de Rogers, de Reich e de Marcuse, entre outros, decidi dar uma dimensão mais anárquica à minha fé evangélica holística e militante. Anárquica pelo reconhecimento do demoníaco e do pecaminoso nos poderes e instituições. Temos de ter uma santa iconoclastia, uma atitude permanente de questionamento dos ídolos, uma relativização de tudo, para que o Absoluto seja sobre tudo e sobre todos.

Em um artigo recente, Rubem Alves escreveu sobre (...) a insólita possibilidade de que o discurso político tenha a função não confessada de silenciar o discurso erótico. É sintomático - afirma - que, até agora, tanto os teólogos conservadores quanto os revolucionários não tenham sido capazes de elaborar um discurso prazeroso e muito menos um discurso sobre o prazer. A ética e a política me parecem ser a continuação moderna do ascetismo que faz silêncio sobre as vozes do corpo.

O *Homo politicus*, *economicus* e *religiosus* é também o *Homo ludicus* e o *Homo eroticus*. As vozes do corpo, sem fé e sem política, resultam no hedonismo frustrante; a política, sem fé e sem as vozes do corpo, resulta no fanatismo ascético dos que se casam com a pátria ou a revolução; mas a fé, sem política e sem as vozes do corpo (o caso dos evangélicos), resulta no suspiro erótico da histeria ou na ordem do homem religioso-homem fascista.

José Américo de Almeida, político e romancista brasileiro (paraibano), autor de *A bagaceira*, afirmou que os do nordeste temos sempre um pouco de Lampião, de Rui Barbosa e de Antônio Conselheiro, ou seja, um pouco de valente, de gênio e de místico.

Nosso homem brasileiro, afro-latino-ameríndio, gosta das orações e da dança, do samba e da lambada. Gosta do futebol, mas é valente nas greves e nas passeatas políticas pelas ruas. Como cristãos, como sal, adentremos esta rica cultura para resgatá-la e santificá-la, nunca para negá-la ou destruí-la. Cristãos como sal de um socialismo democrático renovado. Fé morena, quem sabe, de um neopentecostalismo erótico de esquerda, síntese de nossa identidade, utopia do nosso tempo, novo caminho evangélico para a América Latina.

Este é meu sonho. Este é o presente de minha peregrinação. E, como o apóstolo das gentes, posso dizer que: "Quando era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino" (1 Co 13.11).

CARO LEITOR:

Conheça e assine a revista *Ultimato*. Peça também nosso catálogo com todos os títulos da Editora Ultimato e veja as novidades. Escreva ou ligue para receber informações e, graciosamente, a última edição da revista.

EDITORIA ULTIMATO

Caixa Postal 43 - 36570-000 Viçosa - MG
 Telefone: (031) 891-3149 - Fax: (031) 891-1557
 E-mail: ultimato@homenet.com.br
www.homenet.com.br/ultimato

